

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

*Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino
fundamental*

Fernanda Martins França Pinheiro

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

São Carlos, Fevereiro de 2006.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

*Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino
fundamental*

Fernanda Martins França Pinheiro*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

* Bolsista FAPESP (processo nº. 04/03153-3).

São Carlos, Fevereiro de 2006.

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P654vi

Pinheiro, Fernanda Martins França.

Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental / Fernanda Martins França Pinheiro. -- São Carlos : UFSCar, 2006.

148 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Educação especial. 2. Crianças – violência doméstica. 3. Desenvolvimento infantil. 4. Escola - socialização. 5. I. Título.

CDD: 371.9 (20^a)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivalci e Irene, por tudo o que sou e ainda serei. Vocês são muito importantes para mim. Aos meus irmãos, Juliano e Ivalci Junio.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, um exemplo de profissionalismo, ética e dedicação. Seus ensinamentos e modelo acompanhar-me-ão para sempre.

Às professoras Ana Lúcia Aiello e Maria de Jesus Dutra dos Reis e a toda a turma da disciplina “Seminários em Educação Especial I”, no ano de 2004, que tiveram a paciência de ler tão cuidadosamente este trabalho, quando ainda era um projeto, e ajudaram a forjar essa Dissertação.

Aos professores Almir Del Prette, Rachel de Faria Brino e Tânia Maria Santana de Rose, membros da banca em meu Exame de Qualificação, que, por meio de críticas construtivas, contribuíram imensamente para a elaboração desta Dissertação.

À professora Mônica Rodrigues Campos, da Fundação Oswaldo Cruz, sem a qual teria sido impossível realizar as análises estatísticas desse trabalho.

Aos diretores, professores e alunos das escolas participantes, pela disponibilidade em colaborar com esta pesquisa. Espero que este trabalho possa ajudá-los a transformar a escola em um espaço livre de violência e, portanto, mais favorável à educação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro.

Aos companheiros do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, que transformam este espaço de trabalho num lugar rico em discussões inteligentes, que é, ao mesmo tempo, um ambiente descontraído e onde podemos dar boas gargalhadas.

Aos meus colegas e “auxiliares de pesquisa”: Alex, Aline Fávaro Dias, Camilla Magnet, Maria Fernanda Mião, Paulo e Valéria Gorgulho. A ajuda de vocês foi fundamental!

Aos colegas de graduação e de mestrado, Célia Cristina Nunes, Edson Huziwara, Luciana Luizzi e Melissa Zambon, pelo apoio nos momentos de incerteza, pela força, nos de desânimo, pelos bate-papos, pelas risadas, pelas dicas e muito mais. Apesar de conhecê-los há mais de seis anos, foi nos últimos dois que pude vislumbrar o quanto vocês são amigos especiais.

Às meninas do Bloco M e “agregadas” (Aline Folsta, Juliana Beloz, Maria Clara de Freitas, Núbia Rodrigues, Priscila Coghi, Sílvia Noguti e Thaíze de Souza Reis), à Julia Z. Rocca e à Patrícia Geórgia Brancalhona, sempre hospitaleiras, amigas, e que me receberam em suas casas com tanto carinho e disposição.

Por fim, ao meu marido, Paulo Roberto Pinheiro Amaral: não há palavras que possam expressar o quanto você é importante para mim. Obrigada pelo carinho, respeito, apoio, amor, pela amizade, felicidade e por todos os momentos que passamos juntos. Amo muito você!

RESUMO

Muitos estudos têm demonstrado que as crianças expostas à violência doméstica possuem mais chance de apresentar problemas de comportamento e de ajustamento na escola. Entretanto, poucos estudos têm verificado a relação entre diferentes tipos de violência doméstica e *bullying*. A presente pesquisa teve como principais objetivos: a) investigar a associação entre *bullying* e violência doméstica direta e indireta; b) verificar a cronicidade de violência doméstica nos subgrupos de alunos envolvidos em *bullying*; c) estabelecer se havia diferença entre os gêneros no que se refere a essas associações. Participaram do estudo 239 estudantes, que cursavam da 5ª à 8ª séries, sendo que 34,7% eram meninos e 65,3%, meninas. Um questionário foi construído, baseado em outros instrumentos, e continha: 12 questões sobre variáveis sócio-demográficas; 16 itens da “Escala de Tática de Conflitos Revisada” (CTS-2), com o objetivo de investigar a exposição dos estudantes à violência interparental física e psicológica; e 32 questões da “Escala de Táticas de Conflito entre Pais e Crianças” (CTSPC), que mediam a violência física e psicológica cometida por mães e pais contra os participantes. O envolvimento em *bullying* foi avaliado por meio de 26 itens, desenvolvidos especialmente para os propósitos desse estudo, baseados em uma versão modificada do questionário de Olweus. No geral, 49% dos alunos relataram envolvimento em *bullying* nos três meses anteriores à coleta de dados: 2,9% como autores, 25,5% como vítimas e 20,5% como vítimas-agressoras. Os meninos tiveram mais envolvimento em *bullying* como alvo/autores do que as meninas. Mais de 50% dos participantes testemunhou pelo menos um episódio de violência psicológica entre os pais e 12% dos estudantes foram expostos, também, à violência física interparental, sendo relatado que pais e mães se agrediam em igual proporção. Com relação à violência contra a criança, a violência psicológica foi a modalidade mais freqüente: 85% dos participantes relataram que suas mães haviam perpetrado esse tipo de violência contra eles e, 62%, sofreram essa violência por parte dos pais. A prevalência do abuso físico contra as crianças foi, também, alarmante: cerca de 70% dos alunos relatou ter sofrido punição corporal cometida pelos pais. Foram encontradas associações entre violência doméstica e *bullying*, com peculiaridades de acordo com o gênero dos participantes. Estar exposto à violência interparental esteve associado com ser alvo/autor de *bullying* na escola (especialmente para as meninas), mas não com ser vítima de intimidação. A violência parental direta, por sua vez, aumentou a chance dos garotos relatarem envolvimento em *bullying* como vítima e também a chance de ser vítima-agressora. Entre as meninas, sofrer violência por parte dos pais foi um fator associado somente com atuar em *bullying* como alvo/autor. Ser vítima-agressora, na presente pesquisa, significou ter mais chance de sofrer violência doméstica e que essa violência fosse mais crônica do que a relatada por alunos sem envolvimento em *bullying* ou que eram apenas alvo de intimidação. Devido ao baixo número de participantes classificados apenas como autores de *bullying*, não foi possível realizar análises estatísticas com esse grupo, o que foi uma limitação importante da presente pesquisa.

Palavras-chave: *bullying*; violência doméstica; violência contra a criança.

ABSTRACT

Many studies have shown that children exposed to domestic violence are at risk of presenting behavior problems and other adjustment problems at school. Nevertheless, few studies have assessed the relationship between different types of family violence and bullying. The primary purpose of the present investigation was to: a) examine the relationship between bullying and different types of direct and indirect family violence in Brazil; b) check the chronicity of family violence among student subgroups implied in bullying; c) establish if there are gender differences concerning these associations. The research was conducted with 239 grades 5-8 students, of which 34.7% were boys and 65.3% girls. A questionnaire was constructed based on other instruments, containing: 12 questions involving socio-demographic variables; 16 items of the *Revised Conflict Tactic Scale* (CTS-2), with the goal of examining the youngster's exposure to interparental physical and psychological violence; and 32 items of the *Parent-Child Conflict Tactics Scales* (CTSPC), concerning physical and psychological abuse committed by parents against children. Bullying and victimization were measured by 26 items developed specially for the study's purpose, based on a modified version of Olweus' questionnaire. It was found that, in the previous three months before the study, 49% of all students were implied in bullying: 2,9% as bullies, 25,5% as victims and 20,5% as bully/victims. It was found that boys were more implied as bully/victims than girls. More than 50% of the participants had witnessed at least one episode of interparental psychological aggression, and 12% of all students reported seeing physical violence between parents, with fathers and mothers showing an equal ratio of violence. In regards to child abuse, psychological violence was the most frequent modality, with 85% of participants reporting that they had been victimized that way by mothers and 62%, by fathers. The rates of physical assault were also alarming: about 70% of all students reported that they had suffered corporal punishment by parents, which is worrisome. Associations were found between bullying and domestic violence, but these associations were different according to gender. Being exposed to domestic violence was associated with being a bully/victim in school (especially for girls), but not with being a victim of bullying. On the other hand, parental violence increased the probability of boys reporting being implied in bullying as victims or as bully/victims. In terms of the girls, suffering parental violence was only associated as being a bully/victim. In this study, being an aggressive-victim meant having more chance of suffering domestic violence, and such violence was more severe than the one reported by students not implied in bullying or victims of bullying only. Due to the small amount of participants classified as bullies, it was not possible to do statistical tests, which was a limitation of the study.

Key-word: bullying, domestic violence, child abuse.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
<i>Bullying</i> : Um Tipo Especial de Violência na Escola.....	04
Caracterizando as Situações de <i>Bullying</i> e suas conseqüências para os Envolvidos.....	07
<i>Bullying</i> , Escola, Família e Violência Doméstica.....	10
Método.....	17
Participantes.....	17
Seleção da Amostra e Triagem dos Participantes.....	18
Local e Materiais.....	20
Procedimento.....	24
Tratamentos dos Dados.....	26
Resultados.....	31
Caracterização do <i>Bullying</i> : Auto-relato dos Participantes sobre o Envolvimento em Situações de <i>Bullying</i> , Tipos, Prevalência e Comparações por Gênero.....	31
Prevalência de Violência entre os Pais.....	36
Prevalência de Violência dos Pais contra os Participantes.....	39
Associações entre Violência Doméstica e <i>Bullying</i>	44
Cronicidade da Violência Doméstica entre os Pais, Segundo o Envolvimento dos Alunos em <i>Bullying</i>	62
Cronicidade da Violência Doméstica dos Pais contra os Participantes, Segundo o Envolvimento dos Alunos em <i>Bullying</i>	66
Correlações entre Violência Doméstica e <i>Bullying</i>	72
Discussão.....	78
1. Prevalência de <i>Bullying</i> e Considerações sobre os Diferentes Tipos de Intimidação na Escola.....	78
2. Violência entre os Pais.....	86
3. Violência Familiar contra a Criança.....	89

4. Relações entre Violência Doméstica e <i>Bullying</i>	91
4.1. Violência entre os pais e bullying.....	92
4.2. Violência contra a criança e bullying.....	95
Considerações Finais.....	101
Referências.....	105
Anexo 1.....	119
Anexo 2.....	121
Anexo 3.....	123
Anexo 4.....	137

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Prevalência de vitimização por <i>bullying</i> e comparações por gênero.....	33
Tabela 2: Prevalência de autoria de <i>bullying</i> e comparações por gênero.....	35
Tabela 3: Prevalência da violência do pai contra a mãe de acordo com o gênero.....	38
Tabela 4: Prevalência da violência da mãe contra o pai de acordo com o gênero.....	38
Tabela 5: Comparação entre as proporções de violência contra o participante perpetrada pelas mães e pelos pais.....	41
Tabela 6: Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência sofrida por parte da mãe e comparações por gênero.....	43
Tabela 7: Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência sofrida por parte do pai e comparações por gênero.....	44
Tabela 8: Prevalência de violência do pai contra a mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como vítima.....	46
Tabela 9: Prevalência de violência da mãe contra o pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como vítima.....	47
Tabela 10: Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como vítima.....	49
Tabela 11: Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como vítima.....	51
Tabela 12: Prevalência de violência do pai contra a mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como alvo/autor.....	55
Tabela 13: Prevalência de violência da mãe contra o pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como alvo/autor.....	56
Tabela 14: Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como alvo/autor.....	58
Tabela 15: Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de <i>bullying</i> como alvo/autor.....	61
Tabela 16: Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento dos alunos (no geral) em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	63
Tabela 17: Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento dos participantes do sexo masculino em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	64

Tabela 18: Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento das participantes do sexo feminino em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	66
Tabela 19: Escore médio de violência dos pais contra os participantes, segundo o envolvimento dos alunos (no geral) em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	67
Tabela 20: Escore médio de violência dos pais contra os participantes do sexo masculino, segundo o envolvimento destes em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	69
Tabela 21: Escore médio de violência dos pais contra as participantes do sexo feminino, segundo o envolvimento destas em situações de <i>bullying</i> , e comparações entre os grupos.....	71
Tabela 22: Análise de correlação entre <i>bullying</i> (vitimização, autoria e escore total) e violência entre os pais, no geral e de acordo com o gênero.....	74
Tabela 23: Análise de correlação entre <i>bullying</i> (vitimização, autoria e escore total) e violência dos pais contra os participantes, no geral e de acordo com o gênero.....	75

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Envolvimento dos participantes em episódios de <i>bullying</i> na escola, no geral e por sexo.....	32
Figura 2: Prevalência da violência entre os pais, segundo o auto-relato dos participantes.....	37
Figura 3: Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência dos pais contra eles.....	40

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema importante e crescente de saúde pública no mundo, dadas as suas sérias conseqüências para indivíduos, famílias, comunidades e países (Lopes Neto & Saavedra, 2003). As pesquisas apontam danos para a saúde física e mental de quem sofre a violência (Alves & Coura-Filho, 2001; Côrrea & Williams, 2000; Socías, 2003; Williams, 2001). Nas últimas décadas, esta passou a ser reconhecida como um fator de risco para o desenvolvimento humano.

A violência floresce quando há desigualdade de condições entre os envolvidos, ou seja, entre vítima e agressor (Williams, 2003). De fato, há autores que incorporam o desequilíbrio de poder entre as pessoas à própria definição de violência (Williams, 2003), como Chauí (1984), que diz:

Entenderemos por violência uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade, e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (p. 35)

A família e a escola, historicamente, sempre foram reconhecidas como locais de harmonia e segurança; enquanto o “mundo externo”, as ruas, eram considerados locais perigosos, onde as pessoas, especialmente mulheres e crianças, tinham maior

probabilidade de serem ameaçadas ou violentadas. Entretanto, pesquisas realizadas nas últimas décadas vieram desmistificar essa crença. Atualmente, estatísticas têm apontado o casamento e a família como contextos de grande incidência da violência (Saffioti, 1997; Soares, 1999). Da mesma forma que a família, o ambiente escolar vem se revelando como um local em que ocorrem depredações, roubos, agressões e ameaças tanto entre alunos, como entre alunos e professores (Abramovay & Rua, 2003; Egea, 2002; Sposito, 2001).

No lar, crianças podem ser abusadas de diversas formas, sendo vítimas diretas de agressão por parte dos pais ou presenciando atos de violência entre os adultos (Brancahorne & Williams, 2003) e ambas as formas constituem-se como fatores de risco ao desenvolvimento (Rae-Grant, Thomas, Offord, & Boyle, 1989). A existência de violência na família pode afetar o desenvolvimento de uma relação de apego seguro com os pais, dado que os pais dessas crianças, na maioria das vezes, não são responsivos ou respondem de forma inapropriada às necessidades dos filhos (Bolger, Patterson, & Kupersmidt, 1998). Como consequência, a criança pode adquirir um conceito negativo sobre relacionamentos e sobre si mesmo (por exemplo, a criança agredida pode sentir-se menos competente do que os colegas), o que afetará o modo como se relaciona com seus pares, visto que ela pode tomar uma postura defensiva ou mesmo agressiva ao lidar com os outros.

Além dos problemas advindos da falta de um apego seguro com os cuidadores, muitas pesquisas têm demonstrado que crianças que vivenciam violência doméstica (direta ou indiretamente) estão mais sujeitas a serem consideradas agressivas e a usar a violência como meio de resolver conflitos na escola (Côrrea & Williams, 2000; Jaffe, Wolfe, Wilson & Zak, 1986; Lisboa et al., 2002; Maldonado & Williams, 2005; Westra & Martin, 1981). Crianças agressivas podem ser rejeitadas pelos colegas e professores

na escola, o que gera estresse e afeta o processo de aprendizagem e de estabelecimento de relações de companheirismo (Lisboa et al., 2002). Um estudo conduzido por Blankemeyer, Flannery e Vazonyi (2002) verificou que o relacionamento criança-professor difere de acordo com o nível de agressividade da criança: crianças mais agressivas eram avaliadas de forma mais negativa por professores. Baker (1998) discute que essas crianças estão em desvantagem no que diz respeito à participação significativa na comunidade escolar: elas têm mais dificuldade em formar laços de amizade, podem ser mais rejeitadas por seus professores, que passam a lhes dar menos atenção e/ou apenas atenção negativa; esses fatos acabam aumentando o desajustamento da criança à escola e impedem que esta estabeleça um senso de pertencimento à escola, que é um fator de proteção muito importante para crianças de risco.

As relações entre pares têm papel fundamental no desenvolvimento humano, visto que relações saudáveis promovem o desenvolvimento do julgamento moral, da cooperação e da reciprocidade (Bolger et al., 1998) e podem servir como fator de proteção para as pessoas (Werner, 1990), ajudando-as a superar eventos adversos em suas vidas. A experiência escolar, por sua vez, também é um fator importante na vida de crianças e adolescentes, já que ela pode contribuir para diferentes trajetórias de desenvolvimento (Marturano, 1997; Marturano & Loureiro, 2003). No pólo positivo, a escola pode prover às crianças recursos de proteção, tais como instrumentação cognitiva (que contribui para a criança alcançar níveis cognitivos mais elevados) e outros recursos, por via indireta, por meio de mecanismos mediadores como promoção da auto-estima e abertura de oportunidades. No pólo negativo, o insucesso acadêmico interfere no que se refere à formação da auto-estima e auto-eficácia das crianças, impossibilitando a elas ter acesso a um poderoso fator de resiliência (Marturano, 1997).

Bolger et al. (1998) dizem que pesquisas sobre as conexões entre maltrato e relacionamentos entre pares são necessárias para entender e prevenir resultados negativos no desenvolvimento das crianças vítimas de violência doméstica. Este foi o objetivo do presente estudo, que procurou traçar relações entre a natureza da violência vivenciada em casa e as relações negativas com os colegas na escola, evidenciadas pelo envolvimento do aluno em situações de *bullying*.

***Bullying*: Um Tipo Especial de Violência na Escola**

O termo “violência na escola” diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais que ocorrem no ambiente escolar, o que inclui danos ao patrimônio, atos criminosos, conflitos interpessoais etc. (Lopes Neto & Saavedra, 2003). Charlot (2002) afirma que este fenômeno (violência na escola) não é novo, como professores e opinião pública tendem a considerar, embora as formas de violência tenham “evoluído” para situações mais graves – especialmente no século XX, a partir da década de 80 –, com registro de ocorrência de homicídios, estupros e agressões com armas dentro do ambiente escolar, cujos envolvidos em tais situações são pessoas cada vez mais jovens. Além disso, o número de intrusões externas (como grupos de gangues que entram na escola para “acertar contas” com membros de uma gangue rival) tem aumentado, assim como o número de agressões a docentes e funcionários das escolas (Charlot, 2002).

Uma das formas de violência escolar, que tem merecido grande atenção por parte dos pesquisadores nas últimas décadas, tem sido denominada, na literatura internacional, como *bullying*. *Bullying* é uma forma de violência freqüente ocorrida entre colegas na escola. Ela pode ser de natureza física, psicológica e/ou sexual (Batsche & Knoff, 1994) sendo definida como modalidade de violência na qual um ou

mais alunos agridem outro (ou outros), de forma repetitiva, por um determinado período de tempo (Williams, 2004). Diversos autores (Batsche & Knoff, 1994; Craig & Pepler, 2003; Genevat, Del Rey, & Ortega, 2002; Olweus, 2003) consideram que este é um fenômeno definido por três categorias: a intencionalidade do ato, a prolongação no tempo e o desequilíbrio de poder físico, psicológico ou social entre os envolvidos. Apesar de ser uma palavra de difícil tradução para o português¹, alguns autores têm utilizado o termo “intimidação” para se referirem ao fenômeno (Hayden & Blaya, 2002) e a autora do presente trabalho usará os dois termos como sinônimos.

De acordo com Batsche e Knoff (1994) o *bullying* é um problema que afeta cerca de 15% a 20% dos estudantes nos EUA, sendo, possivelmente, o tipo mais comum de violência nas escolas e o que atinge o maior número de estudantes. Estudos conduzidos em países como Inglaterra, Japão, Irlanda, Austrália e Canadá têm encontrado uma taxa de prevalência semelhante entre estes, indicando que a presença de intimidação na escola é mais frequente do que os pais e professores podem imaginar (Sudermann, Jaffe, & Schieck, 1996).

No Brasil, a pesquisa sobre a violência escolar, de acordo com Sposito (2001), começou após 1980 e ainda é incipiente, mas, segundo a autora, as principais modalidades descritas na literatura nacional são as ações contra o patrimônio – depredações, pichações – e as formas de agressão interpessoal, especialmente as ocorridas entre os próprios alunos.

Na revisão de literatura realizada pela autora da presente pesquisa, constatou-se que a maioria dos estudos sobre violência escolar realizados no Brasil não investigou diretamente a ocorrência de *bullying* (intimidação): foram encontradas apenas duas

¹ Lopes Neto e Saavedra (2003) defendem que não existe na língua portuguesa uma palavra equivalente ao termo *bullying*. Várias ações podem ser entendidas como atos dessa natureza, tais como: apelidar, ofender, humilhar, aterrorizar, ignorar, perseguir, intimidar, bater, assediar, roubar, dentre outras.

pesquisas que tiveram como objetivo específico investigar a prevalência desse comportamento entre estudantes brasileiros (Fante, 2005; Lopes Neto & Saavedra, 2003).

A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), desde 2002, vem realizando pesquisas na cidade do Rio de Janeiro com o intuito de investigar a ocorrência de *bullying* entre alunos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental e buscar estratégias de intervenção capazes de prevenir e reduzir a sua ocorrência (Lopes Neto & Saavedra, 2003). No primeiro estudo realizado (antes da implantação de programas de intervenção para a redução de *bullying* nas escolas pesquisadas), dos 5.482 alunos participantes, 40,5% relatou ter tido algum envolvimento direto em situações de *bullying*, seja como vítima e/ou como agressor. Os alunos-alvo (vítimas), no geral, declararam ser vítimas com maior frequência de apelidos, agressões, difamações e ameaças, e 63% desses alunos admitiram algum sentimento negativo diante de uma situação de *bullying*, como: ter medo, sentir-se mal, sentir raiva, ter preocupações com a sua imagem diante dos outros alunos e recusar-se a ir para a escola.

Fante (2005) realizou pesquisas sobre a prevalência de intimidação entre pares em cidades do interior paulista. Segundo a autora, do total de 1.761 alunos participantes de suas pesquisas, 49% estavam envolvidos em situações de *bullying* na escola, sendo que 22% eram vítimas, 15% agressores e 12% “vítimas-agressoras”.

Apesar de o *bullying* ser um fenômeno fartamente pesquisado no exterior, o estudo de sua ocorrência na população brasileira começou há pouco tempo. Mesmo com esse quadro, é importante dizer que o fenômeno já recebeu atenção por parte da mídia, como demonstram as reportagens divulgadas nas revistas “Época” (“Sutil e cruel agressão”, revista nº. 315, de 31/05/2004) e “Isto É” (“Maldade de menina”, revista nº.

1824, de 22/09/2004) e do Jornal “Folha de São Paulo” (“Violência moral pode levar jovem a reações extremadas”, 20/02/2003). A edição 178 (dezembro de 2004) da revista “Nova escola”, que é voltada para professores do ensino fundamental, também trouxe uma reportagem sobre *bullying*, cujo título era: “Como lidar com brincadeiras que machucam a alma”. A autora da presente pesquisa acredita que a divulgação do *bullying* na mídia e entre os educadores pode contribuir para que haja um interesse crescente sobre o estudo deste fenômeno no Brasil, sendo importante que a comunidade escolar esteja a par das descobertas realizadas.

Caracterizando as Situações de *Bullying* e suas Conseqüências para os Envolvidos

Os comportamentos violentos incluídos em *bullying* podem ser de dois tipos: as ações diretas e as indiretas ou emocionais (Lopes Neto & Saavedra, 2003). As ações diretas podem ser físicas (por exemplo, chutar, empurrar, bater, tomar pertences) ou verbais (apelidos e insultos, por exemplo). As ações violentas indiretas são aquelas tomadas com o intuito de fazer com que uma pessoa seja discriminada e/ou excluída de seu grupo social, o que pode ocorrer pela disseminação de boatos ou histórias desagradáveis sobre a pessoa. Dentre esses tipos de intimidação, as pesquisas têm encontrado que o *bullying* verbal é o que acontece com maior freqüência (Baldry, 2003; Duncan, 1999; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Ronning, Handegaard, & Sourander, 2004).

Tanto meninos como meninas cometem *bullying* contra os colegas, mas as pesquisas têm demonstrado uma maior proporção de autores de intimidação entre os garotos, especialmente quando há o uso de força física (Baldry, 2003; Bosworth, Espelage, & Simon, 1999; Craig & Pepler, 2003; Kristensen & Smith, 2003; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Ramírez, 2001). O *bullying* físico é pouco cometido pelas

garotas, que, tipicamente, usam meios mais sutis e indiretos para magoar e intimidar seus pares, tais como excluir a pessoa de seu grupo de amigos, espalhar boatos e dizer coisas desagradáveis sobre a vítima de forma a fazer com que outras pessoas se afastem desta (Craig & Pepler, 2003; Olweus, 2003; Simmons, 2002).

Os resultados das pesquisas sobre intimidação entre pares, geralmente, são bastante consistentes entre si no que diz respeito às diferenças entre os gêneros na autoria de *bullying*, mas o mesmo não pode ser dito em relação ao gênero das vítimas. Enquanto alguns autores (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Olweus, 2003; Ronning et al., 2004; Sudermann et al., 1996) afirmam que os meninos têm mais probabilidade de se declararem vítimas desse tipo de violência, outros pesquisadores não encontraram diferenças significativas entre meninos e meninas, sugerindo que o sexo não é um fator de risco para vitimização por *bullying* (Craig & Pepler, 2003; Duncan, 1999; Griffin & Gross, 2004).

Apesar de se falar em “vítimas” e “autores” de *bullying*, é preciso ressaltar que o envolvimento dos estudantes em situações de intimidação não se dá de forma dicotômica (ou seja, a pessoa não é necessariamente “a vítima” ou “a autora”). Espelage e Swearer (2003) destacam a importância de se analisar o *bullying* como um fenômeno de grupo, no qual os comportamentos dos estudantes são dinâmicos e variam de acordo com o contexto. Dessa forma, a literatura (Espelage & Swearer, 2003; Fante, 2005; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Olweus, 2003) reconhece que, numa mesma sala de aula, os estudantes podem estar envolvidos na situação de *bullying* como agressores (ou “autores”), vítimas (ou “alvos”), vítimas-agressoras (alunos “alvo/autores”) ou testemunhas e a manutenção ou não do *bullying* na sala de aula será influenciada pelas características dos envolvidos nessa situação (Olweus, 2003).

Independente do papel desempenhado, o fato é que a presença de violência torna o ambiente escolar um lugar hostil, propiciando um clima de aula tenso e gerando maus relacionamentos entre os alunos e mesmo entre estes e os professores (Egea, 2002). Socías (2003) analisa que a presença de violência na escola faz com que a ação educativa perca o sentido e se perverta em um contexto em que é possível o exercício do abuso de poder, reforçando o medo e a submissão. Tal abuso, sem dúvida, é um desvio indesejável ao objetivo básico da educação que, de acordo com o artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1989), visa “o pleno desenvolvimento da pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (p. 21).

O impacto do *bullying* é amplo para todos os envolvidos (Sudermann et al., 1996). As vítimas de *bullying* experenciam danos psicológicos significativos, o que interfere em seu desenvolvimento social, acadêmico e emocional. Problemas emocionais – tais como medo, ansiedade, depressão e baixa auto-estima – são comuns em pessoas vítimas de violência, e não é surpreendente que vítimas de *bullying* apresentem tais sintomas (Bosworth et al., 1999; Ronning et al., 2004). Algumas vítimas passam a evitar a escola e as interações sociais, e isso pode afetar o seu desempenho escolar (Berthold & Hoover, 2000; Lopes Neto & Saavedra, 2003). Além disso, o abuso crônico por parte de colegas da escola tem sido relacionado, na literatura, como um fator de risco para o comportamento suicida entre adolescentes (Carney, 2000). Muitos dos problemas acima citados continuam mesmo após a pessoa ter deixado a escola e estudos mostram que vítimas de *bullying*, em comparação com pessoas que não foram vítimas de tal violência, têm mais probabilidade de sofrer depressão e rebaixamento de auto-estima na idade adulta (Duncan, 1999).

Os autores de *bullying* são recompensados por obterem, em curto-prazo, o que desejam (ex., *status*, poder, objetos materiais). Entretanto, se esse comportamento não

for modificado para formas mais adequadas socialmente, o uso da violência pode se consolidar como uma forma de resolução de conflitos (Baker, Cunningham, & Male, 2002; Berthold & Hoover, 2000; Pearce & Thompson, 1998). A longo prazo, isso pode trazer conseqüências desastrosas para a vida dos autores de *bullying*, tais como envolvimento em situações de violência doméstica, delinqüência e outros crimes (Craig & Pepler, 2003; Griffin & Gross, 2004). Uma pesquisa realizada por Berthold e Hoover (2000), cujo objetivo foi o de investigar características sócio-comportamentais associadas ao envolvimento em situações *bullying*, encontrou, como fatores associados à autoria de intimidação entre estudantes de 4ª a 6ª série do ensino fundamental, uso de álcool e tabaco, sexualidade precoce, cometimento de pequenos roubos em lojas e maior acesso a armas.

As testemunhas dessa violência, embora não tendo envolvimento direto, relatam sentimentos negativos em relação ao *bullying* (por exemplo, sentir-se mal, ter medo de vir a ser vítima), podendo desenvolver ansiedade e medo em relação aos ambientes onde o *bullying* ocorre (Sudermann et al., 1996). Lopes Neto e Saavedra (2003) alertam para o fato de que a falta de iniciativa da escola em divulgar a inadequação do *bullying* pode fazer com que alguns alunos acreditem que o uso de comportamentos agressivos contra os colegas é o melhor caminho para alcançar a popularidade ou o poder (dado que os agressores são temidos e “respeitados” pelos outros colegas), e esses podem acabar se tornando autores de *bullying*.

***Bullying*, Escola, Família e Violência Doméstica**

Vários são os fatores que contribuem para a ocorrência da intimidação entre pares na escola (Batsche & Knoff, 1994; Carney & Merrel, 2001; Sudermann et al., 1996). Algumas características do indivíduo, da família e da escola estão amplamente

relacionadas com a existência e manutenção do *bullying*, sendo principais as listadas a seguir:

a) **Características individuais:** Os autores de *bullying* geralmente são pessoas impulsivas, que se frustram facilmente; possuem crenças que apóiam a agressão (Bosworth et al., 1999; Espelage & Swearer, 2003; Sudermann et al., 1996); têm pouca empatia; relatam sentir-se bem ao atormentarem os outros e têm uma visão “positiva” da violência (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Pearce & Thompson, 1998); possuem um bom nível de auto-estima e são fisicamente mais fortes do que as vítimas (Olweus, 2003; Ramírez, 2001).

Olweus (2003) indica que há dois tipos de vítimas de *bullying*: a vítima passiva (ou submissa), que é o tipo mais comum, e a vítima “provocativa”, também chamada de “vítima-agressora” (ou aluno “alvo/autor”), cujo comportamento pode gerar reações negativas de grande parte da sala.

As crianças que se tornam vítimas constantes de agressão e intimidação na escola tendem a ter um temperamento mais quieto e tímido que, em algumas ocasiões, leva-as ao retraimento e isolamento social (Ramírez, 2001; Sudermann et al., 1996); elas têm poucas habilidades sociais e não dispõem de recursos, *status* ou habilidade para reagir ou fazer com que o *bullying* cesse (Lopes Neto & Saavedra, 2003) e costumam ser mais ansiosas e inseguras do que seus pares (Kristensen & Smith, 2003). Essas pessoas, geralmente, são fisicamente mais fracas ou com algum tipo de desvantagem física, o que, aliado à falta de habilidades sociais e de apoio social (dado que elas têm poucos amigos), torna-as vítimas preferenciais de intimidação (Ramírez, 2001; Sudermann et al., 1996). Na maior parte das vezes, a agressão por *bullying* é praticada sem que haja qualquer tipo de provocação por parte da vítima, mas, para cerca de 15% a 20%

dos casos de vitimização, constata-se que essas crianças tendem a demonstrar um comportamento social irritante ou inapropriado, o que gera rejeição social e *bullying* (Olweus, 2003; Sudermann et al., 1996). Ao contrário das vítimas passivas, essas crianças tendem a ser hiperativas e revidam de forma agressiva quando são insultadas ou provocadas (Kumpulainen & Räsänen, 2000). Muitas vezes elas são alvo e autores de *bullying*, uma vez que tendem a intimidar crianças mais jovens ou mais fracas do que elas.

b) **Características da escola:** O ambiente escolar tem sido reconhecido como um dos mais importantes contextos de socialização para crianças e adolescentes. Esse contexto pode tanto promover relações saudáveis e aquisição de conhecimentos e habilidades importantes para um bom desenvolvimento (agindo como uma fonte de recursos e fatores de proteção), como também potencializar fatores de risco, o que acontece, por exemplo, quando as escolas não conseguem prover um contexto social e de aprendizagem adequado para os seus estudantes, o que acaba gerando o fracasso escolar e a exclusão dos alunos tidos como “problemas” (Baker, 1998).

Nesse sentido, alguns autores (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Pearce & Thompson, 1998) reconhecem que, por si só, a escola pode influenciar o desenvolvimento do comportamento agressivo e *bullying* entre seus alunos. Especificamente falando sobre a intimidação entre pares, sabe-se que esse comportamento ocorre com mais frequência em escolas com alta rotatividade de professores, padrões de comportamento não estabelecidos, métodos de disciplina inconsistentes, pouca organização, supervisão inadequada e falta de consciência das crianças como indivíduos (Pearce & Thompson, 1998).

O clima social da escola também influencia significativamente o engajamento dos estudantes em comportamentos agressivos (Baker, 1998). Se os membros da escola (professores, diretores, alunos e outros funcionários) aceitam o *bullying* como um comportamento normal ou ignoram essa prática, essa conduta tende a se manter, perpetuando a violência na escola e deteriorando o clima escolar (Espelage & Swearer, 2003). Por esta razão, os programas “anti-*bullying*” usam, como uma das primeiras estratégias de ação, divulgar a inadequação do *bullying* no ambiente escolar (Fante, 2005; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Newman-Carlson & Horne, 2004; Olweus, 2003).

c) **Características da família:** Pesquisas indicam que os alunos que são autores de *bullying* na escola, em sua maioria, provêm de lares onde há utilização de violência física como forma de disciplina; a família é descrita como hostil, permissiva e pouco afetuosa; os pais têm poucas habilidades de resolução de conflitos e ensinam suas crianças a revidarem ante a mínima provocação (Batsche & Knoff, 1994; Haynie et al., 2001).

Berdondini e Smith (1996) avaliaram aspectos da coesão familiar em três grupos de crianças: um composto por vítimas de *bullying*; outro, por autores; e o terceiro, chamado de “grupo controle”, com crianças sem envolvimento em situações de *bullying*. Os autores verificaram que o grupo de crianças que cometia *bullying* contra os pares tinha uma maior probabilidade de não ter uma figura paterna em casa e de ter uma menor coesão familiar do que os outros dois grupos. As vítimas de intimidação, por sua vez, demonstraram uma coesão familiar adequada, mas tinham famílias mais superprotetores do que seus pares.

Apesar de existirem pesquisas relacionando características familiares da criança e seu envolvimento em *bullying*, poucos estudos têm examinado as associações entre as

práticas parentais agressivas e exposição à violência doméstica, com *bullying* e vitimização (Baldry, 2003; Haynie et al., 2001).

Duncan (1999) realizou uma pesquisa com calouros de uma universidade onde os participantes responderam a questionários que mediam a exposição à violência doméstica (física, psicológica e sexual), a vitimização por pares na infância e os níveis atuais de "sofrimento psicológico". Os participantes que relataram ter sido alvo de *bullying* na infância tiveram níveis mais altos de abuso físico e psicológico por parte dos pais. Foi constatado, também, que havia um maior número de vítimas de abuso sexual entre as vítimas de *bullying* do que entre as não-vítimas. Os maiores níveis de sofrimento psicológico foram encontrados entre aqueles participantes que foram vítimas de violência doméstica e *bullying* (aqueles que relataram apenas um dos tipos de violência ou nenhum tipo tiveram índices mais baixos).

Entre os estudos que procuraram identificar a relação entre violência doméstica e *bullying*, destaca-se a pesquisa realizada por Baldry (2003), que investigou a relação entre *bullying*/vitimização na escola e exposição à violência entre os pais, em uma população de 1059 crianças de 8 a 15 anos, na cidade de Roma e região. Os participantes de sua pesquisa responderam a um questionário anônimo, que continha itens os quais mediam o envolvimento do participante em atos de *bullying* (como autor ou vítima), bem como itens que investigavam a exposição do participante à violência física e verbal entre os pais. Os itens que mediam o envolvimento em *bullying* foram baseados no "Questionário do *Bully* e da Vítima", desenvolvido por Olweus, que foi o pesquisador a dar início aos estudos sobre tal tema. A medida de violência entre os pais foi retirada da "Escala de Táticas de Conflitos" (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) e consistia em 10 itens, cinco deles medindo a violência do pai contra a mãe e cinco medindo a violência da mãe contra o pai. Esta escala foi adaptada de

forma que os alunos pudessem relatar a violência entre os pais; o questionário foi aplicado na própria sala de aula dos alunos por dois pesquisadores treinados para tal finalidade.

Os resultados encontrados por Baldry (2003) indicaram que mais da metade dos participantes relatou envolvimento em situações de *bullying*, nos três meses anteriores à pesquisa, sendo que 48.3% dos participantes indicou ter cometido atos de *bullying* contra outros estudantes e 59% disse ter sido vítima de tal agressão no período acima referido. Os resultados também mostraram que as crianças que relataram ter presenciado episódios de agressão entre os pais tinham maior risco de cometer violência contra os pares, bem como de ser vítimas de intimidação. A autora, entretanto, apontou como um fator limitante de seu estudo o fato de que a violência doméstica contra a criança foi abordada em apenas uma questão, não sendo possível, dessa forma, medir o grau de agressão ao qual a criança era submetida.

Tendo como referência o estudo de Baldry (2003), o objetivo da presente pesquisa foi investigar se a exposição à violência doméstica física e psicológica (de forma direta e/ou indireta) era um fator relacionado à ocorrência de intimidação entre pares (*bullying*) na escola. Esse objetivo incluiu a análise das situações de *bullying* e a violência doméstica, às quais os participantes estavam expostos (verificando a prevalência e cronicidade dessas violências), bem como a análise de possíveis diferenças entre os gêneros. A população estudada foi a de alunos de 5^a à 8^a séries, que, de acordo com Camacho (2001), são as classes em que os professores relatam incidir os maiores problemas de indisciplina e violência.

A relevância científica deste estudo advém do fato de que, apesar de existirem muitas pesquisas em outros países sobre *bullying*, aqui no Brasil este fenômeno ainda é pouco estudado. As duas pesquisas realizadas (Fante, 2005; Lopes Neto & Saavedra,

2003) indicam que a realidade brasileira é semelhante à realidade de outros países, mas são necessárias outras pesquisas (com diferentes metodologias) para que possamos refinar o conhecimento até agora gerado. O estudo atual, também, vem para contribuir com o conhecimento sobre a associação entre violência doméstica e intimidação entre pares, uma questão onde ainda há lacunas, mesmo quando se consideram as pesquisas internacionais.

MÉTODOS

Participantes:

Participaram deste estudo 239 alunos (34.7% do sexo masculino e 65.3% do sexo feminino) que cursavam da 5ª à 8ª série do ensino fundamental, em três escolas públicas de São Carlos, interior de São Paulo. Os alunos tinham entre 11 e 15 anos de idade. Os critérios para a inclusão dos estudantes na análise foram os seguintes: morar com pelo menos um dos pais, ter o consentimento do responsável (por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e dar seu próprio consentimento assinado.

Em relação às características sócio-demográficas, constatou-se que a maioria dos participantes se declarou como sendo da cor branca (42.3%) ou parda (41.8%). No geral, 13% dos participantes se declararam como negros e apenas 2,9% dos alunos disseram ser da raça/etnia amarela ou indígena. A idade média dos participantes foi de 13 anos, sendo que 79.5% destes tinham entre 12 e 14 anos de idade. A maioria dos estudantes morava com o pai e a mãe (74.5%) ou apenas com a mãe (15.9%), seguidos por aqueles que moravam com a mãe e o padrasto (7.9%) e apenas com o pai (1.7%).

Do total de participantes, 73,6% pertenciam às classes econômicas C e D, embora existam diferenças marcantes de classe econômica considerando o conjunto de alunos de cada escola. A escola B foi aquela em que os alunos tiveram a menor renda, com 97.8% deles vivendo em lares cuja renda estimada da família era inferior a R\$ 927,00 (3,5 salários mínimos). Na escola A, a proporção de alunos que foram classificados nas classes C e D ficou em 52.7%, sendo que o restante (47.3%) foi classificado nas classes B2, B1 e A2; aqui, a renda estimada da família era superior a seis salários mínimos. Por fim, na escola C, 70% dos alunos pertenciam às classes econômicas C e D e 30% pertenciam a classes superiores. Esse resultado era esperado,

uma vez que, embora todas as escolas fossem de bairros da periferia, o censo realizado no ano 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003) mostrou, na cidade onde a pesquisa foi realizada, que a renda média da população variava bastante de um bairro para outro: era de cerca de R\$ 720,00, no bairro onde estava localizada a escola A; de R\$ 270,00, no bairro da escola B, e os habitantes do bairro, onde se localizava a escola C, tinham uma renda média de R\$ 580,00.

Seleção da Amostra e Triagem dos Participantes:

Inicialmente a pesquisadora realizou contato com a Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade, a fim de obter autorização para a realização da pesquisa em suas escolas públicas. O projeto foi aprovado pelo “Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos” da UFSCar (protocolo 077/04, Anexo 1).

Após a autorização da SME, a pesquisadora entrou em contato com os três diretores de escolas que possuíam classes de 5^a à 8^a série e informou sobre os objetivos da pesquisa e o procedimento para a triagem dos alunos e coleta de dados. Todos os diretores aceitaram que o estudo fosse realizado em suas escolas. Foram também realizadas reuniões com o corpo docente de cada escola de forma a apresentar o projeto de pesquisa, esclarecer as dúvidas dos professores a respeito dos procedimentos de coleta de dados e estabelecer um cronograma para a realização do estudo. Entendeu-se que esta reunião seria essencial para obter a colaboração dos professores, dado que, nos passos posteriores, a pesquisadora utilizaria alguns momentos das aulas para a divulgação da pesquisa entre os alunos, distribuição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e mesmo para a coleta de dados.

No total, as escolas tinham 36 salas de aula e cerca de 1.200 alunos nas séries desejadas. Ficou decidido com os diretores que a pesquisadora entraria em contato com uma turma de cada série da escola (sendo estas definidas por sorteio): quatro turmas da

escola A (5^a à 8^a), três da escola B (5^a à 7^a) e três da escola C (6^a à 8^a). Com esse procedimento, a pesquisadora esperava entrar em contato com aproximadamente 330 alunos, e a estimativa de adesão à pesquisa era de pelo menos 50% destes.

Passou-se, então, para a fase de contato com os alunos. A pesquisadora foi a cada sala de aula sorteada e explicou aos estudantes o conceito de intimidação entre pares (*bullying*), os objetivos da pesquisa e os cuidados éticos envolvidos (como a natureza anônima do roteiro de questões e a necessidade de autorização de um dos responsáveis). Como forma de incentivar os alunos a aderirem ao estudo, a pesquisadora realizou o sorteio de um conjunto de canetas coloridas entre os escolares que aceitaram levar o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – versão pais” (Anexo 2), para que os pais pudessem tomar ciência da pesquisa e autorizar ou não a participação de seu filho. Esses sorteios também foram realizados posteriormente (no dia do recolhimento do TCLE assinado pelos pais e no dia da coleta de dados), de forma a incentivar os alunos a entregarem, na data estabelecida, os TCLE assinados pelos pais e também para que os estudantes não faltassem à aula no dia da coleta de dados.

Mesmo com o sorteio de brindes, o número de alunos que manifestou interesse em participar da pesquisa foi baixo (inferior a 50% do número total de alunos) em quatro das 10 salas de aula que a pesquisadora havia sorteado previamente. Dessa forma, a pesquisadora solicitou autorização da direção das escolas no sentido de entrar em contato com outras salas equivalentes. Assim, a pesquisadora divulgou a pesquisa para aproximadamente 455 alunos, de 14 salas de aula. O retorno do TCLE, nesse primeiro momento, foi alto entre os alunos de 5^a série (cerca de 90% destes entregaram o TCLE assinado), mas nas outras séries foi menor (cerca de 50% dos alunos que haviam aceitado levar o termo para os pais devolveram-no assinado).

A pesquisadora voltou a convocar alunos no dia anterior à coleta de dados. Nesse dia, muitos alunos, que não haviam manifestado interesse em levar o TCLE para os pais, decidiram pegar o termo e pedir aos pais que autorizassem sua participação porque ficaram sabendo que a coleta de dados seria no horário de aula.

No final, 274 alunos devolveram os TCLE assinados pelos pais; sendo que 26 não chegaram a participar da pesquisa, porque faltaram à escola no dia estabelecido para a coleta de dados, totalizando 248 alunos participantes. Destes, nove foram excluídos da análise, porque moravam com outros parentes que não eram seus pais (moravam com irmãos ou tios), sendo aproveitados, então, 239 questionários.

Local e Materiais:

A coleta de dados ocorreu nas próprias escolas. A maioria dos alunos respondeu as questões na própria sala de aula, mas, em alguns momentos, foi necessário utilizar a biblioteca ou o refeitório da escola como local de aplicação do questionário.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário (Anexo 3), com questões prioritariamente fechadas, subdividido em quatro partes: identificação, conflitos na escola, conflitos entre os pais, conflitos entre os pais e criança. Esse roteiro foi construído com base em outros instrumentos, descritos com mais detalhes abaixo. Antes da coleta de dados, o instrumento foi testado em duas classes de 5ª série de uma escola pública municipal de São Carlos (57 alunos no total), para verificar o tempo médio gasto em seu preenchimento, assim como possíveis problemas no entendimento das questões e na forma de respondê-las. Além disso, o roteiro foi enviado para três professores universitários, com experiência na área de pesquisa em violência doméstica e violência na escola, para que eles avaliassem a adequação das questões ao propósito da pesquisa (especialmente para os itens que mediam “intimidação” ou *bullying*) e atuassem como juízes sobre a adequação das categorias descritivas.

As partes que constituíam o roteiro foram:

I. Identificação: roteiro semi-estruturado contendo 12 perguntas que investigavam variáveis sócio-demográficas a respeito do participante e de sua família, tais como: sexo; idade; raça; religião; número de pessoas que moravam na sua casa; quem eram as pessoas com quem o participante morava; profissão das pessoas da família; escolaridade dos pais; número de cômodos na casa e nível sócio-econômico da família. Para determinar o nível sócio-econômico, foi utilizado o procedimento proposto pela “Associação Nacional de Empresa de Pesquisa” (Associação Nacional de Empresa de Pesquisa, 2003), que estima a renda da família por meio do seu poder de compra, conhecido como Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB).

II. Conflitos na escola: esta parte continha uma breve introdução - adaptada da definição criada por Olweus (1996, citado por Currie, Samdal, Boyce, & Smith, 2001) - que explicava o conceito de intimidação (*bullying*) e 13 itens que avaliavam o envolvimento do participante em atos de intimidação como vítima e 13 que mediam seu envolvimento como agressor. Os participantes deveriam responder a cada questão com base na ocorrência do episódio nos três meses anteriores à pesquisa.

Das 26 questões, 14 foram traduzidas do protocolo de pesquisa desenvolvido pela “*Organization for Health Behaviour in School-Aged Children*” (Currie et al., 2001), que utilizou o questionário de Olweus (1996) para medir o envolvimento de crianças e adolescentes em situações de *bullying*. As questões traduzidas desse protocolo, no instrumento aqui descrito (Anexo 3), são as questões 13a a 13g e 14a a 14g. Na versão da vítima, estas questões são: a) *algum colega me chamou de nomes feios, fez brincadeiras de mau gosto a meu*

respeito, ou me provocou de um jeito ofensivo; b) outros estudantes me deixaram de fora de propósito, me excluíram de seu grupo de amigos ou me ignoraram por completo; c) alguém me bateu, chutou, empurrou, sacudiu, ou me trancou dentro de algum lugar; d) outros estudantes disseram mentiras ou espalharam rumores falsos a meu respeito e tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim; e) eu fui ridicularizado por causa de minha raça ou cor; f) eu fui ridicularizado por causa de minha religião; g) outros estudantes fizeram piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual a meu respeito.

As questões “h” (tirar ou sumir com pertences), “i” (bilhetes ou mensagens por telefone/ *e-mail* com ameaças ou dizendo coisas desagradáveis), “j” (apelidos ou nomes ofensivos) e “m” (ameaças de agressão física) foram acrescentadas pela autora, baseado na literatura revista para a elaboração do projeto, a fim de se obter um melhor detalhamento das situações de *bullying*. As questões “l” (ridicularização por traços físicos) e “n” (ridicularização por marcas sociais de pobreza), por sua vez, foram acrescentadas por sugestão de um dos juízes que havia avaliado o questionário, por considerar tais atos de *bullying* importantes de serem investigados no Brasil.

Cada situação descrita possuía cinco possibilidades de respostas fechadas, as mesmas utilizadas na pesquisa de Baldry (2003), que eram: “nenhuma vez”, “1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses”, “2 ou 3 vezes por mês”, “1 vez por semana”, e “várias vezes por semana”.

III. **Conflitos entre os pais:** os alunos responderam a uma versão traduzida e adaptada pelo IBGE da "Escala de Táticas de Conflito Revisada", o CTS-2, de Straus et al. (1996), que tinha questões bastante semelhantes às utilizadas por Baldry (2003) e possuía a vantagem de já ser um instrumento utilizado no Brasil

(como em Brancalhone, Fogo, & Williams, 2004; Hasselmann & Reichenheim, 2003; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1999; Maldonado, 2003).

O instrumento original é composto por 78 questões, divididas em cinco subescalas (negociação, agressão psicológica, agressão física, coerção sexual e injúrias), que devem ser respondidas pelo casal ou por um dos parceiros. Para os propósitos do presente estudo, no entanto, foram selecionados apenas os itens presentes na adaptação do IBGE referentes à violência física e à violência psicológica, totalizando 16 itens. Oito itens eram referentes à violência do pai ou figura paterna (como padrasto, namorado da mãe) contra a mãe ou figura materna (como madrasta, namorada do pai). O restante referia-se à violência da mãe ou figura materna contra o pai ou figura paterna.

O enunciado das questões foi adaptado de forma que o aluno pudesse relatar a frequência com que presenciou os pais se agredindo, por exemplo, com chutes, empurrões, xingamentos, ameaças e outros atos. Tal adaptação já foi realizada em outras pesquisas que mediam a exposição dos filhos à violência conjugal, como fizeram os estudos de Henning, Leitenberg, Coffey, Benett e Jankowski (1997), O'Brien e Chin (1998) e Baldry (2003).

Da mesma forma que no estudo de Baldry (2003), as respostas às questões foram dadas em uma escala com cinco possibilidades: “nunca”, “sim, aconteceu 1 vez”, “sim, aconteceu algumas vezes”, “sim, aconteceu muitas vezes”, “sim, sempre acontece”.

IV. **Conflito entre pais e crianças:** Para medir a violência física e psicológica, à qual o participante estava exposto de forma direta, foram utilizadas as subescalas de agressão física e psicológica da "Escala de Táticas de Conflito entre Pais e Crianças" (*Parent-Child Conflict Tactics Scales - CTSPC*),

de Straus, Hamby, Finkelhor, Moore e Runyan (1998). Originalmente, esse instrumento é composto por uma escala principal, que contém 44 questões, abrangendo táticas incluídas nas seguintes subescalas: disciplina não-violenta; agressão psicológica e agressão física. Além desses tópicos, existem escalas suplementares que investigam atos de negligência, abuso sexual e “disciplina semanal”, ou seja, a que formas de punição a criança foi exposta na última semana.

No instrumento original, a subescala de violência física tem 26 itens e a de violência psicológica 10 itens, metade deles medindo o uso da violência por parte da mãe (ou figura materna) e a outra metade medindo o uso da violência por parte do pai (ou figura paterna). Esses itens foram traduzidos pela autora para o português, revisados por uma tradutora e depois testados em uma amostra piloto (57 alunos da 5ª série de uma das escolas onde foi realizada a coleta de dados). Após a análise semântica, quatro questões foram resumidas em duas e a adaptação final ficou com 32 questões. As respostas a essas questões, assim como na parte de conflitos entre os pais, foram: “nunca”, “sim, aconteceu 1 vez”, “sim, aconteceu algumas vezes”, “sim, aconteceu muitas vezes”, “sim, sempre acontece”.

Procedimento:

Para a coleta de dados foram recrutados seis auxiliares de pesquisa (alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial). Esses auxiliares receberam um breve treinamento sobre o instrumento e foram instruídos a auxiliarem os alunos, tirando-lhes dúvidas e conferindo se eles estavam respondendo as questões de forma adequada (por exemplo, marcando apenas uma opção por questão).

No dia da coleta de dados, a pesquisadora foi até cada sala de aula e separou os alunos que iriam participar da pesquisa daqueles que não participariam; estes realizariam atividades programadas pelos professores em outro local. Quando o número de alunos não-participantes na classe foi maior do que o de participantes, a pesquisadora retirou estes da sala de aula e os levou para outro local para que pudessem responder ao questionário.

A coleta de dados iniciou-se com a entrega dos “Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - versão alunos” (Anexo 4) para serem lidos e assinados pelos participantes. Após os TCLE terem sido assinados, os questionários e as canetas foram distribuídos aos alunos, e a pesquisadora deu algumas instruções breves sobre o instrumento a ser respondido: os alunos deveriam ler atentamente cada questão, marcando apenas uma alternativa no caso das questões fechadas e, se não entendessem alguma pergunta ou palavra, eles poderiam pedir auxílio à pesquisadora ou a um dos auxiliares de pesquisa. A pesquisadora fez também uma breve explanação sobre o conceito de intimidação, seguindo a definição apresentada no questionário.

Os alunos foram instruídos a levantar a mão após terminarem, de modo que a pesquisadora ou um dos auxiliares pudesse recolher o questionário e conferir rapidamente se não havia questões em branco ou com respostas duplas. Todos os alunos concordaram com o procedimento e começaram a responder ao questionário. Quando todos os alunos participantes terminaram de responder, a pesquisadora agradeceu a sua participação e foi realizado o sorteio de dois conjuntos de canetas coloridas entre os participantes.

Tratamento dos Dados:

Inicialmente, foram realizadas análises descritivas para avaliar a prevalência de *bullying* e de violência doméstica, no geral e de acordo com o gênero. Para tanto, criou-se uma versão dicotômica de todos os itens que mediam *bullying*, violência entre os pais e violência dos pais contra os participantes, sendo os critérios relacionados a seguir:

- a) *Bullying*: as respostas “nenhuma vez” e “1 ou 2 vezes nos últimos três meses” foram definidas como “não envolvimento” em *bullying* (recebendo o valor “zero” no banco de dados) e as demais respostas – “2 ou 3 vezes por mês”, “1 vez por semana” ou “várias vezes por semana” – foram classificadas como “envolvimento” (e receberam o valor “um”). Optou-se pelo critério mínimo de “2 ou 3 vezes por mês” para entender que o participante havia sido vítima e/ou autor de intimidação, uma vez que a repetitividade dos atos é um fator fundamental para se classificar os comportamentos agressivos entre pares como *bullying*.
- b) Violência doméstica: as respostas nas escalas que mediam a violência entre os pais e violência dos pais contra a criança eram as mesmas (cinco possibilidades de escolha, indo de “nunca” a “sim, sempre acontece”) e o critério para classificar o aluno como sendo vítima de violência doméstica direta ou indireta também. Para cada pergunta, os alunos que marcaram a opção “nunca” foram classificados como “não expostos” àquela violência e os que marcaram qualquer outra resposta (de “sim, 1 vez” a “sim, sempre acontece”) foram considerados “expostos” à violência.

Além da prevalência para cada ato específico investigado no questionário, foi calculada a prevalência por categorias. Cada categoria englobava um conjunto de perguntas do questionário, descritas a seguir:

- 1) *Bullying* (questão 13 avaliava a vitimização e questão 14, autoria de *bullying*):
 - a) *Bullying* indireto: “exclusão social” (letra “b”) e “mentiras, rumores falsos” (letra “d”).
 - b) *Bullying* verbal direto: “xingamentos, brincadeiras de mau gosto, provocações” (“a”); “ridicularização por causa de raça ou cor” (“e”); “ridicularização por causa de religião” (“f”); “piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual” (“g”); “bilhetes ou mensagens (telefone/internet) com ameaças” (“i”); “apelidos ou nomes ofensivos” (“j”); “piadinhas sobre característica física” (“k”); “piadinhas sobre roupa ou sapato” (“l”); “ameaças de agressão física” (“m”).
 - c) *Bullying* físico direto: “agressão física com chutes, empurrões etc.” (“c”) e “ter os pertences tomados/tomar pertences” (“h”).
- 2) Violência entre os pais (questão 15 avaliava “violência do pai contra a mãe” e a questão 16, a “violência da mãe contra o pai”):
 - a) Violência psicológica: “insultar ou xingar” (“a”); “gritar” (“b”); “ameaçar bater ou atirar alguma coisa” (“c”); “jogar, amassar, bater ou chutar algo durante uma briga” (“d”).
 - b) Violência física: “atirar alguma coisa” (“e”); “empurrar, bater, chutar ou ferir” (“f”); “espancar ou tentar estrangular” (“g”); “ameaçar com faca/ arma de fogo ou usar faca/ arma de fogo” (“h”).
- 3) Violência dos pais contra o participante (questão 17 avaliava a “violência da mãe contra o participante” e a questão 18, a “violência do pai contra o participante”):
 - a) Violência psicológica: “ameaçar espancar ou bater” (“e”); “chamar de retardado, vadio” (“j”); “falar alto, berrar” (“h”); “xingar ou amaldiçoar” (“i”); “dizer que iria mandar embora ou expulsar de casa” (“n”).

- b) Violência física leve: “espancar com tapas no bumbum, braço ou perna” (“a”); “bater com cinto (...) ou algum outro objeto” (“b”); “beliscar” (“c”); “sacudir” (“d”).
- c) Violência física moderada: “dar um tapa no rosto, cabeça ou orelha” (“f”); “dar um soco ou chutar fortemente” (“k”); “atirar no chão” (“l”).
- d) Violência física severa: “agarrar pelo pescoço tentando esganar” (“g”); “queimar ou jogar líquido quente de propósito” (“m”); “ameaçar com uma faca ou arma” (“o”); “dar uma surra” (“p”).

Para a comparação entre as proporções, especialmente com o intuito de verificar diferenças entre os gêneros, utilizou-se o “Teste Qui-quadrado” (χ^2), ou, quando este não era adequado², o “Teste Exato de Fisher” foi usado para substituí-lo.

A análise da associação entre *bullying* e violência doméstica iniciou-se pela verificação univariada das perguntas fechadas, com o objetivo de verificar se o envolvimento em *bullying* (como alvo e/ou autor de *bullying*) diferia de acordo com a exposição aos diferentes tipos de violência doméstica. Utilizando o pacote estatístico SPSS 11.0, foram calculados: as freqüências, o p-valor do χ^2 (ou do Teste Exato de Fisher), *Odds Ratio* (OR) e seu intervalo de confiança (IC) de 95%. Para os cálculos de OR, o envolvimento em situações de *bullying* foi considerado o “desfecho” e os diferentes tipos de violência doméstica foram os “fatores de exposição”. Assim, o objetivo era verificar se a chance de envolver-se em situações de *bullying* era maior entre aqueles participantes que estavam expostos às várias formas de violência doméstica.

Os dados também foram analisados considerando-os como variáveis quantitativas contínuas. Para tanto, foram criadas pontuações para cada resposta do

² Barbetta (2005) diz que, em uma tabela 2 X 2, quando ocorrer uma freqüência esperada menor do que cinco, é indicado aplicar o Teste Exato de Fisher e não o Teste Qui-quadrado.

questionário, que variava de zero a três nas questões sobre *bullying* (zero para as respostas “nenhuma vez” e “1 ou 2 vezes nos últimos três meses”; um ponto para “2 ou 3 vezes por mês”, dois pontos para “1 vez por semana” e três pontos para “várias vezes por semana”). As respostas nas escalas de violência doméstica foram pontuadas da seguinte forma: zero para “nunca”; um ponto para “sim, aconteceu 1 vez”, dois pontos para “sim, aconteceu algumas vezes”, três pontos para “sim, aconteceu muitas vezes” e quatro pontos para “sim, sempre acontece”.

O Teste de Kolmogorov-Smirnov foi realizado para verificar se as variáveis quantitativas apresentavam ou não distribuição normal. Essa informação era importante para determinar que testes estatísticos seriam adequados para a realização das análises com as variáveis contínuas. Após a realização desse teste, optou-se por usar o Teste de Mann-Whitney para realizar a comparação entre os grupos, dado que o resultado do Teste de Kolmogorov-Smirnov mostrou que todas as variáveis contínuas analisadas, na presente pesquisa, não obedeciam a uma distribuição normal (o teste resultou em um p -valor $< 0,01$ para todas as variáveis contínuas, inclusive as relacionadas ao envolvimento em *bullying*, o que significa que os dados tinham uma distribuição assimétrica).

Para verificar se a cronicidade³ de violência doméstica diferia de acordo com o envolvimento dos participantes em situações de *bullying*, em um primeiro momento, foram calculadas as médias de violência doméstica em suas diversas categorias (violência total do pai contra a mãe, violência psicológica do pai contra a mãe, violência da mãe contra o participante etc.), segundo o tipo de envolvimento dos alunos em *bullying*.

Conforme sugerido por Straus et al. (1996), a média foi calculada somente para os alunos que indicaram terem sido expostos a pelo menos um episódio de violência

³ Straus (2001) diz que a pontuação de cronicidade nos permite dizer com que frequência/intensidade ocorreram os episódios de violência entre suas vítimas.

englobado pelas diferentes categorias de violência doméstica. Esse procedimento se mostrou importante, porque a média é afetada pela proporção e, dessa forma, no caso de categorias onde houvesse uma maior prevalência de participantes que não haviam sido expostos a qualquer tipo de violência doméstica, a média destas ficariam próximas de zero, mesmo que uma porcentagem desses participantes tivesse relatado altos níveis de agressão.

Depois que as médias foram calculadas, foi realizado o Teste de Mann-Whitney, onde os grupos foram comparados dois a dois, de forma a definir se eles eram iguais ou não em relação a suas médias.

Por fim, foi realizada a análise das correlações entre o escore total de *bullying* e o escore total em cada uma das categorias de violência doméstica, utilizando o Coeficiente de Correlação de Spearman, que é mais adequado em distribuições assimétricas (Barbetta, 2005). Em todas as análises realizadas foi utilizado o nível de significância (α) de 5%.

RESULTADOS

Caracterização do *Bullying*: Auto-relato dos Participantes sobre o Envolvimento em Situações de *Bullying*, Tipos, Prevalência e Comparações por Gênero.

A Figura 1 apresenta as formas de envolvimento dos alunos em situações de *bullying* na escola, no geral e de acordo com o gênero. A definição desses grupos foi feita com base nas respostas dos alunos em relação ao seu envolvimento nas diversas situações de *bullying* (como vítima e como autor). Assim, os alunos que não relataram qualquer tipo de vitimização e qualquer tipo de autoria foram classificados no grupo com “nenhum envolvimento em *bullying*”; os alunos que declararam terem sido alvo de pelo menos um tipo de *bullying*, mas que não cometeram esses atos foram chamados “alunos-alvo”; os alunos que não sofreram intimidação, mas perpetraram *bullying* contra seus colegas foram denominados “autores”; e aqueles que admitiram que foram alvo e também autores de *bullying* foram classificados no grupo de “alvo/autores” (também chamados de “vítimas-agressoras”).

Por meio da Figura 1 é possível perceber que, dos 239 alunos participantes, 49% deles admitiu algum envolvimento em *bullying* nos três meses anteriores à pesquisa. Destes, 26% foram apenas vítimas de *bullying*, 21% foram alvo/autores de intimidação e 3% foram considerados apenas autores de *bullying*.

A Figura 1 mostra, ainda, a porcentagem dos diferentes tipos de envolvimento em *bullying* entre os participantes do sexo masculino e feminino. O teste qui-quadrado foi realizado para verificar se havia associação entre gênero e o envolvimento em *bullying* nos diferentes grupos. A um nível de 5% de significância, podemos afirmar que o único grupo no qual houve tal associação foi o de “alunos-alvo/autores de *bullying*”: entre os meninos, 28,9% admitiu ter sido alvo e autor de *bullying* nos três meses anteriores à pesquisa, mas no grupo das meninas, essa porcentagem foi de apenas 16%

($\chi^2 = 5,779$, $df = 1$, p -valor = 0,016). Pela estatística de *Odds Ratio* (com intervalo de confiança de 95%), isso significa que os meninos participantes tinham uma chance 2,2 maior de serem alvo/autores de *bullying* do que as meninas.

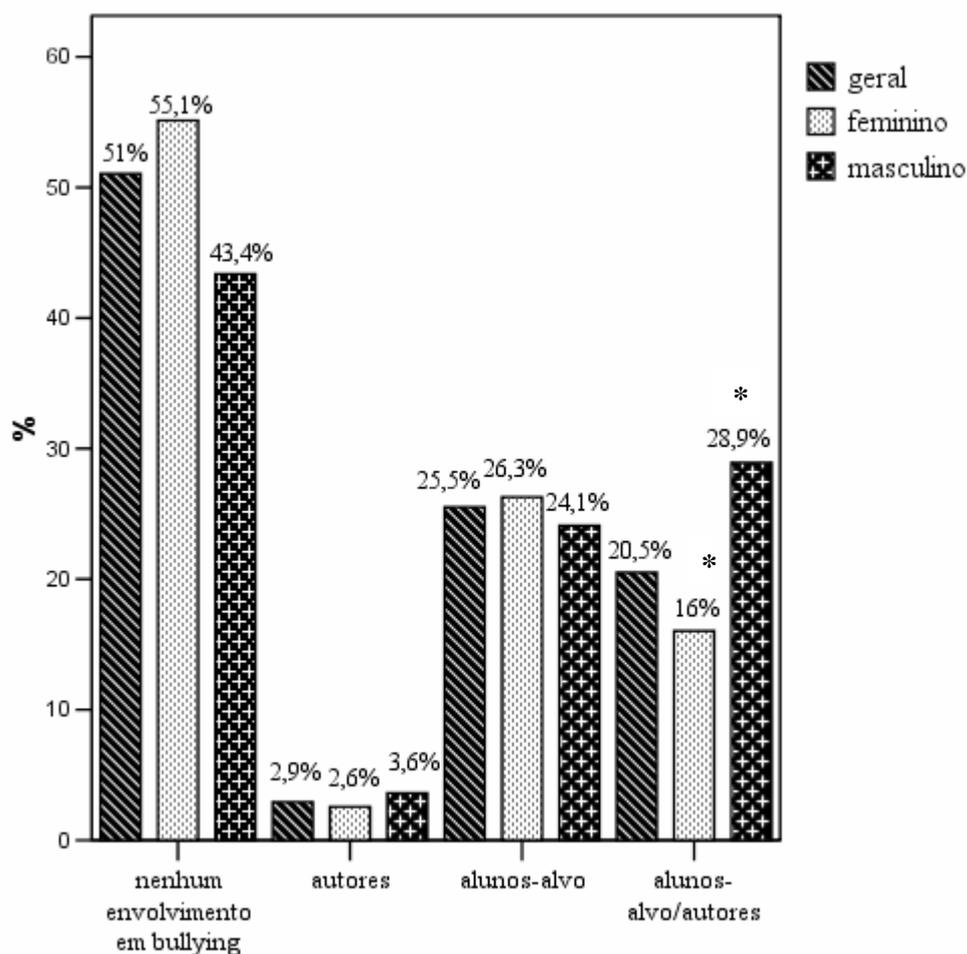


Figura 1. Envolvimento dos participantes em episódios de *bullying* na escola, no geral e por sexo.

Legenda. * $\chi^2 = 5,779$, $df = 1$, p -valor = 0,016.

As Tabelas 1 e 2 apresentam, respectivamente, a porcentagem de alunos vítimas e autores de cada ato específico de intimidação investigado no questionário, considerando as categorias de *bullying* (*bullying* indireto, *bullying* verbal e *bullying* físico). Os resultados foram apresentados no geral e de acordo com o gênero e, com o intuito de verificar possíveis diferenças na prevalência de cada ato entre os sexos, dois

testes estatísticos foram utilizados, dependendo de cada caso: o Qui-quadrado e o Teste Exato de Fisher.

Tabela 1
Prevalência de vitimização por *bullying* e comparações por gênero.

Tipo de <i>bullying</i>	Geral (N=239)	Sexo N (%)		χ^2 (1)
		Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
<i>Bullying</i> indireto	37 (15,5)	10 (12,8)	27 (17,3)	1,145
Mentiras, rumores falsos	29 (12,1)	6 (7,2)	23 (14,7)	2,869
Exclusão social	13 (5,4)	5 (6,0)	8 (5,1)	a ^(ns)
<i>Bullying</i> verbal direto	102 (42,7)	41 (49,4)	61 (39,1)	2,347
Xingamentos, brincadeiras de mau gosto, provocações	66 (27,6)	28 (33,7)	38 (24,4)	2,383
Apelidos ou nomes ofensivos	54 (22,6)	20 (24,1)	34 (21,8)	0,164
Piadinhas sobre característica física	51 (21,4)	21 (25,3)	30 (19,2)	1,135
Ameaças de agressão física	19 (7,9)	10 (12,0)	9 (5,8)	2,124
Piadinhas sobre roupa ou sapato	17 (7,1)	7 (8,4)	10 (6,4)	0,099
Piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual	14 (5,9)	8 (9,6)	6 (3,8)	a ^(ns)
Ridicularização por causa de raça ou cor	11 (4,6)	4 (4,8)	7 (4,5)	a ^(ns)
Ridicularização por causa de religião	6 (2,5)	3 (3,6)	3 (1,9)	a ^(ns)
Bilhetes ou mensagens (telefone/internet) com ameaças	3 (1,3)	1 (1,2)	2 (1,3)	a ^(ns)
<i>Bullying</i> físico direto	40 (16,7)	18 (21,7)	22 (14,1)	2,236
Pertences tomados	37 (15,5)	15 (18,1)	22 (14,1)	0,652
Agressão física (chutes, empurrões, etc.)	12 (5,0)	7 (8,4)	5 (3,2)	3,106

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.

Podemos perceber, por meio da Tabela 1, que o *bullying* verbal direto foi o tipo que mais ocorreu, tendo uma prevalência de 42,7% entre os participantes. Os três atos de intimidação entre pares com maior prevalência entre os alunos, tanto no geral quanto por gênero, foram: “xingamentos, brincadeiras de mau-gosto, provocações”, “apelidos, nomes ofensivos” e “piadinhas sobre característica física”. A intimidação por meio de violência física ocorreu com 16,7% dos participantes e o *bullying* indireto com 15,5%

dos alunos. Nenhuma diferença significativa foi constatada comparando a prevalência de vítimas em cada categoria de acordo com o sexo, o que indica que não existe associação entre gênero e os diferentes tipos de vitimização por *bullying* na amostra pesquisada.

Analisando as Tabelas 1 e 2, é possível perceber que alguns atos de intimidação tiveram pouca prevalência, tanto pela declaração dos alunos-alvo, como pelo relato dos autores. Foram eles: “envio/recebimento de bilhetes ou mensagens (telefone/internet) com ameaças”, “ridicularização por causa de raça/cor” e “ridicularização por causa de religião”. Nenhum aluno admitiu ter ridicularizado outro por causa de religião.

Especificamente sobre a questão de “ridicularização por causa de raça ou cor”, o teste de *Odds Ratio* e o Teste Exato de Fisher foram realizados com o intuito de verificar se existia associação entre ser vítima de bullying dessa forma e a cor da pele (raça) declarada pelos participantes. Foi constatado, a um nível de 5% de significância, que a chance de os alunos negros declararem ridicularização por causa de raça ou cor era 19,2 vezes maior do que a dos brancos ($p=0,003$) e 4,6 maior do que a dos alunos que se declararam como pardos ($p=0,034$). Quando se comparou os alunos brancos com os pardos, não houve associação significativa entre cor de pele e ser ridicularizado por causa de raça ou cor ($p=0,212$).

Da mesma forma como ocorreu com as vítimas de intimidação, os tipos de *bullying* mais prevalentes entre os autores, de acordo com o auto-relato destes, fazem parte da categoria “*bullying* verbal direto” (ver Tabela 2). Do total de participantes, 21,3% relatou ter cometido algum tipo de intimidação verbal contra seus colegas, sendo os atos mais cometidos: “xingamentos, brincadeiras de mau-gosto, provocações”; “apelidos, nomes ofensivos”; e “piadinhas sobre característica física”.

Como pode ser visto na Tabela 2, foram encontradas associações entre gênero e o fato de ser autor de *bullying* para alguns atos e categorias. As diferenças entre os gêneros (sempre evidenciando uma maior proporção de autores de intimidação entre os participantes do sexo masculino) foram encontradas para: “*bullying* indireto”, “exclusão social”, “*bullying* verbal direto”, “piadinhas sobre característica física”, “*bullying* físico direto” e “agressão física”.

Tabela 2
Prevalência de autoria de *bullying* e comparações por gênero.

Tipo de <i>bullying</i>	Geral (N=239)	Sexo N (%)		χ^2 (1)
		Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
<i>Bullying</i> indireto	12 (5,0)	8 (9,6)	4 (2,6)	a*
Exclusão social	10 (4,2)	7 (8,4)	3 (1,9)	a*
Mentiras, rumores falsos	2 (0,8)	1 (1,2)	1 (0,6)	a ^(ns)
<i>Bullying</i> verbal direto	51 (21,3)	24 (28,9)	27 (17,3)	4,349*
Xingamentos, brincadeiras de mau gosto, provocações	26 (10,9)	14 (16,9)	12 (7,7)	3,805
Piadinhas sobre característica física	21 (8,8)	12 (14,5)	9 (5,8)	4,076*
Apelidos ou nomes ofensivos	20 (8,4)	8 (9,6)	12 (7,7)	0,074
Piadinhas sobre roupa ou sapato	7 (2,9)	3 (3,6)	4 (2,6)	a ^(ns)
Ameaças de agressão física	7 (2,9)	2 (2,4)	5 (3,2)	a ^(ns)
Piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual	6 (2,5)	4 (4,8)	2 (1,3)	a ^(ns)
Ridicularização por causa de raça ou cor	1 (0,4)	0	1 (0,6)	a ^(ns)
Bilhetes ou mensagens (telefone/ Internet) com ameaças	1 (0,4)	0	1 (0,6)	a ^(ns)
Ridicularização por causa de religião	0	0	0	-
<i>Bullying</i> físico direto	13 (5,4)	9 (4,5)	4 (2,6)	a*
Agressão física (chutes, empurrões, etc.)	8 (3,3)	6 (7,2)	2 (1,3)	a*
Tomar pertences	5 (2,1)	3 (3,6)	2 (1,3)	a ^(ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.
* p<0,05.

Prevalência de Violência entre os Pais

A Figura 2 apresenta a prevalência da exposição dos alunos à violência entre os pais. Deve-se ressaltar que as palavras “pai” e “mãe”, no presente estudo, englobam tanto os pais biológicos como o (a) companheiro (a) da (o) mãe (pai); ou seja, essas palavras expressam a relação da pessoa como figura materna ou paterna do participante.

Mais da metade dos participantes (55,2%) relatou ter assistido algum episódio de violência entre os pais, sendo que a prevalência total de “pais” agredindo “mães” foi igual à de “mães” agredindo “pais” (Figura 2). O teste qui-quadrado foi realizado para verificar se havia diferença entre as proporções de violência entre os pais em cada ato investigado. Foi encontrada apenas uma diferença significativa: a proporção de pais que “jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga” com as mães foi de 17,6%, enquanto somente 6,3% das mães fizeram isso ($\chi^2 = 14,521$, $df = 1$, $p\text{-valor} < 0,001$).

A Figura 2 também indica que os comportamentos violentos que ocorreram com maior frequência podem ser enquadrados na categoria “violência psicológica”, sendo eles: “insultar, xingar” e “gritar”. Os atos de violência que tiveram menor prevalência, segundo o relato dos alunos participantes, foram: “espancamentos/tentativas de estrangular” o parceiro e “ameaças e/ou uso de armas de fogo”.

As Tabelas 3 e 4 mostram o auto-relato dos participantes do sexo masculino e do sexo feminino sobre a prevalência de violência entre os pais e as comparações por gênero. Verificando a prevalência declarada por meninos e meninas em relação à violência entre os pais, a única diferença encontrada foi que uma proporção maior de meninas relatou ter visto o pai “insultar/xingar” a companheira e “atirar algo” contra esta do que os meninos (ver Tabela 3).

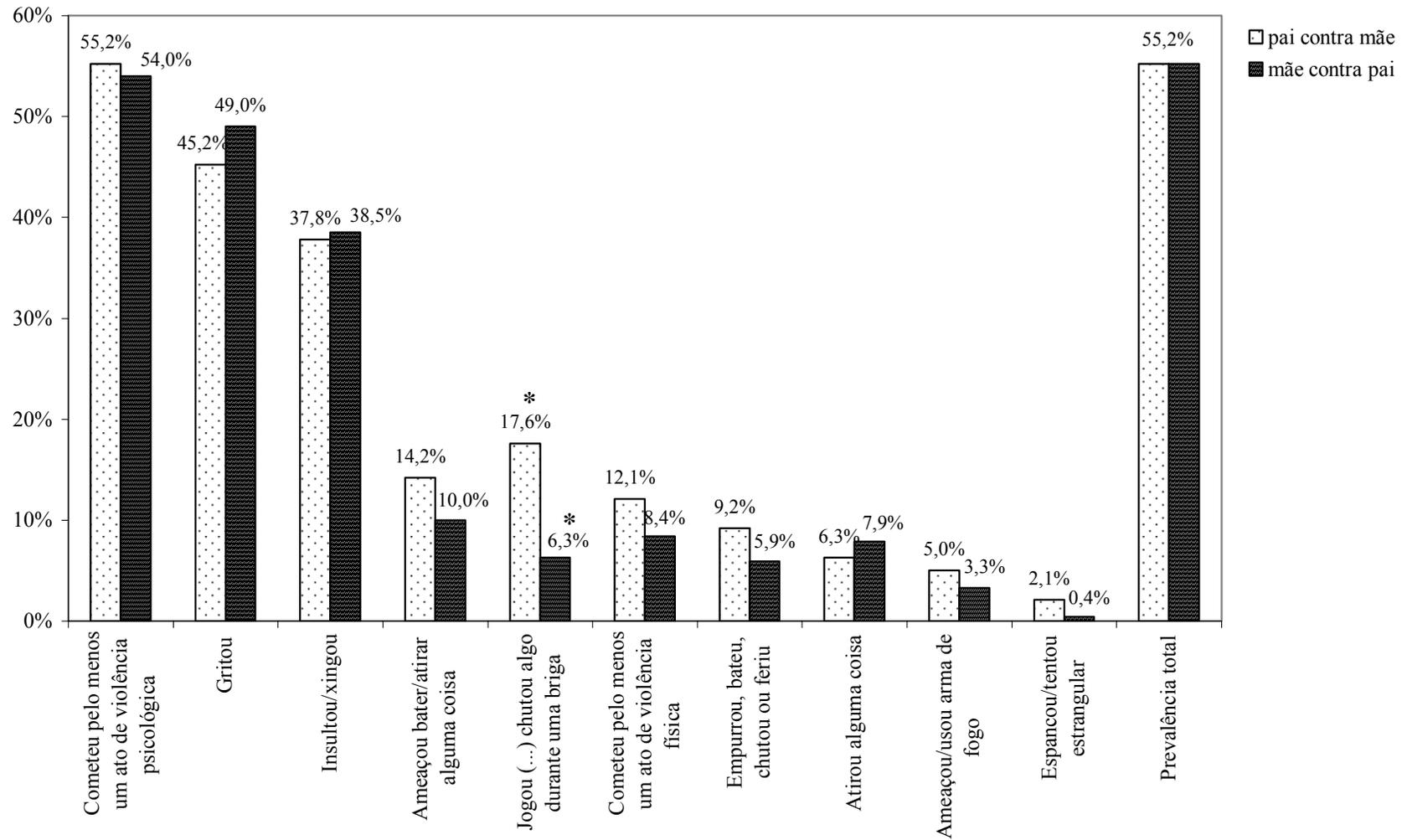


Figura 2. Prevalência da violência entre os pais segundo o auto-relato dos participantes.

Legenda. * $\chi^2 = 14,521$, $df = 1$, p -valor < 0,001.

Tabela 3
Prevalência da violência do pai contra a mãe de acordo com o gênero.

Tipo de exposição indireta	Sexo N (%)		$\chi^2(1)$
	Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
Declarou ter visto pai agredir mãe pelo menos uma vez	45 (54,2)	87 (55,8)	0,053
Violência psicológica	45 (54,2)	87 (55,8)	0,053
Insultou ou xingou	23 (27,7)	67 (43,6)	5,533*
Gritou	35 (42,2)	73 (46,8)	0,468
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	7 (8,4)	27 (17,3)	3,496
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	17 (20,5)	25 (16,0)	0,743
Violência física	6 (7,2)	23 (14,7)	2,869
Atirou alguma coisa	1 (1,2)	15 (9,6)	5,658*
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	4 (4,8)	18 (11,5)	2,927
Espancou ou tentou estrangular	1 (1,2)	4 (2,6)	a ^(ns)
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	3 (3,6)	9 (5,8)	a ^(ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.
* p<0,05.

Tabela 4
Prevalência da violência da mãe contra o pai de acordo com o gênero.

Tipo de exposição indireta	Sexo N (%)		$\chi^2(1)$
	Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
Declarou ter visto mãe agredir pai pelo menos uma vez	41 (49,4)	91 (58,3)	1,749
Violência psicológica	40 (48,2)	89 (57,1)	1,711
Insultou ou xingou	28 (33,7)	64 (41,0)	1,216
Gritou	38 (45,8)	79 (50,6)	0,512
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	6 (7,2)	18 (11,5)	1,114
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	3 (3,6)	12 (7,7)	1,532
Violência física	7 (8,4)	22 (14,1)	1,633
Atirou alguma coisa	3 (3,6)	16 (10,3)	3,266
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	2 (2,4)	12 (7,7)	a ^(ns)
Espancou ou tentou estrangular	1 (1,2)	0	a ^(ns)
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	3 (3,6)	5 (3,2)	a ^(ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.

Prevalência de Violência dos Pais contra os Participantes

A prevalência de violência dos pais contra os participantes em cada ato investigado na presente pesquisa pode ser vista a seguir, na Figura 3 e na Tabela 5, sendo que tal tabela apresenta também o p-valor dos testes realizados para verificar se a proporção de violência contra os participantes perpetrada pela mãe era diferente da proporção de violência cometida pelo pai.

Por meio da Figura 3 é possível perceber que, na maioria dos atos investigados, houve uma maior prevalência de mães que agrediam os filhos do que de pais agressores. Com exceção de seis atos violentos (“disse que iria mandar embora”, “deu um soco/chutou fortemente”, “atirou no chão”, “tentou esganar”, “queimou/jogou líquido quente” e “ameaçou com uma faca ou arma”), em todos os outros houve significativamente uma maior proporção de mães agredindo os participantes, segundo o auto-relato destes, do que pais (ver Tabela 5).

Em relação aos tipos de violência cometidos contra os participantes, percebe-se (por meio das Figura 3 e Tabela 5) que os três atos mais assinalados de violência cometida pelas mães foram: “falar alto, berrar ou gritar”, “beliscar”, e “bater com cinto (...) ou outro objeto”. Já a prevalência da violência dos pais contra os filhos foi maior para os seguintes atos: “falar alto, berrar ou gritar”, “bater com cinto (...) ou outro objeto”, e “ameaçar espancar ou bater”.

Os atos de violência física severa (“ameaçar com faca/arma de fogo”, “queimar ou derramar líquido quente” e “agarrar pelo pescoço tentando esganar”) foram os que aconteceram com menos participantes, mas, ainda assim, 23,4% dos alunos relatou ter sofrido pelo menos um dos tipos de violência severa por parte da mãe e 15,9%, por parte do pai.

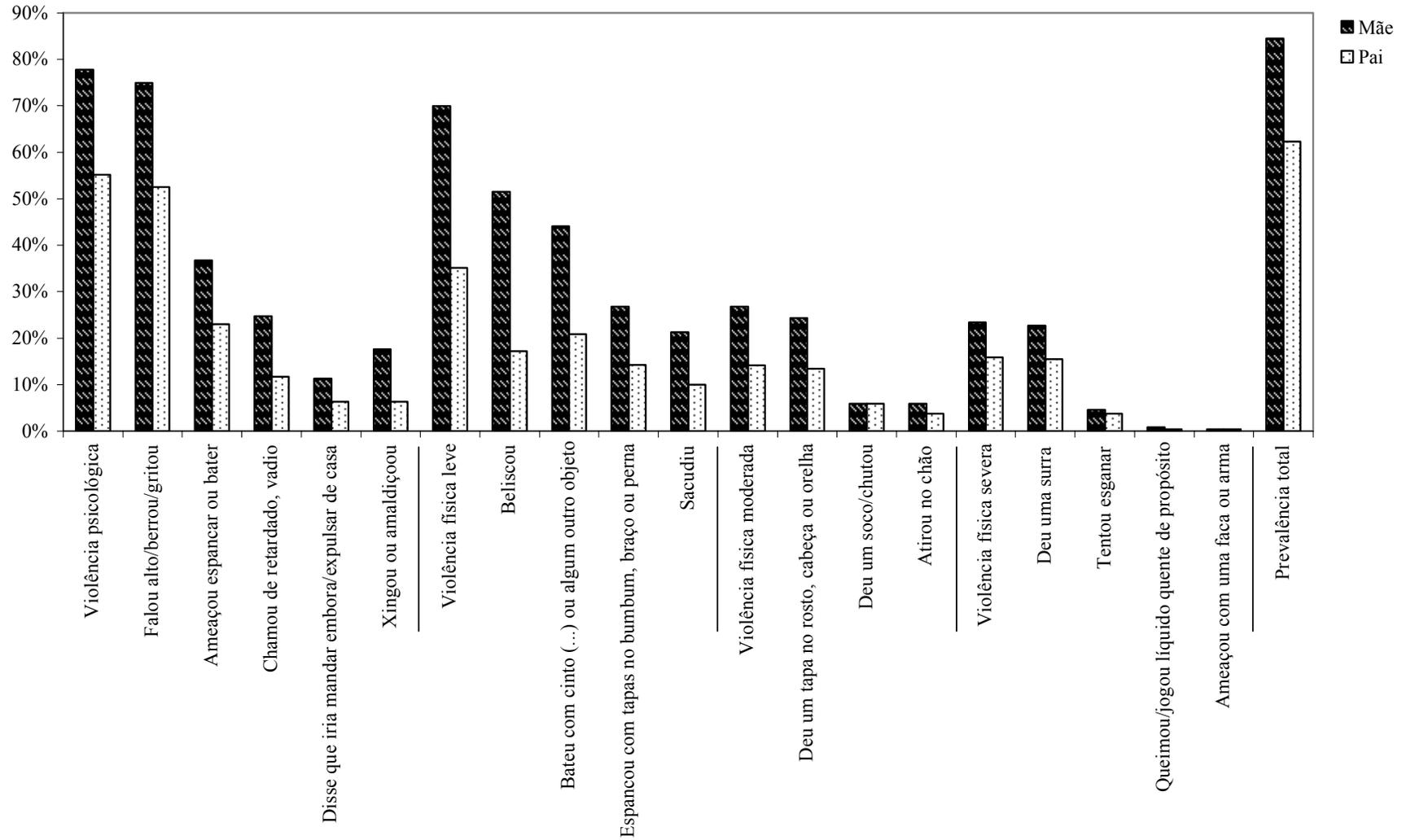


Figura 3. Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência direta dos pais contra eles

Tabela 5
 Comparação entre as proporções de violência contra o participante perpetrada pelas mães e pelos pais.

Tipo de violência direta	Autor N (%)		χ^2 (1)
	Mãe (N=239)	Pai (N=239)	
Declarou ter sofrido qualquer tipo de violência pelo menos uma vez	202 (84,5)	149 (62,3)	30,121***
Violência psicológica	186 (77,8)	132 (55,2)	27,395***
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	88 (36,8)	55 (23,0)	10,866***
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	59 (24,7)	28 (11,7)	13,504***
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	27 (11,3)	15 (6,3)	3,759
Falou alto, berrou ou gritou	179 (74,9)	125 (52,5)	25,827***
Xingou ou amaldiçoou	42 (17,6)	15 (6,3)	14,521***
Violência física leve	167 (69,9)	84 (35,1)	57,794***
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	64 (26,8)	34 (14,3)	11,250***
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	105 (44,1)	50 (20,9)	29,253***
Beliscou	123 (51,5)	41 (17,2)	61,960***
Sacudiu	51 (21,3)	24 (10)	11,529***
Violência física moderada	64 (26,8)	34 (14,2)	11,552***
Atirou no chão	14 (5,9)	9 (3,8)	1,142
Deu um soco ou chutou fortemente	14 (5,9)	14 (5,9)	0,000
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	58 (24,3)	32 (13,4)	9,253**
Violência física severa	56 (23,4)	38 (15,9)	4,291*
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	11 (4,6)	9 (3,8)	0,227
Ameaçou com uma faca ou arma	1 (0,4)	1 (0,4)	a (ns)
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	54 (22,7)	37 (15,5)	4,013*
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	2 (0,8)	1 (0,4)	a (ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. (ns) p-valor não significativo.

* p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001.

A Tabela 6 mostra os dados de prevalência da violência doméstica perpetrada pelas mães dos participantes contra estes, considerando meninos e meninas separadamente (a prevalência geral foi apresentada anteriormente, na Tabela 5).

Houve diferença estatisticamente significantes entre os gêneros em relação à declarar ter sofrido qualquer tipo de violência por parte da mãe pelo menos uma vez: 91,6% dos participantes do sexo masculino declarou terem sido vitimizados pela mãe, em contraste com 80,8% das meninas que relataram o mesmo ($\chi^2 = 4,827$, $df = 1$, $p < 0,05$). Nenhuma outra diferença estatisticamente significativa foi encontrada no que diz respeito à proporção de violência das mães contra os participantes do sexo masculino e do sexo feminino.

A prevalência da violência perpetrada por pais/figuras paternas contra os meninos e meninas que participaram da presente pesquisa pode ser vista na Tabela 7, que também apresenta as diferenças entre os gêneros.

Como mostra a Tabela 7, cerca de 60% dos meninos e das meninas declarou ter sido vítima de algum ato de violência por parte do pai ou padrasto em algum momento de suas vidas. Na maioria dos atos investigados, meninos e meninas declararam proporções semelhantes de vitimização por parte do pai, mas foram encontradas diferenças significativas relacionadas aos seguintes atos: pai “deu um soco ou chutou fortemente” (que ocorreu com 12% dos garotos e com apenas 2,6% das garotas) e “violência física severa” (relatada por 22,9% dos participantes do sexo masculino e por 12,2% das participantes).

Tabela 6

Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência sofrida por parte da mãe e comparações por gênero.

Tipo de violência direta	Sexo N (%)		χ^2 (1)
	Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
Declarou ter sofrido qualquer tipo de violência pelo menos uma vez	76 (91,6)	126 (80,8)	4,827*
Violência psicológica	69 (83,1)	117 (75,0)	2,076
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	25 (30,1)	63 (40,4)	2,453
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	22 (26,5)	37 (23,7)	0,227
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	9 (10,8)	18 (11,5)	0,026
Falou alto, berrou ou gritou	64 (77,1)	115 (73,7)	0,331
Xingou ou amaldiçoou	15 (18,1)	27 (17,3)	0,022
Violência física leve	63 (75,9)	104 (66,7)	2,196
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	18 (21,7)	46 (29,5)	1,681
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	41 (49,4)	64 (41,3)	1,441
Beliscou	47 (56,6)	76 (48,7)	1,357
Sacudiu	19 (22,9)	32 (20,5)	0,183
Violência física moderada	56 (32,5)	119 (23,7)	2,146
Atirou no chão	4 (4,8)	10 (6,4)	a ^(ns)
Deu um soco ou chutou fortemente	5 (6,0)	9 (5,8)	a ^(ns)
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	25 (30,1)	33 (21,2)	2,370
Violência física severa	22 (26,5)	34 (21,8)	0,670
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	5 (6,0)	6 (3,9)	a ^(ns)
Ameaçou com uma faca ou arma	0	1 (0,6)	a ^(ns)
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	21 (25,3)	33 (21,3)	0,496
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	1 (1,2)	1 (0,6)	a ^(ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.

* p<0,05.

Tabela 7

Auto-relato dos participantes sobre a prevalência da violência sofrida por parte do pai e comparações por gênero.

Tipo de violência direta	Sexo N (%)		χ^2 ⁽¹⁾
	Masc. (N=83)	Fem. (N=156)	
Declarou ter sofrido qualquer tipo de violência pelo menos uma vez	52 (62,7)	97 (62,2)	0,005
Violência psicológica	47 (56,6)	85 (54,5)	0,100
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	20 (24,1)	35 (22,4)	0,084
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	11 (13,3)	17 (10,9)	0,291
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	5 (6,0)	10 (6,4)	0,014
Falou alto, berrou ou gritou	43 (52,4)	82 (52,6)	0,000
Xingou ou amaldiçoou	6 (7,2)	9 (5,8)	0,196
Violência física leve	30 (36,1)	54 (34,6)	0,056
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	12 (14,5)	22 (14,3)	0,001
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	20 (24,1)	30 (19,2)	0,775
Beliscou	17 (20,7)	24 (15,4)	1,078
Sacudiu	13 (15,7)	11 (7,1)	3,545
Violência física moderada	16 (19,3)	18 (11,5)	2,659
Atirou no chão	4 (4,8)	5 (3,2)	a ^(ns)
Deu um soco ou chutou fortemente	10 (12,0)	4 (2,6)	a**
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	14 (16,9)	18 (11,5)	1,327
Violência física severa	19 (22,9)	19 (12,2)	4,649*
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	6 (7,2)	3 (1,9)	a ^(ns)
Ameaçou com uma faca ou arma	0	1 (0,6)	a ^(ns)
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	18 (21,7)	19 (12,2)	3,742
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	0	1 (0,6)	a ^(ns)

Nota. a = p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. ^(ns) p-valor não significativo.

* p<0,05; ** p<0,01.

Associações entre Violência Doméstica e *Bullying*

As tabelas a seguir mostram as associações entre *bullying* e violência doméstica, medidas pela estatística de *Odds Ratio* (OR) e por meio do Teste Qui-quadrado. Primeiramente, comparou-se a prevalência de violência doméstica entre os alunos que

não tiveram nenhum envolvimento em *bullying* (nem como vítima, nem como autor) com aqueles que relataram ter sofrido intimidação por parte de seus pares, mas que não praticaram *bullying*. Depois, foi comparada a prevalência de violência doméstica entre os alunos que não tiveram nenhum envolvimento em *bullying* e aqueles que relataram ter sido alvo/autores de *bullying* (as chamadas “vítimas-agressoras”). Para o grupo de alunos classificados como autores de *bullying*, tais comparações não foram realizadas, dado que somente sete dos 239 participantes fazia parte dessa categoria (ver Figura 1), o que impediu a realização de testes estatísticos com esse grupo.

Em cada tabela, para uma melhor visualização dos resultados, foram desenhadas linhas horizontais. Estas linhas separam cada categoria de violência doméstica e os atos englobados nesta, de outras categorias (p.ex., separam os atos de violência psicológica daqueles englobados pela categoria “violência física”). As tabelas também apresentam o valor de OR e o p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ou do Teste exato de Fisher (este só foi usado quando não era possível a realização do teste qui-quadrado).

As Tabelas 8 e 9 apresentam, respectivamente, a prevalência de violência do pai contra a mãe e da mãe contra o pai, segundo o envolvimento dos alunos em situações de *bullying* como vítimas. É possível perceber que a prevalência da exposição às diversas formas de violência entre os pais foi semelhante entre os alunos sem envolvimento em *bullying* e aqueles que foram alvo de intimidação.

Tabela 8
Prevalência de violência do pai contra a mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Declarou ter visto pai agredir mãe pelo menos uma vez	Geral	60 (49,2)	35 (57,4)	1,4	0,295 ^a
	Masc.	16 (44,4)	14 (70,0)	2,9	0,119 ^a
	Fem.	44 (51,2)	21 (51,2)	1,0	0,995 ^a
Violência psicológica	Geral	60 (49,2)	35 (57,4)	1,4	0,295 ^a
	Masc.	16 (44,4)	14 (70,0)	2,9	0,119 ^a
	Fem.	44 (51,2)	21 (51,2)	1,0	0,995 ^a
Insultou ou xingou	Geral	42 (34,4)	22 (36,7)	1,1	0,766 ^a
	Masc.	9 (25)	6 (30)	1,3	0,686 ^a
	Fem.	33 (38,4)	16 (40,0)	1,1	0,861 ^a
Gritou	Geral	47 (38,5)	28 (45,9)	1,4	0,339 ^a
	Masc.	11 (30,6)	10 (50,0)	2,3	0,249 ^a
	Fem.	36 (41,9)	18 (43,9)	1,1	0,828 ^a
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	Geral	15 (12,3)	8 (13,1)	1,1	1,000 ^a
	Masc.	2 (5,6)	2 (10)	1,9	0,611 ^b
	Fem.	13 (15,1)	6 (14,6)	1,0	1,000 ^a
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	Geral	19 (15,6)	10 (16,4)	1,1	1,000 ^a
	Masc.	8 (22,2)	5 (25,0)	1,2	1,000 ^b
	Fem.	11 (12,8)	5 (12,2)	0,9	1,000 ^a
Violência física	Geral	14 (11,5)	6 (9,8)	0,8	0,933 ^a
	Masc.	3 (8,3)	1 (5,0)	0,6	1,000 ^b
	Fem.	11 (12,8)	5 (12,2)	0,9	1,000 ^a
Atirou alguma coisa	Geral	7 (5,8)	3 (5,0)	0,9	1,000 ^b
	Masc.	1 (2,8)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	6 (7,1)	3 (7,5)	1,1	1,000 ^b
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	Geral	8 (6,6)	6 (9,8)	1,6	0,556 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (5,0)	1,8	1,000 ^b
	Fem.	7 (8,1)	5 (12,2)	1,6	1,000 ^b
Espancou ou tentou estrangular	Geral	3 (2,5)	1 (1,6)	0,7	1,000 ^b
	Masc.	1 (2,8)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	2 (2,3)	1 (2,4)	1,1	1,000 ^b
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	Geral	5 (4,1)	3 (4,9)	1,2	1,000 ^b
	Masc.	2 (5,6)	0	#	0,532 ^b
	Fem.	3 (3,5)	3 (7,3)	2,2	0,387 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

Tabela 9
Prevalência de violência da mãe contra o pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Declarou ter visto mãe agredir pai pelo menos uma vez	Geral	61 (50,0)	32 (52,5)	1,1	0,754 ^a
	Masc.	16 (44,4)	11 (55,0)	1,5	0,632 ^a
	Fem.	45 (52,3)	21 (51,2)	1,0	0,907 ^a
Violência psicológica	Geral	58 (47,5)	32 (52,5)	1,2	0,530 ^a
	Masc.	15 (41,7)	11 (55,0)	1,7	0,497 ^a
	Fem.	43 (50,0)	21 (51,2)	1,1	0,898 ^a
Insultou ou xingou	Geral	38 (31,1)	25 (41)	1,5	0,187 ^a
	Masc.	10 (27,8)	8 (40,0)	1,7	0,522 ^a
	Fem.	28 (32,6)	17 (41,5)	1,5	0,327 ^a
Gritou	Geral	53 (43,4)	29 (47,5)	1,2	0,599 ^a
	Masc.	15 (41,7)	10 (50)	1,4	0,749 ^a
	Fem.	38 (44,2)	19 (46,3)	1,1	0,819 ^a
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	Geral	12 (9,8)	2 (3,3)	0,3	0,116 ^a
	Masc.	0	1 (5,0)	#	0,357 ^b
	Fem.	12 (14,0)	1 (2,4)	0,2	0,060 ^b
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	Geral	8 (6,6)	3 (4,9)	0,7	0,754 ^b
	Masc.	0	2 (10,0)	#	0,123 ^b
	Fem.	8 (9,3)	1 (2,4)	0,2	0,270 ^b
Violência física	Geral	13 (10,7)	8 (13,1)	1,3	0,806 ^a
	Masc.	2 (5,6)	3 (15,0)	3,0	0,336 ^b
	Fem.	11 (12,8)	5 (12,2)	0,9	1,000 ^a
Atirou alguma coisa	Geral	9 (7,4)	3 (4,9)	0,6	0,753 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (5,0)	1,8	1,000 ^b
	Fem.	8 (9,3)	2 (4,9)	0,5	0,498 ^b
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	Geral	9 (7,4)	3 (4,9)	0,6	0,753 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (5,0)	1,8	1,000 ^b
	Fem.	8 (9,3)	2 (4,9)	0,5	0,498 ^b
Espancou ou tentou estrangular	Geral	0	1 (1,6)	#	0,333 ^b
	Masc.	0	1 (5,0)	#	0,357 ^b
	Fem.	0	0	#	-
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	Geral	2 (1,6)	3 (4,9)	3,1	0,335 ^b
	Masc.	0	1 (5,0)	#	0,357 ^b
	Fem.	2 (2,3)	2 (4,9)	2,2	0,594 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

A Tabela 10 mostra a proporção de alunos que admitiu ter sofrido violência por parte mãe no grupo de participantes sem envolvimento em *bullying* e no grupo que foi vítima de intimidação. No geral, 77,9% dos alunos do grupo sem *bullying* foi vítima de pelo menos um tipo de violência por parte da mãe, mas no grupo de alunos-alvo, essa prevalência foi de cerca de 90%, o que significa que a chance de ser vítima de *bullying* foi 2,6 maior para os alunos expostos à qualquer tipo de violência por parte da mãe em relação àqueles que não sofreram tal violência. Outros comportamentos violentos da mãe contra o participante que representaram uma maior chance para a vitimização por *bullying*, no geral, foram: mãe ter cometido pelo menos um ato de violência psicológica contra o filho; “ameaçar espancar ou bater”; “chamar de retardado, vadio”; “falar alto, berrar, gritar”; e “xingar ou amaldiçoar”.

Para os meninos, três atos de violência perpetrada pela mãe tiveram associação significativa com ser alvo de *bullying* na escola: ter sofrido pelo menos um ato de violência psicológica por parte da mãe ($p=0,01$), mãe ter ameaçado espancar ou bater ($OR= 5,0$, $p= 0,019$) e ter sofrido violência física leve por parte da mãe pelo menos uma vez ($OR= 4,0$, $p= 0,041$).

No caso das meninas, como mostra a Tabela 10, somente um comportamento violento por parte da mãe teve associação com ser vítima de intimidação na escola: as meninas cujas mães já haviam lhes chamado de “retardadas”, “vadias” e outros nomes similares tiveram 3,2 vezes mais chance de serem vítimas de *bullying* do que aquelas que não sofreram tal tipo de violência por parte da mãe ($p= 0,012$).

Tabela 10
Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		não	sim		
Sofreu qualquer tipo de violência por parte de sua mãe pelo menos uma vez	Geral	95 (77,9)	55 (90,2)	2,6*	0,041 ^a
	Masc.	30 (83,3)	20 (100)	#	0,078 ^b
	Fem.	65 (75,6)	35 (85,4)	1,9	0,304 ^a
Violência psicológica	Geral	84 (68,9)	53 (86,9)	3,0*	0,008 ^a
	Masc.	26 (72,2)	20 (100)	#	0,010 ^b
	Fem.	58 (67,4)	33 (80,5)	2,0	0,127 ^a
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	Geral	38 (31,1)	29 (47,5)	2,0*	0,030 ^a
	Masc.	6 (16,7)	10 (50,0)	5,0*	0,019 ^a
	Fem.	32 (37,2)	19 (46,3)	1,5	0,326 ^a
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	Geral	20 (16,4)	19 (31,1)	2,3*	0,022 ^a
	Masc.	7 (19,4)	4 (20,0)	1,0	1,000 ^b
	Fem.	13 (15,1)	15 (36,6)	3,2*	0,012 ^a
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	Geral	11 (9,0)	10 (16,4)	2,0	0,219 ^a
	Masc.	3 (8,3)	3 (15,0)	1,9	0,655 ^b
	Fem.	8 (9,3)	7 (17,1)	2,0	0,243 ^b
Falou alto, berrou ou gritou	Geral	81 (66,4)	50 (82,0)	2,3*	0,028 ^a
	Masc.	24 (66,7)	17 (85,0)	2,8	0,242 ^a
	Fem.	57 (66,3)	33 (80,5)	2,1	0,099 ^a
Xingou ou amaldiçoou	Geral	14 (11,5)	14 (23,0)	2,3*	0,042 ^a
	Masc.	4 (11,1)	5 (25,0)	2,7	0,256 ^b
	Fem.	10 (11,6)	9 (22,0)	2,1	0,208 ^a
Violência física leve	Geral	75 (61,5)	45 (73,8)	1,8	0,099 ^a
	Masc.	21 (58,3)	17 (85,0)	4,0*	0,041 ^a
	Fem.	54 (62,8)	28 (68,3)	1,3	0,544 ^a
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	Geral	30 (24,6)	14 (23,0)	0,9	0,807 ^a
	Masc.	6 (16,7)	3 (15,0)	0,9	1,000 ^b
	Fem.	24 (27,9)	11 (26,8)	0,9	0,899 ^a
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	Geral	42 (34,7)	27 (44,3)	1,5	0,210 ^a
	Masc.	12 (33,3)	11 (55,0)	2,4	0,195 ^a
	Fem.	30 (35,3)	16 (39,0)	1,2	0,684 ^a
Beliscou	Geral	53 (43,4)	34 (55,7)	1,6	0,116 ^a
	Masc.	15 (41,7)	13 (65)	2,6	0,094 ^a
	Fem.	38 (44,2)	21 (51,2)	1,3	0,457 ^a
Sacudiu	Geral	22 (18,0)	13 (21,3)	1,2	0,595 ^a
	Masc.	6 (16,7)	4 (20,0)	1,3	0,733 ^b
	Fem.	16 (18,6)	9 (22,0)	1,2	0,838 ^a

Tabela 10 (Continuação)

Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Violência física moderada	Geral	28 (23,0)	16 (26,2)	1,2	0,625 ^a
	Masc.	10 (27,8)	6 (30,0)	1,1	1,000 ^a
	Fem.	18 (20,9)	10 (24,4)	1,2	0,833 ^a
Atirou no chão	Geral	5 (4,1)	3 (4,9)	1,2	1,000 ^b
	Masc.	1 (2,8)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	4 (4,7)	3 (7,3)	1,6	0,680 ^b
Deu um soco ou chutou fortemente	Geral	6 (4,9)	3 (4,9)	1,0	1,000 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (10,0)	3,9	0,288 ^b
	Fem.	5 (5,8)	1 (2,4)	0,4	0,663 ^b
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	Geral	25 (20,5)	15 (24,6)	1,3	0,527 ^a
	Masc.	10 (27,8)	6 (30,0)	1,1	1,000 ^a
	Fem.	15 (17,4)	9 (22,0)	1,3	0,544 ^a
Violência física severa	Geral	23 (18,9)	14 (23,0)	1,3	0,515 ^a
	Masc.	6 (16,7)	7 (35,0)	2,7	0,186 ^b
	Fem.	17 (19,8)	7 (17,1)	0,8	0,904 ^a
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	Geral	4 (3,3)	2 (3,3)	1,0	1,000 ^b
	Masc.	2 (5,6)	1 (5,0)	0,9	1,000 ^b
	Fem.	2 (2,4)	1 (2,4)	1,0	1,000 ^b
Ameaçou com uma faca ou arma	Geral	1 (0,8)	0	#	1,000 ^b
	Masc.	0	0	#	-
	Fem.	1 (1,2)	0	#	1,000 ^b
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	Geral	22 (18)	13 (21,7)	1,3	0,559 ^a
	Masc.	5 (13,9)	7 (35,0)	3,3	0,092 ^b
	Fem.	17 (19,8)	6 (15,0)	0,7	0,691 ^a
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	Geral	1 (0,8)	1 (1,6)	2,0	1,000 ^b
	Masc.	0	1 (5,0)	#	0,357 ^b
	Fem.	1 (1,2)	0	#	1,000 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

A Tabela 11 apresenta a associação entre os diversos tipos de violência por parte do pai e a vitimização por *bullying* na escola, no geral e de acordo com o gênero.

Tabela 11
Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Sofreu qualquer tipo de violência por parte de seu pai pelo menos uma vez	Geral	58 (47,5)	45 (73,8)	3,1*	0,001 ^a
	Masc.	13 (36,1)	18 (90,0)	15,9*	<0,001 ^a
	Fem.	45 (52,3)	27 (65,9)	1,8	0,150 ^a
Violência psicológica	Geral	49 (40,2)	40 (65,6)	2,8*	0,001 ^a
	Masc.	12 (33,3)	16 (80,0)	8,0*	0,001 ^a
	Fem.	37 (43,0)	24 (58,5)	1,9	0,102 ^a
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	Geral	19 (15,6)	19 (31,1)	2,5*	0,014 ^a
	Masc.	4 (11,1)	8 (40,0)	5,3*	0,018 ^b
	Fem.	15 (17,4)	11 (26,8)	1,7	0,322 ^a
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	Geral	5 (4,1)	9 (14,8)	4,1*	0,017 ^b
	Masc.	1 (2,8)	3 (15,0)	6,2	0,125 ^b
	Fem.	4 (4,7)	6 (14,6)	3,5	0,075 ^b
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	Geral	3 (2,5)	3 (4,9)	2,1	0,402 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (5,0)	1,8	1,000 ^b
	Fem.	2 (2,3)	2 (4,9)	2,2	0,594 ^b
Falou alto, berrou ou gritou	Geral	47 (38,8)	38 (62,3)	2,6*	0,003 ^a
	Masc.	12 (34,3)	15 (75,0)	5,8*	0,009 ^a
	Fem.	35 (40,7)	23 (56,1)	1,9	0,103 ^a
Xingou ou amaldiçoou	Geral	2 (1,6)	5 (8,2)	5,4*	0,042 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (10,0)	3,9	0,288 ^b
	Fem.	1 (1,2)	3 (7,3)	6,7	0,099 ^b
Violência física leve	Geral	35 (28,7)	25 (41,0)	1,7	0,095 ^a
	Masc.	7 (19,4)	11 (55,0)	5,1*	0,015 ^a
	Fem.	28 (32,6)	14 (34,1)	1,1	0,859 ^a
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	Geral	11 (9,1)	12 (19,7)	2,4*	0,043 ^a
	Masc.	3 (8,3)	4 (20,0)	2,8	0,234 ^b
	Fem.	8 (9,4)	8 (19,5)	2,3	0,190 ^a
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	Geral	18 (14,8)	15 (24,6)	1,9	0,103 ^a
	Masc.	3 (8,3)	8 (40,0)	7,3*	0,011 ^b
	Fem.	15 (17,4)	7 (17,1)	1,0	1,000 ^a
Beliscou	Geral	18 (14,8)	11 (18,0)	1,3	0,720 ^a
	Masc.	5 (13,9)	6 (30,0)	2,7	0,174 ^b
	Fem.	13 (15,1)	5 (12,2)	0,8	0,866 ^a
Sacudiu	Geral	6 (4,9)	8 (13,1)	2,9	0,074 ^b
	Masc.	2 (5,6)	5 (25,0)	5,7	0,084 ^b
	Fem.	4 (4,7)	3 (7,3)	1,6	0,680 ^b

Tabela 11 (Continuação)

Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como vítima.

Tipo de violência	Sexo	Vítima de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		não	sim		
Violência física moderada	Geral	7 (5,7)	13 (21,3)	4,4*	0,003 ^a
	Masc.	2 (5,6)	7 (35,0)	9,2*	0,007 ^b
	Fem.	5 (5,8)	6 (14,6)	2,8	0,173 ^b
Atirou no chão	Geral	2 (1,6)	2 (3,3)	2,0	0,602 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (5,0)	1,8	1,000 ^b
	Fem.	1 (1,2)	1 (2,4)	2,1	0,543 ^b
Deu um soco ou chutou fortemente	Geral	2 (1,6)	4 (6,6)	4,2	0,096 ^b
	Masc.	2 (5,6)	3 (15,0)	3,0	0,336 ^b
	Fem.	0	1 (2,4)	#	0,323 ^b
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	Geral	7 (5,7)	13 (21,3)	4,4*	0,003 ^a
	Masc.	2 (5,6)	7 (35,0)	9,2*	0,007 ^b
	Fem.	5 (5,8)	6 (14,6)	2,8	0,173 ^b
Violência física severa	Geral	6 (4,9)	14 (23,0)	5,8*	0,001 ^a
	Masc.	2 (5,6)	8 (40,0)	11,3*	0,002 ^b
	Fem.	4 (4,7)	6 (14,6)	3,5	0,075 ^b
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	Geral	2 (1,6)	3 (4,9)	3,1	0,335 ^b
	Masc.	1 (2,8)	3 (15,0)	6,2	0,125 ^b
	Fem.	1 (1,2)	0	#	1,000 ^b
Ameaçou com uma faca ou arma	Geral	0	0	#	-
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	Geral	6 (4,9)	13 (21,3)	5,2*	0,002 ^a
	Masc.	2 (5,6)	7 (35,0)	9,2*	0,007 ^b
	Fem.	4 (4,7)	6 (14,6)	3,5	0,075 ^b
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	Geral	0	0	#	-

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

No geral, como mostra a Tabela 11, os alunos que declaram ter sofrido pelo menos um tipo de violência por parte do pai tiveram 3,1 vezes mais chance de serem alvo de intimidação em relação aos que nunca haviam sofrido essa violência. Esse risco também foi significativamente maior para os participantes do sexo masculino: os

meninos expostos a pelo menos um tipo de violência por parte do pai tinham quase 16 vezes mais chance de serem vítimas de *bullying* do que aqueles não expostos à violência paterna ($p < 0,001$).

Dos 21 tipos de violência diretamente perpetrada pelo pai que foram investigados no presente estudo, 11 tiveram uma associação significativa com ser vítima de *bullying* considerando os participantes no geral, sendo eles (além do que já foi relatado anteriormente): violência psicológica; ameaçar espancar ou bater; chamar de retardado, vadio ou outros nomes similares; falar alto, berrar, gritar; xingar ou amaldiçoar; espancar com tapas no bumbum, braço ou perna; violência física moderada; dar um tapa no rosto, cabeça ou orelha; violência física severa, e surras.

Analisando tais associações por gênero, constatou-se que elas foram significativas somente para os participantes do sexo masculino, sendo que os comportamentos violentos por parte do pai que foram associados com ser vítima de intimidação para os garotos foram: violência psicológica; ameaçar espancar ou bater; falar alto, berrar, gritar; violência física leve; bater com cinto, escova de cabelo, vara ou outro objeto; violência física moderada; dar um tapa no rosto, cabeça ou orelha; violência física severa; e dar uma surra. Em todos esses casos, podemos afirmar que os meninos vítimas dessas formas de violência por parte do pai tinham uma chance significativamente maior de serem alvo de *bullying* do que os meninos que não sofreram esse tipo de violência doméstica.

Os resultados das associações entre violência doméstica e envolvimento em situações de *bullying* como alvo/autor (vítima-agressora) são mostrados a seguir, nas tabelas 12 a 15.

A exposição à violência do pai contra a mãe pelo menos uma vez na vida e à violência psicológica do pai contra a mãe, como mostra a Tabela 12, aumentou 2,1

vezes a chance dos participantes (no geral) de serem autores e vítimas de *bullying* na escola. Analisando os resultados por gênero, percebe-se que tal associação aconteceu exclusivamente com as participantes do sexo feminino, cuja chance de envolvimento em *bullying* como vítima-agressora foi significativamente maior quando o pai cometia os seguintes atos de violência contra a mãe: violência psicológica e violência no geral (chance 3,8 vezes maior), insultos e xingamentos (OR= 2,9), gritos (OR= 3,0) e “jogar, amassar bater ou chutar algo durante uma briga” (OR= 3,2).

Da mesma forma, houve uma proporção significativamente maior de meninas vítimas e autoras de intimidação quando as participantes relatavam haver alguns tipos de violência da mãe contra o pai (ver Tabela 13), sendo eles: presenciar pelo menos um ato de agressão da mãe contra o pai (OR= 4,8); violência psicológica (OR= 5,3); insultos, xingamentos (OR= 3,1); gritos (OR= 4,0). Todos esses comportamentos também foram associados à ocorrência de vitimização e agressão por *bullying* considerando os alunos no geral.

Apenas um ato foi associado ao envolvimento em intimidação como vítima-agressora no caso dos meninos, que foi: ter visto a mãe ameaçar bater ou atirar alguma coisa no pai. Apesar de não ter sido possível realizar o teste de *odds ratio* para esse comportamento, o teste exato de Fisher apontou que a proporção de garotos expostos à esse comportamento da mãe contra o pai nos grupos com e sem envolvimento em *bullying* era estatisticamente diferente: enquanto no grupo sem *bullying* não havia qualquer aluno que tivesse presenciado a mãe ameaçar bater ou atirar alguma coisa no pai, no grupo de vítimas-agressoras 16,7% de garotos relatou ter presenciado esse tipo de agressão, sendo tal diferença estatisticamente significativa ($p= 0,022$).

Tabela 12

Prevalência de violência do pai contra a mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		não	sim		
Declarou ter visto pai agredir mãe pelo menos uma vez	Geral	60 (49,2)	33 (67,3)	2,1*	0,031 ^a
	Masc.	16 (44,4)	13 (54,2)	1,5	0,460 ^a
	Fem.	44 (51,2)	20 (80,0)	3,8*	0,010 ^a
Violência psicológica	Geral	60 (49,2)	33 (67,3)	2,1*	0,031 ^a
	Masc.	16 (44,4)	13 (54,2)	1,5	0,460 ^a
	Fem.	44 (51,2)	20 (80,0)	3,8*	0,010 ^a
Insultou ou xingou	Geral	42 (34,4)	23 (46,9)	1,7	0,127 ^a
	Masc.	9 (25,0)	7 (29,2)	1,2	0,952 ^a
	Fem.	33 (38,4)	16 (64,0)	2,9*	0,023 ^a
Gritou	Geral	47 (38,5)	29 (59,2)	2,3*	0,014 ^a
	Masc.	11 (30,6)	12 (50,0)	2,3	0,213 ^a
	Fem.	36 (41,9)	17 (68,0)	3,0*	0,021 ^a
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	Geral	15 (12,3)	10 (20,4)	1,8	0,263 ^a
	Masc.	2 (5,6)	3 (12,5)	2,4	0,380 ^b
	Fem.	13 (15,1)	7 (28,0)	2,2	0,150 ^b
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	Geral	19 (15,6)	11 (22,4)	1,6	0,397 ^a
	Masc.	8 (22,2)	3 (12,5)	0,5	0,500 ^b
	Fem.	11 (12,8)	8 (32,0)	3,2*	0,035 ^b
Violência física	Geral	14 (11,5)	8 (16,3)	1,5	0,546 ^a
	Masc.	3 (8,3)	2 (8,3)	1,0	1,000 ^b
	Fem.	11 (12,8)	6 (24,0)	2,2	0,208 ^b
Atirou alguma coisa	Geral	7 (5,8)	4 (8,2)	1,4	0,731 ^b
	Masc.	1 (2,8)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	6 (7,1)	4 (16,0)	2,5	0,231 ^b
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	Geral	8 (6,6)	7 (14,3)	2,4	0,135 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (8,3)	3,2	0,558 ^b
	Fem.	7 (8,1)	5 (20,0)	2,8	0,137 ^b
Espancou ou tentou estrangular	Geral	3 (2,5)	1 (2,0)	0,8	1,000 ^b
	Masc.	1 (2,8)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	2 (2,3)	1 (4,0)	1,8	0,539 ^b
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	Geral	5 (4,1)	3 (6,1)	1,5	0,690 ^b
	Masc.	2 (5,6)	1 (4,2)	0,7	1,000 ^b
	Fem.	3 (3,5)	2 (8,0)	2,4	0,314 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

Tabela 13

Prevalência de violência da mãe contra o pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Declarou ter visto mãe agredir pai pelo menos uma vez	Geral	61 (50,0)	34 (69,4)	2,3*	0,021 ^a
	Masc.	16 (44,4)	13 (54,2)	1,5	0,460 ^a
	Fem.	45 (52,3)	21 (84,0)	4,8*	0,005 ^a
Violência psicológica	Geral	58 (47,5)	34 (69,4)	2,5*	0,010 ^a
	Masc.	15 (41,7)	13 (54,2)	1,7	0,342 ^a
	Fem.	43 (50,0)	21 (84,0)	5,3*	0,002 ^a
Insultou ou xingou	Geral	38 (31,1)	24 (49,0)	2,1*	0,028 ^a
	Masc.	10 (27,8)	9 (37,5)	1,6	0,428 ^a
	Fem.	28 (32,6)	15 (60,0)	3,1*	0,025 ^a
Gritou	Geral	53 (43,4)	31 (63,3)	2,2*	0,019 ^a
	Masc.	15 (41,7)	12 (50,0)	1,4	0,525 ^a
	Fem.	38 (44,2)	19 (76,0)	4,0*	0,005 ^a
Ameaçou bater ou atirar alguma coisa	Geral	12 (9,8)	8 (16,3)	1,8	0,232 ^a
	Masc.	0	4 (16,7)	#	0,022 ^b
	Fem.	12 (14,0)	4 (16,0)	1,2	0,755 ^b
Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga	Geral	8 (6,6)	4 (8,2)	1,3	0,744 ^b
	Masc.	0	1 (4,2)	#	0,400 ^b
	Fem.	8 (9,3)	3 (12,0)	1,3	0,708 ^b
Violência física	Geral	13 (10,7)	7 (14,3)	1,4	0,686 ^a
	Masc.	2 (5,6)	2 (8,3)	1,5	1,000 ^b
	Fem.	11 (12,8)	5 (20,0)	1,7	0,351 ^b
Atirou alguma coisa	Geral	9 (7,4)	6 (12,2)	1,8	0,371 ^b
	Masc.	1 (2,8)	1 (4,2)	1,5	1,000 ^b
	Fem.	8 (9,3)	5 (20,0)	2,4	0,163 ^b
Empurrou, bateu, chutou ou feriu	Geral	9 (7,4)	1 (2,0)	0,3	0,285 ^b
	Masc.	1 (2,80)	0	#	1,000 ^b
	Fem.	8 (9,3)	1 (4,0)	0,4	0,681 ^b
Espancou ou tentou estrangular	Geral	0	0	#	-
Ameaçou com faca/ arma de fogo ou usou faca/ arma de fogo	Geral	2 (1,6)	3 (6,1)	3,9	0,143 ^b
	Masc.	0	2 (8,3)	#	0,156 ^b
	Fem.	2 (2,3)	1 (4,0)	1,8	0,539 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

A Tabela 14 apresenta a prevalência de violência direta por parte da mãe no grupo de participantes sem envolvimento em *bullying* e no grupo que declarou ter sido alvo e autor de intimidação na escola (alvo/autores). É possível perceber que, no geral, 91,8% de participantes que foram agredidos pela mãe pelo menos uma vez na vida estavam no grupo de alunos que sofreram e praticaram o *bullying*, enquanto no grupo sem nenhum envolvimento em intimidação, essa porcentagem (de violência da mãe contra o filho) foi de 77,9%. Traduzindo isso em termos de *Odds Ratio*, temos que os alunos que sofreram pelo menos um tipo de violência por parte da mãe tinham 3,2 mais chance de se envolverem em *bullying* como alvo/autores do que aqueles que não sofreram qualquer tipo de agressão por parte da figura materna. Outros comportamentos da mãe contra o filho associados a ser vítima-agressora de *bullying* foram: violência psicológica (OR= 2,7); chamar de retardado, vadio ou outros nomes similares (OR= 2,5); falar alto, berrar, gritar (OR= 2,6); xingar ou amaldiçoar (OR= 2,5); violência física leve (OR= 3,7); bater com cinto, escova de cabelo, vara ou outro objeto (OR= 3,5); beliscar (OR= 2,5); violência física severa (OR= 2,5), e dar uma surra (OR= 2,6).

O fato de a mãe “ter batido com cinto, escova de cabelo, vara ou outro objeto” foi o único comportamento associado a cometer e ser vítima de *bullying* na escola entre as meninas (chance 3,3 vezes maior de ser alvo e autora de *bullying* para as meninas que experienciaram essa violência por parte da mãe), sendo que tal associação também foi constatada para os participantes do sexo masculino e no geral.

A Tabela 14 também mostra que meninos vítimas de violência física leve por parte da mãe tinham 16,4 vezes mais chance do que os não vítimas de declararem ser alvo/autores de *bullying*. Outros comportamentos agressivos da mãe que aumentaram, nos meninos, a chance de envolvimento em atos de intimidação como vítimas-agressoras foram: “beliscar” (OR=4,2) e “dar uma surra” (OR=3,7).

Tabela 14
Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento dos participantes em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Sofreu qualquer tipo de violência por parte de sua mãe pelo menos uma vez	Geral	95 (77,9)	45 (91,8)	3,2*	0,032 ^a
	Masc.	30 (83,3)	23 (95,8)	4,6	0,225 ^b
	Fem.	65 (75,6)	22 (88,0)	2,4	0,293 ^a
Violência psicológica	Geral	84 (68,9)	42 (85,7)	2,7*	0,024 ^a
	Masc.	26 (72,2)	20 (83,3)	1,9	0,493 ^a
	Fem.	58 (67,4)	22 (88,0)	3,5	0,078 ^a
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	Geral	38 (31,1)	19 (38,8)	1,4	0,339 ^a
	Masc.	6 (16,7)	8 (33,3)	2,5	0,236 ^a
	Fem.	32 (37,2)	11 (44,0)	1,3	0,704 ^a
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	Geral	20 (16,4)	16 (32,7)	2,5*	0,018 ^a
	Masc.	7 (19,4)	10 (41,7)	3,0	0,114 ^a
	Fem.	13 (15,1)	6 (24,0)	1,8	0,366 ^b
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	Geral	11 (9,0)	5 (10,2)	1,1	0,778 ^b
	Masc.	3 (8,3)	3 (12,5)	1,6	0,675 ^b
	Fem.	8 (9,3)	2 (8,0)	0,8	1,000 ^b
Falou alto, berrou ou gritou	Geral	81 (66,4)	41 (83,7)	2,6*	0,024 ^a
	Masc.	24 (66,7)	20 (83,3)	2,5	0,258 ^a
	Fem.	57 (66,3)	21 (84,0)	2,7	0,145 ^a
Xingou ou amaldiçoou	Geral	14 (11,5)	12 (24,5)	2,5*	0,032 ^a
	Masc.	4 (11,1)	5 (20,8)	2,1	0,462 ^b
	Fem.	10 (11,6)	7 (28,0)	3,0	0,060 ^b
Violência física leve	Geral	75 (61,5)	42 (85,7)	3,7*	0,002 ^a
	Masc.	21 (58,3)	23 (95,8)	16,4*	0,004 ^a
	Fem.	54 (62,8)	19 (76,0)	1,9	0,324 ^a
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	Geral	30 (24,6)	18 (36,7)	1,8	0,110 ^a
	Masc.	6 (16,7)	8 (33,3)	2,5	0,236 ^a
	Fem.	24 (27,9)	10 (40,0)	1,7	0,364 ^a
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	Geral	42 (34,7)	32 (65,3)	3,5*	<0,001 ^a
	Masc.	12 (33,3)	16 (66,7)	4,0*	0,011 ^a
	Fem.	30 (35,3)	16 (64,0)	3,3*	0,011 ^a
Beliscou	Geral	53 (43,4)	32 (65,3)	2,5*	0,010 ^a
	Masc.	15 (41,7)	18 (75,0)	4,2*	0,011 ^a
	Fem.	38 (44,2)	14 (56,0)	1,6	0,297 ^a
Sacudiu	Geral	22 (18,0)	15 (30,6)	2,0	0,071 ^a
	Masc.	6 (16,7)	9 (37,5)	3,0	0,128 ^a
	Fem.	16 (18,6)	6 (24,0)	1,4	0,574 ^b

Tabela 14 (Continuação)

Prevalência de violência direta por parte da mãe (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento dos participantes em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		não	sim		
Violência física moderada	Geral	28 (23,0)	16 (32,7)	1,6	0,189 ^a
	Masc.	10 (27,8)	9 (37,5)	1,6	0,610 ^a
	Fem.	18 (20,9)	7 (28,0)	1,5	0,636 ^a
Atirou no chão	Geral	5 (4,1)	5 (10,2)	2,7	0,152 ^b
	Masc.	1 (2,8)	3 (12,5)	5,0	0,292 ^b
	Fem.	4 (4,7)	2 (8,0)	1,8	0,615 ^b
Deu um soco ou chutou fortemente	Geral	6 (4,9)	4 (8,2)	1,7	0,475 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (8,3)	3,2	0,558 ^b
	Fem.	5 (5,8)	2 (8,0)	1,4	0,654 ^b
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	Geral	25 (20,5)	14 (28,6)	1,6	0,255 ^a
	Masc.	10 (27,8)	7 (29,2)	1,1	1,000 ^a
	Fem.	15 (17,4)	7 (28,0)	1,8	0,262 ^b
Violência física severa	Geral	23 (18,9)	18 (36,7)	2,5*	0,013 ^a
	Masc.	6 (16,7)	9 (37,5)	3,0	0,128 ^a
	Fem.	17 (19,8)	9 (36,0)	2,3	0,156 ^a
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	Geral	4 (3,3)	4 (8,3)	2,7	0,225 ^b
	Masc.	2 (5,6)	2 (8,3)	1,5	1,000 ^b
	Fem.	2 (2,4)	2 (8,3)	3,8	0,210 ^b
Ameaçou com uma faca ou arma	Geral	1 (0,8)	0	#	1,000 ^b
	Masc.	0	0	#	-
	Fem.	1 (1,2)	0	#	1,000 ^b
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	Geral	22 (18,0)	18 (36,7)	2,6*	0,009 ^a
	Masc.	5 (13,9)	9 (37,5)	3,7*	0,034 ^a
	Fem.	17 (19,8)	9 (36,0)	2,3	0,156 ^a
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	Geral	1 (0,8)	0	#	1,000 ^b
	Masc.	0	0	#	-
	Fem.	1 (1,2)	0	#	1,000 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

Por meio da Tabela 15 podemos verificar as associações entre sofrer violência por parte do pai e ser vítima e autor de *bullying* na escola. No geral, é possível constatar que 17 dos 21 tipos de violência do pai contra o filho foram associados com o relato dos

participantes de que eram alvo e autores de *bullying* na escola, sendo que muitos destes também tiveram associações significativas considerando os participantes por gênero.

Os tipos de comportamentos violentos do pai contra os participantes que estiveram associados com o envolvimento do aluno em situações de intimidação na escola, tanto no geral quanto nos gêneros masculino e feminino, foram: ter sofrido pelo menos um tipo de violência por parte do pai; violência psicológica; pai chamar de retardado, vadio e nomes similares; violência física moderada; violência física severa; e pai ter dado surras.

Mais de metade dos atos violentos por parte do pai que foram investigados na presente pesquisa tiveram associação significativa com ser alvo e autor de *bullying* no caso das meninas. A chance de envolver-se em situações de intimidação como vítima-agressora chegou a ser 21,3 vezes maior entre as meninas que relataram que os pais haviam-nas xingado ou amaldiçoado. Já para os meninos, 10 dos 21 comportamentos violentos do pai associaram-se a cometer e ser alvo de *bullying* na escola, sendo eles alguns deles: pai ameaçar espancar ou bater; violência física leve; pai bater com cinto, escova de cabelo, vara ou outro objeto; pai sacudir.

Ao considerar a intensidade da violência física (violência física leve, violência física moderada e violência física severa), nota-se, por meio da Tabela 15, que a chance de se envolver em *bullying* como vítima-agressora aumenta na medida em que aumenta o grau de severidade da violência doméstica perpetrada pelo pai contra o participante, sendo esse resultado obtido no geral e por sexo. Para os meninos, por exemplo, a chance de ser alvo e autor de *bullying* no caso de sofrer violência física leve por parte do pai foi 4,1 maior do que aqueles cujos pais não foram violentos desta forma; quando a violência física era moderada, essa chance passou para 7,0; chegando a ser 8,5 no caso de violência física severa.

Tabela 15

Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento dos participantes em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Sofreu qualquer tipo de violência por parte de seu pai pelo menos uma vez	Geral	58 (47,5)	39 (79,6)	4,3*	<0,001 ^a
	Masc.	13 (36,1)	18 (75,0)	5,3*	0,003 ^a
	Fem.	45 (52,3)	21 (84,0)	4,8*	0,005 ^a
Violência psicológica	Geral	49 (40,2)	36 (73,5)	4,1*	<0,001 ^a
	Masc.	12 (33,3)	16 (66,7)	4,0*	0,011 ^a
	Fem.	37 (43,0)	20 (80,0)	5,3*	0,001 ^a
Ameaçou espancar ou bater, mas não bateu	Geral	19 (15,6)	17 (34,7)	2,9*	0,006 ^a
	Masc.	4 (11,1)	8 (33,3)	4,0*	0,050 ^b
	Fem.	15 (17,4)	9 (36,0)	2,7	0,088 ^a
Chamou de retardado, vadio ou outros nomes similares	Geral	5 (4,1)	14 (28,6)	9,4*	<0,001 ^a
	Masc.	1 (2,8)	7 (29,2)	14,4*	0,005 ^b
	Fem.	4 (4,7)	7 (28,0)	8,0*	0,002 ^b
Disse que iria mandar embora ou expulsar de casa	Geral	3 (2,5)	9 (18,4)	8,9*	0,001 ^b
	Masc.	1 (2,8)	3 (12,5)	5,0	0,292 ^b
	Fem.	2 (2,3)	6 (24,0)	13,3*	0,002 ^b
Falou alto, berrou ou gritou	Geral	47 (38,8)	33 (67,3)	3,2*	0,001 ^a
	Masc.	12 (34,3)	13 (54,2)	2,3	0,129 ^a
	Fem.	35 (40,7)	20 (80,0)	5,8*	0,001 ^a
Xingou ou amaldiçoou	Geral	2 (1,6)	8 (16,3)	11,7*	0,001 ^b
	Masc.	1 (2,8)	3 (12,5)	5,0	0,292 ^b
	Fem.	1 (1,2)	5 (20,0)	21,3*	0,002 ^b
Violência física leve	Geral	35 (28,7)	23 (46,9)	2,2*	0,023 ^a
	Masc.	7 (19,4)	12 (50,0)	4,1*	0,027 ^a
	Fem.	28 (32,6)	11 (44,0)	1,6	0,414 ^a
Espancou com tapas no bumbum, braço ou perna	Geral	11 (9,1)	11 (22,9)	3,0*	0,031 ^a
	Masc.	3 (8,3)	5 (20,8)	2,9	0,247 ^b
	Fem.	8 (9,4)	6 (25,0)	3,2	0,077 ^b
Bateu com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto	Geral	18 (14,8)	17 (34,7)	3,1*	0,003 ^a
	Masc.	3 (8,3)	9 (37,5)	6,6*	0,009 ^b
	Fem.	15 (17,4)	8 (32,0)	2,2	0,159 ^a
Beliscou	Geral	18 (14,8)	11 (22,9)	1,7	0,295 ^a
	Masc.	5 (13,9)	6 (26,1)	2,2	0,310 ^b
	Fem.	13 (15,1)	5 (20,0)	1,4	0,548 ^b
Sacudiu	Geral	6 (4,9)	10 (20,4)	5,0*	0,003 ^b
	Masc.	2 (5,6)	6 (25,0)	5,7*	0,050 ^b
	Fem.	4 (4,7)	4 (16,0)	3,9	0,075 ^b

Tabela 15 (Continuação)

Prevalência de violência direta por parte do pai (no geral e de acordo com o gênero), segundo o envolvimento em situações de *bullying* como alvo/autor.

Tipo de violência	Sexo	Alvo/autor de <i>bullying</i> ?		OR	p-valor
		N (%)			
		não	sim		
Violência física moderada	Geral	7 (5,7)	13 (26,5)	5,9*	<0,001 ^a
	Masc.	2 (5,6)	7 (29,2)	7,0*	0,023 ^b
	Fem.	5 (5,8)	6 (24,0)	5,1*	0,015 ^b
Atirou no chão	Geral	2 (1,6)	5 (10,2)	6,8*	0,021 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (8,3)	3,2	0,558 ^b
	Fem.	1 (1,2)	3 (12,0)	11,6*	0,035 ^b
Deu um soco ou chutou fortemente	Geral	2 (1,6)	8 (16,3)	11,7*	0,001 ^b
	Masc.	2 (5,6)	5 (20,8)	4,5	0,104 ^b
	Fem.	0	3 (12,0)	#	0,010 ^b
Deu um tapa no rosto, cabeça ou orelha	Geral	7 (5,7)	11 (22,4)	4,8*	0,003 ^a
	Masc.	2 (5,6)	5 (20,8)	4,5	0,104 ^b
	Fem.	5 (5,8)	6 (24,0)	5,1*	0,015 ^b
Violência física severa	Geral	6 (4,9)	17 (34,7)	10,3*	<0,001 ^a
	Masc.	2 (5,6)	8 (33,3)	8,5*	0,010 ^b
	Fem.	4 (4,7)	9 (36)	11,5*	<0,001 ^b
Agarrou pelo pescoço tentando esganar	Geral	2 (1,6)	4 (8,2)	5,3	0,057 ^b
	Masc.	1 (2,8)	2 (8,3)	3,2	0,558 ^b
	Fem.	1 (1,2)	2 (8,0)	7,4	0,127 ^b
Ameaçou com uma faca ou arma	Geral	0	1 (2,0)	#	0,287 ^b
	Masc.	0	0	#	-
	Fem.	0	1 (4,0)	#	0,225 ^b
Deu uma surra, batendo muitas vezes, com força	Geral	6 (4,9)	17 (34,7)	10,3*	<0,001 ^a
	Masc.	2 (5,6)	8 (33,3)	8,5*	0,010 ^b
	Fem.	4 (4,7)	9 (36)	11,5*	<0,001 ^b
Queimou ou jogou líquido quente de propósito	Geral	0	1 (2,0)	#	0,287 ^b
	Masc.	0	0	#	-
	Fem.	0	1 (4,0)	#	0,225 ^b

Nota. ^a p-valor obtido por meio do Teste Qui-quadrado ($df=1$); ^b p-valor obtido por meio do Teste Exato de Fisher. # Não foi possível calcular OR.

* *Odds ratio* significativamente > 1.000 considerando um intervalo de confiança de 95%.

Cronicidade da Violência Doméstica entre os Pais, Segundo o Envolvimento dos Alunos em *Bullying*.

As tabelas 16 a 18 apresentam o escore médio (μ) de violência entre os pais e o desvio padrão da média (*DP*) nos diferentes grupos de envolvimento dos alunos em

situações de *bullying* (G1= nenhum envolvimento em *bullying*; G2= envolvimento em *bullying* como alvo; G3= envolvimento em *bullying* como alvo/autor), além de apresentarem o resultado de teste de Mann-Whitney, realizado para verificar se os grupos diferiam ou não em relação à cronicidade da violência interpaparental.

A primeira dessas tabelas (Tabela 16) mostra o escore médio de violência entre os pais para os alunos no geral, segundo o envolvimento destes em situações de *bullying*.

Tabela 16
Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento dos alunos (no geral) em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica do pai contra a mãe	3,20 (60)	2,448	3,18 (34)	3,020	4,45 (33)	4,124	G ₁ = G ₂ (p=0,516) G ₁ = G ₃ (p=0,171) G ₂ = G ₃ (p=0,078)
Violência física do pai contra a mãe	2,14 (14)	1,099	3,33 (6)	2,251	3,37 (8)	3,701	G ₁ = G ₂ (p=0,269) G ₁ = G ₃ (p=0,696) G ₂ = G ₃ (p=0,552)
Violência total do pai contra a mãe	3,70 (60)	3,238	3,67 (33)	4,399	5,27 (33)	6,012	G ₁ = G ₂ (p=0,332) G ₁ = G ₃ (p=0,246) G ₂ = G ₃ (p=0,068)
Violência psicológica da mãe contra o pai	3,07 (58)	2,034	2,78 (32)	1,237	4,03 (34)	3,138	G ₁ = G ₂ (p=0,969) G ₁ = G ₃ (p=0,268) G ₂ = G ₃ (p=0,413)
Violência física da mãe contra o pai	2,38 (13)	2,293	1,50 (8)	0,535	1,57 (7)	1,134	G ₁ = G ₂ (p=0,527) G ₁ = G ₃ (p=0,314) G ₂ = G ₃ (p=0,593)
Violência total da mãe contra o pai	3,43 (61)	3,047	3,16 (32)	1,609	4,35 (34)	3,592	G ₁ = G ₂ (p=0,482) G ₁ = G ₃ (p=0,197) G ₂ = G ₃ (p=0,557)
Soma dos escores de violência do pai contra a mãe e da mãe contra o pai (total)	5,92 (72)	5,505	5,48 (39)	5,628	8,47 (38)	8,497	G ₁ = G ₂ (p=0,590) G ₁ = G ₃ (p=0,109) G ₂ = G ₃ (p=0,090)

Como mostra a Tabela 16, na maior parte das categorias de violência entre os pais (violência psicológica do pai contra a mãe; violência física do pai contra a mãe; violência total do pai contra a mãe; violência psicológica da mãe contra o pai; violência total da mãe contra o pai; e soma dos escores de violência entre os pais), percebe-se que em G3 (composto por alunos que se envolveram em *bullying* como vítimas e autores) a cronicidade de violência era maior que nos outros dois grupos. Entretanto, o Teste de Mann-Whitney não mostrou diferenças significativas entre a os grupos.

Tabela 17

Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento dos participantes do sexo masculino em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica do pai contra a mãe	2,75 (16)	2,145	2,64 (14)	2,951	3,00 (13)	1,826	G ₁ = G ₂ (p=0,461) G ₁ = G ₃ (p=0,574) G ₂ = G ₃ (p=0,199)
Violência física do pai contra a mãe	2,33 (3)	1,528	2,00 (1)	-	1,50 (2)	0,707	G ₁ = G ₂ (p=1,000) G ₁ = G ₃ (p=0,543) G ₂ = G ₃ (p=0,480)
Violência total do pai contra a mãe	3,19 (16)	2,639	2,79 (14)	3,446	3,23 (13)	2,204	G ₁ = G ₂ (p=0,320) G ₁ = G ₃ (p=0,840) G ₂ = G ₃ (p=0,174)
Violência psicológica da mãe contra o pai	2,80 (15)	1,781	2,64 (11)	1,027	4,15 (13)	3,313	G ₁ = G ₂ (p=0,666) G ₁ = G ₃ (p=0,551) G ₂ = G ₃ (p=0,576)
Violência física da mãe contra o pai	1,00 (2)	<0,001	1,33 (3)	0,577	1,50 (2)	0,707	G ₁ = G ₂ (p=0,414) G ₁ = G ₃ (p=0,317) G ₂ = G ₃ (p=0,739)
Violência total da mãe contra o pai	2,75 (16)	1,770	3,00 (11)	1,342	4,38 (13)	3,754	G ₁ = G ₂ (p=0,376) G ₁ = G ₃ (p=0,485) G ₂ = G ₃ (p=0,617)
Soma dos escores de violência do pai contra a mãe e da mãe contra o pai (total)	4,750 (20)	3,2747	4,500 (16)	4,2895	6,187 (16)	5,7529	G ₁ = G ₂ (p=0,574) G ₁ = G ₃ (p=0,785) G ₂ = G ₃ (p=0,528)

A Tabela 17 – que foi apresentada na página anterior a esta – apresenta o escore médio de violência entre os pais para os participantes do sexo masculino, segundo o envolvimento destes em situações de *bullying*.

Por meio desta tabela, percebe-se que o escore médio de violência entre os pais nas diversas categorias de violência doméstica, conforme o relato dos garotos participantes, é semelhante considerando os diferentes grupos de envolvimento em *bullying*, sendo que o teste de Mann-Whitney indicou que todos os grupos eram iguais em relação à cronicidade da violência.

A cronicidade de violência entre os pais nos diferentes grupos de envolvimento em *bullying*, segundo o relato das participantes do sexo feminino, é apresentada na Tabela 18.

Na tabela 18, podemos perceber que entre as meninas que relataram ter sido alvo/autoras de *bullying* (G3) a cronicidade de violência interparental foi maior, quando comparamos este grupo com os outros dois (G1, de alunas sem envolvimento em *bullying*, e G2, de alunas que foram apenas vítimas de intimidação). Todavia, ao nível de 5% de significância, apenas uma diferença foi encontrada nas categorias de violência interparental: no grupo de participantes que não se envolveu em *bullying* (G1) a média da violência total entre os pais foi de 6,365, enquanto no G3, tal média foi de 10,13, indicando uma cronicidade maior de violência entre os pais neste último grupo (p-valor=0,049).

Tabela 18

Escore médio de violência entre os pais, segundo o envolvimento das participantes do sexo feminino em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica do pai contra a mãe	3,36 (44)	2,553	3,55 (20)	3,086	5,40 (20)	4,914	G ₁ = G ₂ (p=0,959) G ₁ = G ₃ (p=0,133) G ₂ = G ₃ (p=0,209)
Violência física do pai contra a mãe	2,09 (11)	1,044	3,60 (5)	2,408	4,00 (6)	4,147	G ₁ = G ₂ (p=0,220) G ₁ = G ₃ (p=0,377) G ₂ = G ₃ (p=0,781)
Violência total do pai contra a mãe	3,89 (44)	3,439	4,32 (19)	4,978	6,60 (20)	7,287	G ₁ = G ₂ (p=0,843) G ₁ = G ₃ (p=0,129) G ₂ = G ₃ (p=0,224)
Violência psicológica da mãe contra o pai	3,16 (43)	2,126	2,86 (21)	1,352	3,95 (21)	3,106	G ₁ = G ₂ (p=0,954) G ₁ = G ₃ (p=0,420) G ₂ = G ₃ (p=0,562)
Violência física da mãe contra o pai	2,64 (11)	2,420	1,60 (5)	0,548	1,60 (5)	1,342	G ₁ = G ₂ (p=503) G ₁ = G ₃ (p=0,200) G ₂ = G ₃ (p=0,403)
Violência total da mãe contra o pai	3,67 (45)	3,371	3,24 (21)	1,758	4,33 (21)	3,582	G ₁ = G ₂ (p=0,679) G ₁ = G ₃ (p=0,324) G ₂ = G ₃ (p=0,663)
Soma dos escores de violência do pai contra a mãe e da mãe contra o pai (total)	6,365 (52)	6,1198	6,174 (23)	6,4007	10,13 (22)	9,8334	G ₁ = G ₂ (p=0,912) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,049)* G ₂ = G ₃ (p=0,088)

Nota. * Diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%.

Cronicidade da Violência Doméstica dos Pais contra os Participantes, Segundo o Envolvimento dos Alunos em *Bullying*.

A Tabela 19 apresenta os escores médios das várias categorias de violência perpetrada pelos pais contra os participantes (no geral), segundo o envolvimento dos alunos em situações de intimidação entre pares.

Tabela 19

Escore médio de violência dos pais contra os participantes, segundo o envolvimento dos alunos (no geral) em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica da mãe contra o filho	3,54 (84)	3,149	3,75 (53)	2,800	5,38 (42)	4,472	G ₁ = G ₂ (p= 0,317) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,012)* G ₂ = G ₃ (p= 0,108)
Violência física leve da mãe contra o filho	2,96 (75)	2,245	3,13 (45)	2,040	4,57 (42)	3,458	G ₁ = G ₂ (p= 0,493) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,005)* G ₂ ≠ G ₃ (p= 0,045)*
Violência física moderada da mãe contra o filho	2,00 (28)	1,333	1,62 (16)	0,957	2,94 (16)	2,932	G ₁ = G ₂ (p= 0,390) G ₁ = G ₃ (p= 0,582) G ₂ = G ₃ (p= 0,243)
Violência física severa da mãe contra o filho	2,00 (23)	1,508	1,36 (14)	0,633	2,17 (18)	1,543	G ₁ = G ₂ (p= 0,188) G ₁ = G ₃ (p= 0,722) G ₂ = G ₃ (p= 0,122)
Total de violência da mãe contra o filho	6,40 (94)	6,701	6,96 (54)	5,017	11,39 (44)	10,691	G ₁ = G ₂ (p= 0,088) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,001)* G ₂ ≠ G ₃ (p= 0,041)*
Violência psicológica do pai contra o filho	2,27 (49)	1,765	3,08 (40)	2,832	4,64 (36)	4,492	G ₁ = G ₂ (p= 0,117) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,025)* G ₂ = G ₃ (p= 0,310)
Violência física leve do pai contra o filho	1,83 (35)	1,485	2,84 (25)	2,322	4,57 (23)	3,929	G ₁ = G ₂ (p= 0,129) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,001)* G ₂ = G ₃ (p= 0,103)
Violência física moderada do pai contra o filho	2,00 (7)	1,826	2,15 (13)	1,281	3,77 (13)	2,833	G ₁ = G ₂ (p= 0,473) G ₁ = G ₃ (p= 0,094) G ₂ = G ₃ (p= 0,140)
Violência física severa do pai contra o filho	2,00 (6)	1,095	1,50 (14)	0,760	2,59 (17)	2,320	G ₁ = G ₂ (p= 0,323) G ₁ = G ₃ (p= 0,736) G ₂ = G ₃ (p= 0,150)
Total de violência do pai contra o filho	3,55 (56)	3,280	5,40 (45)	5,280	9,36 (39)	11,661	G ₁ = G ₂ (p= 0,131) G ₁ ≠ G ₃ (p= 0,013)* G ₂ = G ₃ (p= 0,224)
Soma dos escores de violência dos pais contra o participante (total)	8,38 (95)	8,320	11,24 (55)	8,888	18,84 (44)	20,983	G ₁ ≠ G ₂ (p= 0,015)* G ₁ ≠ G ₃ (p< 0,001)* G ₂ = G ₃ (p= 0,117)

Nota. * Diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%.

É possível perceber, por meio da Tabela 19, que dentre todas as categorias de violência dos pais contra os participantes, o grupo de alunos que classificados como alvo/autores de *bullying* (G3) foi o que relatou escores médios mais altos de violência doméstica direta. A cronicidade de violência dos pais contra os participantes no G3 (vítimas-agressoras) foi significativamente diferente da cronicidade em G1 (alunos sem envolvimento em *bullying*) em mais da metade das categorias de violência doméstica direta investigadas.

As categorias em que houve diferença estatisticamente significante entre G1 e G3, evidenciando uma maior cronicidade de violência perpetrada pelos pais neste último grupo, foram: violência psicológica da mãe; violência física leve perpetrada pela mãe; escore total de violência da mãe; violência psicológica perpetrada pelo pai; violência física leve do pai contra o participante; escore total de violência do pai contra o filho; e soma de todos os tipos de violência dos pais contra o participante.

Os alunos envolvidos em *bullying* como alvo (G2) tiveram escores médios de violência perpetrada pelos pais semelhantes aos dos alunos sem nenhum envolvimento em *bullying* (G1), sendo que em todas as categorias de exposição direta do aluno à violência doméstica não houve diferenças significativas entre esses dois grupos (ver Tabela 19). Sendo assim, a cronicidade de violência dos pais contra os participantes em G2 foi menor do que a constatada em G3, mas, o teste de Mann-Whitney realizado para comparar os dois grupos em relação à suas médias, mostrou diferenças estatisticamente significantes apenas nas seguintes categorias: violência física leve perpetrada pela mãe (G2=3,13; G3= 4,57; $p=0,045$) e escore total de violência da mãe (G2=6,96; G3= 11,39; $p=0,041$).

A Tabela 20 mostra a média de violência dos pais contra os participantes do sexo masculino, de acordo com o envolvimento dos alunos em *bullying*.

Tabela 20

Escore médio de violência dos pais contra os participantes do sexo masculino, segundo o envolvimento destes em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica da mãe contra o filho	2,54 (26)	2,486	2,95 (20)	1,701	5,05 (20)	4,249	G ₁ = G ₂ (p=0,154) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,007)* G ₂ = G ₃ (p=0,123)
Violência física leve da mãe contra o filho	2,62 (21)	1,774	3,12 (17)	2,205	4,09 (23)	2,827	G ₁ = G ₂ (p=0,694) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,047)* G ₂ = G ₃ (p=0,211)
Violência física moderada da mãe contra o filho	1,60 (10)	0,966	1,67 (6)	0,816	2,00 (9)	2,291	G ₁ = G ₂ (p=0,715) G ₁ = G ₃ (p=0,849) G ₂ = G ₃ (p=0,591)
Violência física severa da mãe contra o filho	1,33 (6)	0,516	1,43 (7)	0,787	1,89 (9)	1,364	G ₁ = G ₂ (p=1,000) G ₁ = G ₃ (p=0,501) G ₂ = G ₃ (p=0,501)
Total de violência da mãe contra o filho	4,83 (30)	5,032	6,60 (20)	3,747	10,00 (23)	9,050	G ₁ ≠ G ₂ (p=0,017)* G ₁ ≠ G ₃ (p=0,002)* G ₂ = G ₃ (p=0,231)
Violência psicológica do pai contra o filho	2,42 (12)	2,811	3,44 (16)	3,596	3,63 (16)	3,052	G ₁ = G ₂ (p=0,088) G ₁ = G ₃ (p=0,136) G ₂ = G ₃ (p=0,936)
Violência física leve do pai contra o filho	2,57 (7)	2,507	3,27 (11)	2,494	3,58 (12)	2,712	G ₁ = G ₂ (p=0,512) G ₁ = G ₃ (p=0,166) G ₂ = G ₃ (p=0,706)
Violência física moderada do pai contra o filho	4,00 (2)	2,828	2,14 (7)	1,069	2,71 (7)	2,059	G ₁ = G ₂ (p=0,282) G ₁ = G ₃ (p=0,548) G ₂ = G ₃ (p=0,740)
Violência física severa do pai contra o filho	2,00 (2)	1,414	1,50 (8)	0,756	2,00 (8)	1,414	G ₁ = G ₂ (p=0,553) G ₁ = G ₃ (p=0,888) G ₂ = G ₃ (p=0,520)
Total de violência do pai contra o filho	4,83 (12)	5,702	6,56 (18)	6,012	7,56 (18)	8,082	G ₁ = G ₂ (p=0,207) G ₁ = G ₃ (p=0,172) G ₂ = G ₃ (p=0,849)
Soma dos escores de violência dos pais contra o participante (total)	6,93 (30)	9,008	12,50 (20)	8,319	15,61 (23)	16,492	G ₁ ≠ G ₂ (p=0,001)* G ₁ ≠ G ₃ (p=0,003)* G ₂ = G ₃ (p=0,836)

Nota. * Diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%.

Da mesma forma como aconteceu com os resultados considerando os alunos no geral (Tabela 19), constata-se que a cronicidade de violência dos pais contra os participantes foi maior entre os alunos classificados como vítimas-agressoras, mas esses resultados são estatisticamente significantes apenas em quatro categorias. O grupo de alunos que foram alvo/autores de *bullying*, entre os meninos, diferencia-se do grupo de alunos sem envolvimento em intimidação nas seguintes categorias: violência psicológica da mãe contra o filho; violência física leve da mãe contra o filho; escore total de violência da mãe contra o participante; soma de todos os tipos de violência dos pais contra o participante.

A Tabela 20 também mostra que os alunos envolvidos em *bullying* apenas como vítimas (G2) se diferenciaram do grupo de alunos não envolvidos em atos de intimidação (G1) no que diz respeito à algumas categorias de violência doméstica direta, sendo elas: escore total de violência da mãe contra o participante; soma de todos os tipos de violência dos pais contra o participante. Entretanto, para todas as outras categorias de violência perpetradas pelos pais, não houve diferenças estatisticamente significantes quando se comparou G2 com G1 e G2 com G3.

A cronicidade de violência dos pais contra as participantes do sexo feminino, segundo o envolvimento destas em situações de intimidação entre pares, é apresentada a seguir, na Tabela 21. Novamente, o grupo de vítimas-agressoras (G3) destaca-se como tendo maior cronicidade de violência doméstica direta em todas as categorias investigadas na presente pesquisa, especialmente quando comparado ao grupo de alunas não envolvidas em *bullying* (G1). O teste de Mann-Whitney mostrou diferenças significativas entre G1 e G3, para as seguintes categorias de violência doméstica direta: violência física leve da mãe contra as participantes; violência total perpetrada pela mãe;

violência física leve por parte do pai; violência física moderada por parte do pai; escore total de violência doméstica cometida por ambos os pais.

Tabela 21

Escore médio de violência dos pais contra as participantes do sexo feminino, segundo o envolvimento destas em situações de *bullying*, e comparações entre os grupos.

Categoria	Nenhum envolvimento (G1)		Alvos (G2)		Alvo/autores (G3)		Teste de Mann-Whitney
	μ (N)	DP	μ (N)	DP	μ (N)	DP	
Violência psicológica da mãe contra o filho	3,98 (58)	3,327	4,24 (33)	3,221	5,68 (22)	4,745	G ₁ = G ₂ (p=0,591) G ₁ = G ₃ (p=0,164) G ₂ = G ₃ (p=0,381)
Violência física leve da mãe contra o filho	3,09 (54)	2,405	3,14 (28)	1,976	5,16 (19)	4,100	G ₁ = G ₂ (p=0,614) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,035)* G ₂ = G ₃ (p=0,114)
Violência física moderada da mãe contra o filho	2,22 (18)	1,478	1,60 (10)	1,075	4,14 (7)	3,388	G ₁ = G ₂ (p=0,218) G ₁ = G ₃ (p=0,148) G ₂ ≠ G ₃ (p=0,039)*
Violência física severa da mãe contra o filho	2,24 (17)	1,678	1,29 (7)	0,488	2,44 (9)	1,740	G ₁ = G ₂ (p=0,173) G ₁ = G ₃ (p=0,732) G ₂ = G ₃ (p=0,143)
Total de violência da mãe contra o filho	7,14 (64)	7,274	7,18 (34)	5,675	12,90 (21)	12,288	G ₁ = G ₂ (p=0,516) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,022)* G ₂ = G ₃ (p=0,082)
Violência psicológica do pai contra o filho	2,22 (37)	1,315	2,83 (24)	2,239	5,45 (20)	5,316	G ₁ = G ₂ (p=0,499) G ₁ = G ₃ (p=0,078) G ₂ = G ₃ (p=0,218)
Violência física leve do pai contra o filho	1,64 (28)	1,096	2,50 (14)	2,210	5,64 (11)	4,843	G ₁ = G ₂ (p=0,403) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,016)* G ₂ = G ₃ (p=0,097)
Violência física moderada do pai contra o filho	1,20 (5)	0,447	2,17 (6)	1,602	5,00 (6)	3,286	G ₁ = G ₂ (p=0,243) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,027)* G ₂ = G ₃ (p=0,100)
Violência física severa do pai contra o filho	2,00 (4)	1,155	1,50 (6)	0,837	3,11 (9)	2,892	G ₁ = G ₂ (p=0,464) G ₁ = G ₃ (p=0,509) G ₂ = G ₃ (p=0,199)
Total de violência do pai contra o filho	3,20 (44)	2,205	4,63 (27)	4,692	10,90 (21)	14,050	G ₁ = G ₂ (p=0,633) G ₁ = G ₃ (p=0,097) G ₂ = G ₃ (p=0,195)
Soma dos escores de violência dos pais contra o participante (total)	9,02 (66)	7,987	10,51 (35)	9,237	22,38 (21)	24,945	G ₁ = G ₂ (p=0,408) G ₁ ≠ G ₃ (p=0,009)* G ₂ = G ₃ (p=0,063)

Nota. * Diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%.

Comparando G2 e G3, a Tabela 21 mostra que tais grupos foram diferentes em relação à violência física moderada perpetrada pela mãe contra as participantes ($p=0,039$), indicando, mais uma vez, que a cronicidade de violência era mais severa no grupo de vítimas-agressoras.

Correlações entre Violência Doméstica e *Bullying*.

A Tabela 22 apresenta a análise de correlação de Spearman entre as categorias de violência entre os pais e a escala de *bullying* (sendo feitas análises separadas para os escores de vitimização, de autoria, bem como para o escore total), considerando os alunos no geral e de acordo com o gênero.

Por meio desta tabela é possível notar a existência de correlações positivas significativas de violência entre os pais e a escala de *bullying* (nos três níveis de análise: vitimização, autoria e escore total de *bullying*), embora essas correlações sejam específicas para os alunos no geral e para as participantes do sexo feminino. Entre os participantes do sexo masculino, os escores de *bullying* não tiveram associações significativas com os escores relatados de violência entre os pais (ver Tabela 22).

Tendo em vista apenas o escore de vitimização por *bullying*, percebe-se que este esteve correlacionado, no geral e para as garotas, com: “violência psicológica do pai contra a mãe”; “violência do pai contra a mãe”; “violência psicológica da mãe contra o pai”; “violência da mãe contra o pai” e com a “violência entre os pais”. Entre todas essas categorias nas quais houve associação de violência doméstica com *bullying*, o maior coeficiente aconteceu para as meninas na categoria “violência do pai contra a mãe”, cujo coeficiente de correlação (“ r ”) foi de 0,197 ($p<0,05$). A violência física do pai contra a mãe e a violência física da mãe contra o pai não foram fatores correlacionados com o escore de vitimização por *bullying*.

As mesmas categorias de violência entre os pais que tiveram associação com a vitimização por *bullying* foram as correlacionadas significativamente com a autoria de *bullying* no geral e entre as meninas. Nota-se, entretanto, correlações mais fortes e significativas do que as encontradas anteriormente, chegando a um coeficiente de correlação de 0,294 ($p < 0,01$) entre a escala de autoria de *bullying* e a soma total da violência entre os pais no grupo de meninas.

Considerando o escore total dos alunos no questionário de *bullying* e os escores obtidos nas várias categorias de violência entre os pais, há coeficientes de correlação significativos entre estes. Para os participantes no geral, somente a “violência física do pai contra a mãe” e a “violência física da mãe contra o pai” não apresentaram correlação com *bullying*. Já para as meninas, somente a “violência física da mãe contra o pai” não se correlacionou com o escore total de intimidação.

As correlações entre *bullying* e violência dos pais contra a criança são mostradas na Tabela 23. Desta vez, foram constatadas correlações significativas tanto para os participantes no geral, quanto ao considerá-los por gênero.

No geral, pode-se perceber que o escore obtido na escala de vitimização por *bullying* correlacionou-se positivamente com 10 das 11 categorias de violência perpetrada pelos pais contra os participantes, sendo que a “violência física moderada da mãe contra o filho” foi a única categoria não correlacionada. A “violência física severa do pai contra o filho” foi a categoria de violência contra a criança que apresentou o mais forte o coeficiente de correlação com a vitimização por *bullying* no geral ($r = 0,351$; $p < 0,01$). Por meio da Tabela 23 é possível perceber também que, para os alunos no geral, as mesmas categorias de violência dos pais contra os filhos correlacionadas com vitimização por *bullying* foram as categorias correlacionadas com o escore de *bullying* total.

Tabela 22

Análise de correlação entre *bullying* (vitimização, autoria e escore total) e violência entre os pais, no geral e de acordo com o gênero.

	Escore de vitimização			Escore de autoria			Escore total		
	Por <i>bullying</i>			de <i>bullying</i>			de <i>bullying</i>		
	Geral	Masc.	Fem.	Geral	Masc.	Fem.	Geral	Masc.	Fem.
Pai contra mãe									
Violência psicológica	0,168**	0,115	0,197*	0,161*	0,062	0,244**	0,187**	0,132	0,216**
Violência física	0,093	0,021	0,142	0,069	-0,015	0,141	0,100	0,002	0,163*
Escore total	0,152*	0,103	0,182*	0,158*	0,054	0,245**	0,170**	0,118	0,202*
Mãe contra pai									
Violência psicológica	0,151*	0,124	0,175*	0,194**	0,095	0,282**	0,182**	0,132	0,221**
Violência física	0,033	0,004	0,045	0,024	-0,026	0,075	0,039	-0,005	0,065
Escore total	0,142*	0,107	0,169*	0,182**	0,082	0,273**	0,171**	0,114	0,214**
Violência entre os pais	0,158*	0,102	0,189*	0,189**	0,056	0,294**	0,184**	0,112	0,227**

Nota. * A correlação é significativa ao nível de 0.05 (2-tailed).

** A correlação é significativa ao nível de 0.01 (2-tailed).

Tabela 23

Análise de correlação entre *bullying* (vitimização, autoria e escore total) e violência dos pais contra os participantes, no geral e de acordo com o gênero.

	Vitimização			Autoria			Escore total de <i>bullying</i>		
	Geral	Masc.	Fem.	Geral	Masc.	Fem.	Geral	Masc.	Fem.
Mãe contra filho									
Violência psicológica	0,212**	0,236*	0,198*	0,220**	0,239*	0,221**	0,251**	0,266*	0,237**
Violência física leve	0,259**	0,413**	0,159	0,256**	0,349**	0,186*	0,280**	0,429**	0,175*
Violência física moderada	0,072	-0,023	0,099	0,138*	0,136	0,121	0,109	0,041	0,119
Violência física severa	0,177**	0,273*	0,108	0,145*	0,094	0,170*	0,172**	0,223*	0,126
Escore total	0,259**	0,381**	0,195*	0,258**	0,318**	0,225**	0,294**	0,409**	0,227**
Pai contra filho									
Violência psicológica	0,285**	0,273*	0,271**	0,267**	0,161	0,328**	0,327**	0,278*	0,324**
Violência física leve	0,256**	0,373**	0,158	0,155*	0,146	0,135	0,238**	0,319**	0,147
Violência física moderada	0,280**	0,288**	0,233**	0,180**	0,067	0,228**	0,272**	0,230*	0,245**
Violência física severa	0,351**	0,307**	0,347**	0,234**	0,102	0,294**	0,338**	0,269*	0,336**
Escore total	0,346**	0,418**	0,270**	0,280**	0,197	0,313**	0,370**	0,397**	0,308**
Violência dos pais contra o filho	0,306**	0,438**	0,224**	0,275**	0,277*	0,261**	0,336**	0,439**	0,259**

Nota. * A correlação é significativa ao nível de 0.05 (2-tailed).

** A correlação é significativa ao nível de 0.01 (2-tailed).

Ainda considerando os alunos no geral, nota-se, por meio da Tabela 23, que todas as categorias de violência do pai contra o participante foram correlacionadas positivamente à autoria de *bullying*. Os coeficientes de correlação, neste caso, variaram entre 0,138 ($p < 0,05$), para “violência física moderada da mãe contra o filho”, e 0,280 ($p < 0,01$), para “violência do pai contra o filho”.

Entre os garotos, houve correlação entre a maioria das categorias de violência da mãe contra o filho e os escores de vitimização por *bullying* e de *bullying* no total, sendo a única exceção foi a categoria “violência física moderada da mãe contra o participante” que não apresentou um coeficiente de correlação significativo em nenhuma das escalas de *bullying*. Os tipos de violência da mãe contra o filho correlacionados à autoria de intimidação na escola foram: violência psicológica, violência física leve e violência da mãe contra o participante.

A violência do pai contra os participantes, por sua vez, correlacionou-se positivamente com a vitimização por *bullying* e com o escore total de *bullying* dos meninos, mas não com a autoria de *bullying*. Para os participantes do sexo masculino, as correlações mais fortes de vitimização por *bullying* e violência perpetrada pelos pais foram com as categorias: “violência do pai contra o filho” ($r = 0,418$, $p < 0,01$) e “violência total dos pais contra o filho” ($r = 0,438$, $p < 0,01$).

O fenômeno *bullying* esteve, também, associado com várias formas de violência dos pais contra os participantes entre as meninas. Dentre as 11 categorias de violência doméstica direta, sete foram correlacionadas com vitimização por *bullying*, nove, com a autoria de intimidação e oito categorias correlacionaram-se com o escore total de *bullying*. Para as garotas participantes, o menor destes coeficientes de correlação encontrado foi o entre “vitimização por *bullying*” e “violência física da mãe contra a

filha” ($r= 0,166$, $p<0,05$), e o maior, entre “violência física severa do pai contra a filha” e “vitimização por *bullying*” ($r= 0,347$, $p<0,01$).

DISCUSSÃO

1. Prevalência de *Bullying* e Considerações sobre os Diferentes Tipos de Intimidação na Escola.

Os resultados desta pesquisa indicam uma alta prevalência de *bullying* nas escolas onde o estudo foi realizado, sendo que 49% dos participantes relatou algum envolvimento em *bullying* nos três meses anteriores à coleta de dados. Essa proporção de intimidação entre pares iguala-se à de outros estudos brasileiros: Fante (2005), pesquisando o *bullying* em escolas do interior de São Paulo, encontrou uma prevalência de 49% de estudantes envolvidos no fenômeno e Lopes Neto e Saavedra (2003), que realizaram uma ampla pesquisa no Rio de Janeiro, relataram que 40,5% dos participantes admitiram ter tido envolvimento direto na prática de *bullying*.

Apesar de a proporção total de *bullying* ser semelhante entre o presente estudo e os demais (relatados anteriormente), quando se compara a proporção de alunos em cada subgrupo – de “alvos”, “autores” e “alvo/autores” –, algumas diferenças merecem ser destacadas:

- (1) Enquanto na presente pesquisa menos de 3% dos participantes admitiu ter apenas cometido *bullying* contra os colegas (ou seja, eram autores, mas não vítimas de *bullying*), essa prevalência foi de 15% na pesquisa de Fante (2005) e de 12,7% no estudo de Lopes Neto e Saavedra (2003);
- (2) A prevalência de alunos classificados como vítimas-agressoras, por sua vez, foi maior na pesquisa aqui apresentada (20,5 % do total de participantes) do que nas outras duas, em que a proporção de alunos classificados como alvo/autores foi, aproximadamente, de 11,5%;
- (3) A proporção de vítimas foi menor na pesquisa de Lopes Neto e Saavedra – 16,5% declarou ter sofrido intimidação por parte de seus colegas – do que

nas pesquisas de Fante (2005) e na presente pesquisa, sendo a prevalência de alvos de *bullying*, respectivamente, 22% e 25,5%.

Desse modo, verifica-se que o presente estudo teve uma porcentagem muito baixa de alunos classificados apenas como autores de *bullying* e uma maior proporção de vítimas-agressoras, quando esses resultados são comparados aos de outras pesquisas nacionais. Duas suposições foram levantadas para explicar a discrepância entre estes resultados: a primeira considera as diferenças no método e nos instrumentos utilizados e a segunda diz respeito à amostra.

Vários autores (Espelage & Swearer, 2003; Griffin & Gross, 2004; Olweus, 2003) discutem que a prevalência geral de alunos vítimas e autores de *bullying* varia de um estudo para outro, de acordo com as definições e métodos utilizados para aferir a ocorrência de intimidação. Na pesquisa de Lopes Neto e Saavedra (2003), por exemplo, os participantes eram solicitados a responder se, dada a definição de *bullying*, eles se reconheciam como vítimas e/ou autores de intimidação; em contraste, na presente pesquisa, o questionário apresentava a definição de intimidação, mas a medida de *bullying* era obtida por meio das respostas dos alunos a comportamentos específicos, sendo que a pesquisadora, por meio dos critérios fixados (ver método), era quem definia se os alunos estavam ou não envolvidos nessa prática. Portanto, no estudo aqui apresentado, a medida de *bullying* não era ligada a percepções subjetivas dos alunos, mas correspondia a um critério pré-definido, baseado na pesquisa de Baldry (2003).

Essa forma direta de inferir o *bullying* tem sido defendida como mais apropriada por alguns autores (Bosworth et al., 1999), que consideram que alguns estudantes, especialmente os que intimidam outros colegas, podem se sentir desconfortáveis denominando seus comportamentos contra outros como *bullying*, o que os levaria a minimizar a violência que praticam contra os pares. Bosworth et al. (1999) defendem

que os instrumentos que medem *bullying* por meio de auto-relato dos estudantes são mais apropriados quando simplesmente perguntam aos estudantes sobre a frequência de comportamentos específicos, tais como provocações e agressões físicas, sem apresentar uma definição desse tipo de violência. Essa proposição, no entanto, ainda não encontra respaldo na literatura científica, mesmo porque os estudos que comparam diferentes métodos de avaliação de *bullying* são bastante escassos (Chan, Myron, & Crawshaw, 2005). Por enquanto, o que se percebe, é que a maioria dos instrumentos que aferem a intimidação entre pares na escola tem estrutura semelhante ao questionário de Olweus (Chan et al., 2005) que, assim como o utilizado na presente pesquisa, apresenta uma definição inicial do que é *bullying*, seguida por questões específicas sobre comportamentos de autoria e vitimização englobados nesse tipo de violência entre pares.

Apesar das críticas de pesquisadores como Bosworth et al. (1999) e Chan et al. (2005) sobre o questionário de Olweus, o fato é que tal pesquisador tem o mérito de ter sido o pioneiro nas pesquisas sobre *bullying* e de ter realizado amplos estudos, com milhares de estudantes, em diversos países da Europa, inclusive com o objetivo de validar seu questionário, que tem se mostrado útil para avaliar a intimidação entre pares (Baldry, 2003; Olweus, 2003).

Além das questões sobre os instrumentos utilizados para medir o *bullying*, um outro aspecto a ser considerado para entender as diferenças de prevalência na presente pesquisa em relação aos outros estudos brasileiros diz respeito à composição da amostra. No presente estudo, exigiu-se que um dos pais ou responsáveis assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme regulamentado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e, no caso específico de psicólogos, pela a resolução nº. 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia. Estas duas resoluções

indicam que, no caso de pesquisa com menores de idade, deve-se obter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por um dos pais ou responsáveis.

Reconhece-se que a regulamentação sobre os procedimentos éticos que devem ser seguidos por pesquisadores é de extrema importância para a proteção dos participantes e o progresso da ciência. Todavia, na presente pesquisa, foi possível perceber que o procedimento gerou dificuldades para a inclusão de alunos na pesquisa: cerca de 40% dos alunos contatados não devolveu o TCLE assinado pelos pais e, dos que devolveram, houve uma proporção maior de meninas do que de meninos.

As dificuldades acima relatadas também foram encontradas por outros pesquisadores que pediram o consentimento informado dos pais para a inclusão de crianças e adolescentes em suas pesquisas. Bosworth et al. (1999), realizaram um estudo que procurava medir fatores associados com o comportamento de *bullying* entre estudantes do ensino fundamental (6^a a 8^a série), tais como: depressão, expressão da raiva, acesso a armas etc. Os autores enviaram 1361 Termos de Consentimento para pais desses alunos e apenas 700 (cerca de 50% dos que receberam o documento) devolveram o termo assinado; 142 destes pais não permitiram que o filho participasse da pesquisa.

No Brasil, Lisboa et al. (2002), em um estudo que visava comparar estratégias de enfrentamento (*coping*) entre crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica, verificaram que a exigência do Consentimento Informado dos pais no caso de pesquisas sobre violência doméstica, embora embase questões éticas relevantes, pode introduzir um viés importante na amostra, dado que há a possibilidade de que os pais violentos não permitam a inclusão de seus filhos na pesquisa, por temerem a exposição do caso. Outra dificuldade que os pesquisadores tiveram foi devido ao fato de que alguns pais eram

analfabetos e, portanto, não poderiam avaliar os riscos e benefícios da pesquisa e, tampouco, assinar o consentimento informado (Lisboa et al., 2002).

Apesar das regulamentações sobre os procedimentos éticos, nota-se que algumas pesquisas realizadas no Brasil (Castro, Abramovay, & Silva, 2004; Fante, 2005; Lopes Neto & Saavedra, 2003), que tiveram como participantes crianças ou adolescentes, foram realizadas apenas com a permissão da direção da escola, ou seja, os pais não tiveram que dar o consentimento informado para a inclusão de seus filhos na pesquisa. Quando o estudo é realizado dessa forma, é possível constatar uma grande adesão dos alunos, como aconteceu em relação ao estudo realizada pela ABRAPIA (Lopes Neto & Saavedra, 2003), que investigou a ocorrência de *bullying* em 11 escolas do Rio de Janeiro, num total de 5875 alunos participantes, em que os pesquisadores indicaram que não houve registro de aluno que tenha se recusado a participar da pesquisa.

Outro questionamento que pode ser feito é: será possível que, na presente pesquisa, os estudantes que eram apenas autores de *bullying* na escola, ao levar os termos de consentimento para os pais, pudessem tê-lo lido com mais atenção e se esquivado de participar da pesquisa? Tal hipótese faz sentido quando se leva em consideração que o TCLE dizia que o participante teria que responder sobre conflitos vivenciados em casa e na escola, mas, confessar que se é um “agressor” é uma situação aversiva para os autores de violência (Chan et al., 2005; Sinclair, 1985). Por outro lado, há evidências de que as vítimas de *bullying* demonstram alívio e motivação ao participar de pesquisas sobre o tema, o que pode ter contribuído, aqui, para a ampla participação de alvos de intimidação. Em um estudo realizado por Chan et al. (2005), cujo objetivo foi comparar a validade de medidas anônimas e não-anônimas de *bullying*, foi relatado pelos docentes que alguns alunos participantes, cujos professores suspeitavam que

fossem vítimas de *bullying*, mostraram sinais de grande alívio e satisfação por estarem participando da pesquisa.

Comparar a presente pesquisa com estudos internacionais é uma tarefa difícil, pois, além das dificuldades acima mencionadas (método para aferir *bullying* e representatividade da amostra de participantes), muitos pesquisadores, inclusive Baldry (2003), classificaram os participantes apenas como “vítima” ou “autor” de *bullying*. Esse procedimento, entretanto, pode gerar resultados incompletos e equivocados, já que, cada vez mais, as pesquisas mostram a importância de não dicotomizar os estudantes apenas como alvos ou autores de *bullying*, mesmo porque o grupo de “vítimas-agressoras” tem revelado possuir características muito diferentes dos outros dois grupos (Bowers, Smith, & Binney, 1992; Schwartz, 2000; Schwartz, Toblin, Abou-ezzeddine, Tom, & Stevens, 2005; Watson, Andréas, Fischer, & Smith, 2005). De acordo com Bowers et al. (1992), os alunos que são alvo/autores de intimidação na escola parecem dividir mais características em comum com os autores do que com as vítimas de *bullying*, embora, ainda assim, sejam um subgrupo bastante distinto daquele composto apenas por agressores.

Schwartz (2000) investigou o perfil de comportamento e o ajustamento psicossocial de crianças envolvidas ou não em *bullying* na escola. O autor, por meio de um procedimento de nomeação por pares, procurou identificar como se dava o envolvimento de cada participante em situações de *bullying* na sala de aula e o índice de aceitação social e/ou rejeição das crianças por parte de seus pares. Além disso, os professores foram solicitados a responder questões relacionadas ao comportamento social, funcionamento acadêmico, regulação emocional e comportamental de cada um dos alunos participantes. Os resultados mostraram que crianças classificadas como vítimas-agressoras tinham níveis de estresse, déficit de atenção, desregulação emocional

e rejeição social maiores do que todos os outros grupos – de “alunos alvo”, “autores” ou “sem envolvimento” em *bullying*.

Os resultados do presente estudo tendem a corroborar os achados de outros pesquisadores no que se refere aos tipos de intimidação mais praticados e às diferenças entre os gêneros. Considerando a prevalência de *bullying* nos diferentes grupos, só houve diferença significativa entre os gêneros no grupo de “vítimas-agressoras”: 28,9% dos meninos foram classificados nesse grupo, enquanto, entre as meninas, a prevalência de foi de 16%. Essa maior proporção de meninos no grupo de vítimas agressoras, também, foi constatada por Schwartz (2000). Apesar de não ter havido diferenças entre os gêneros no grupo de autores, cabe ressaltar que o número de alunos classificados neste grupo foi muito baixo para permitir conclusões a respeito.

As seguintes categorias de *bullying* foram investigadas na presente pesquisa: indireto, verbal e físico. Verificando a frequência de cada tipo de vitimização entre garotos e garotas, constatou-se que uma maior proporção de participantes do sexo masculino relatou ter sofrido intimidação verbal e física por parte de colegas. O *bullying* indireto, por sua vez, teve maior prevalência entre as meninas. Entretanto, nenhuma das diferenças aqui constatadas foi estatisticamente significativa. Baldry (2003) e Ando, Asakura e Simons-Morton (2005), em pesquisas independentes, realizadas, respectivamente, na Itália e no Japão, constataram uma proporção significativamente maior de garotos sofrendo *bullying* direto (verbal e físico) do que de garotas. Supõe-se que, se o presente estudo contasse com uma amostra semelhante à daqueles pesquisadores – Baldry realizou sua pesquisa com 1059 estudantes e Ando et al., com 2923 alunos –, a prevalência de *bullying* direto seria, também, maior entre os meninos, uma vez que amostras maiores são mais sensíveis às diferenças de grupo.

Em relação aos autores, tanto no presente estudo como nas pesquisas de Baldry (2003) e Ando et al. (2005), constatou-se que os meninos admitiram mais envolvimento em *bullying* direto (tanto físico quanto verbal) do que as meninas. Contudo, os dados de Baldry para autoria de *bullying* indireto não indicaram diferença significativa entre os sexos, enquanto, no presente estudo e no de Ando et al., pode-se afirmar que os participantes do sexo masculino admitiram cometer mais atos de exclusão social do que as meninas.

Lopes Neto e Saavedra (2003), assim como a autora do presente estudo, constataram que o *bullying* verbal direto (apelidos, xingamentos, ameaças, etc.) foi o tipo mais comum de intimidação em ambos os sexos e que houve um maior envolvimento em *bullying* entre os participantes do sexo masculino. Esses dados coincidem com os de estudos internacionais sobre a ocorrência de *bullying*, que indicam uma maior prevalência de intimidação por meio de *bullying* verbal, assim como um maior envolvimento de meninos como autores de intimidação na escola (Baldry, 2003; Bosworth et al., 1999; Hayden & Blaya, 2002; Olweus, 2003; Pereira, Mendonça, Neto, Valente, & Smith, 2004; Ronning et al., 2004; World Health Organization, 2004).

A ridicularização por causa de raça ou cor foi um dos tipos de *bullying* menos relatados pelos participantes: apenas 0,4% dos participantes relatou ter cometido esse tipo de violência contra seus pares. Contudo, constatou-se que, entre os alunos negros vítimas de *bullying*, havia uma chance significativamente maior de estes relatarem discriminação por causa da cor da pele do que os brancos e pardos, o que indica que o preconceito racial faz parte do dia-a-dia escolar das crianças negras, como outras pesquisas têm demonstrado (Camacho, 2001; Pierobom & Colnago, 2005). Em uma pesquisa realizada com jovens de 12 a 15 anos, estudantes de escolas públicas e particulares de Vitória/ES, Camacho (2001) constatou a existência de preconceito racial

contra alunos não-brancos⁴, mas este, geralmente, aparecia mascarado sob a forma de “brincadeiras”.

Ferreira (2002) refere-se ao “preconceito silenciado” existente no Brasil em relação às questões de raça. Sabe-se que a discriminação contra afro-descendentes existe, mas os brasileiros não admitem que sejam racistas e agem como se esse fosse um problema “do outro” (Ferreira, 2002; Lima & Vala, 2004). De fato, percebe-se que há certo mal-estar quando as pessoas vão tratar sobre essas questões etnoraciais, pois, via de regra, não sabem como devem se referir aos negros e a questão não é discutida. De acordo com Ferreira (2002),

Parece ser 'politicamente correto' tratar o afro-descendente como 'moreno', palavra fortemente enraizada na cultura brasileira. É um exemplo de uma situação que revela uma estratégia simbólica de fuga de uma realidade em que a discriminação impera. Dessa forma, as pessoas procuram elementos de identificação em símbolos do grupo considerado social e economicamente dominante, no caso o brasileiro branco-europeu. (p. 72)

Como visto, os dados da presente pesquisa vão ao encontro do que afirmam, há muito, os autores que trabalham com as questões de raça: a existência de um preconceito velado no Brasil que, por ser negado, é muito difícil de ser compreendido e combatido (Ferreira, 2002).

2. Violência Entre os Pais

Antes de discutir os dados de prevalência de violência doméstica, é importante ressaltar, como afirma Gonçalves (1999), que tal tema é polêmico e isto acaba por se

⁴ De acordo com Camacho (2001), as vítimas preferenciais eram os negros, mas a autora relatou que as crianças de origem asiática também eram alvo de “brincadeiras” preconceituosas.

traduzir em diferentes definições de violência: algumas são mais abrangentes, abarcando toda e qualquer forma de abuso, outras restringem a aplicação do termo "violência doméstica" apenas às formas mais graves de agressão. Carlson (2000) diz que a prevalência da exposição de crianças à violência doméstica é difícil de ser estimada e está diretamente relacionada a quatro fatores: (a) como a violência entre os pais é definida e se a violência da mãe contra o companheiro também é medida; (b) se a definição inclui abuso emocional e físico; (c) o período investigado (ano anterior à pesquisa ou toda a vida); (d) o tipo de amostra estudada.

Assim, vale ressaltar que, na presente pesquisa, considerou-se que o participante esteve exposto à violência doméstica entre os pais, caso ele respondesse ter presenciado pelo menos um ato de violência física ou psicológica (inclusive verbal) em qualquer momento de sua vida. O mesmo critério foi usado para definir a exposição à violência direta que o aluno sofreu por parte dos pais.

No estudo aqui apresentado, mais da metade dos participantes relatou ter presenciado pelo menos um ato de violência física e/ou psicológica entre os pais, sendo que a prevalência total de violência da mãe contra o pai e do pai contra a mãe foi idêntica. Averiguando a prevalência de cada ato de violência interparental, entretanto, verificou-se que a porcentagem de alunos que relatou ter visto o pai "jogar, amassar, bater ou chutar algo" durante uma briga com companheira foi significativamente maior do que a de alunos que relatou ter visto a mãe cometer esse tipo de agressão contra seu parceiro. Com relação à agressão física, aproximadamente 12% dos participantes disse ter presenciado esse tipo de violência entre os pais e todos esses também relataram ter testemunhado violência psicológica interparental.

Os dados de prevalência de violência conjugal da presente pesquisa são semelhantes aos resultados encontrados por Henning et al. (1997), que realizaram uma

pesquisa retrospectiva com estudantes universitários para avaliar o impacto psicológico do fato de terem presenciado agressão física entre os pais durante a infância e adolescência. Utilizando a subescala de violência física do CTS-2, os autores verificaram que 14% dos participantes presenciaram pelo menos um incidente de violência física entre os pais, sendo que na maioria das vezes essa violência era recíproca (tanto o pai como a mãe eram autores de agressões). A violência psicológica não foi pesquisada por estes autores.

Baldry (2003) diz que 17,4% dos alunos participantes de sua pesquisa relataram alguma forma de exposição à violência entre os pais. Essa prevalência foi menor do que a constatada na presente pesquisa, mas deve-se ressaltar que alguns fatores dificultam a possibilidade de comparação entre os dois estudos. Em primeiro lugar, é preciso dizer que, apesar de Baldry ter investigado a ocorrência de violência verbal (xingamentos, insultos, etc.) entre os pais, sua pesquisa não considerou esse ato para calcular a prevalência de violência doméstica no geral, enquanto, no estudo aqui discutido, todos os atos investigados foram considerados na análise. Depois, há que se ressaltar que, no artigo de Baldry, a autora apresentou apenas a proporção de violência interparental no geral, sendo que a porcentagem desta violência por subtipos (física ou psicológica) não foi relatada.

Da mesma forma como aconteceu na presente pesquisa, outros estudos mostraram que quando se verifica a proporção de violência conjugal do marido contra a esposa e vice-versa, a ocorrência de ambas tende a ser semelhante (por exemplo: Archer, 2000; Caetano, McGrath, Ramisetty-Mikler, & Field, 2005; Feldman & Ridley, 2000; Straus et al., 1996; Straus, 2004). Contudo, cabe ressaltar que, embora a mulher também seja violenta em seus relacionamentos, na maioria das vezes age dessa forma como meio de se defender das agressões do marido (Tjaden & Thoennes, 2000). Além

disso, quando há violência física, mesmo que seja mútua, a mulher tem maior probabilidade do o marido de ser ferida e de necessitar de cuidados médicos (Moura & Reichenheim, 2005; Nazroo, 1995, Tjaden & Thoennes, 2000, Weston, Temple, & Marshall, 2005).

Um fator que chamou a atenção em relação às respostas dos alunos sobre a exposição aos tipos de violência investigados foi que, para dois comportamentos (“pai insultou ou xingou a mãe” e “pai atirou alguma coisa na mãe”), as meninas relataram ter presenciado esses tipos de violência com mais frequência do que os meninos. Duas hipóteses foram levantadas para explicar essa diferença: a) as meninas poderiam discriminar melhor a violência do pai dirigida à mãe, sendo mais sensíveis a essa violência, b) pode ser que elas, por ficarem mais tempo em companhia da mãe, teriam mais "oportunidades" para presenciar essa violência. Dessa forma, seriam necessários outros estudos para confirmar se há diferenças nos relatos de meninas e meninos sobre a violência dos pais em relação às mães e, caso isso ficasse confirmado, quais fatores poderiam explicar essas diferenças.

3. Violência Familiar contra a Criança

Os dados sobre a ocorrência de violência familiar contra a criança são ainda mais expressivos quando verificamos a proporção de alunos que sofreu algum tipo de agressão (física ou psicológica) por parte dos pais: constatou-se que apenas 15% dos participantes declarou não ter sido vítima de qualquer forma de violência doméstica em toda a sua vida. Esses dados apóiam os resultados encontrados por outros pesquisadores sobre a prevalência de violência sofrida pela criança e pelo adolescente em diversos países, indicando que este fenômeno é muito frequente, apesar das diversas legislações que visam acabar com a violência doméstica (Assis, 1995; Azevedo & Guerra, 2001;

Finkelhor, Ormrod, Turner, & Hamby, 2005; Moura & Reichenheim, 2005; Straus & Donnelly, 2001; Zeanah & Scheeringa, 1997).

No Brasil, Azevedo e Guerra (2001) investigaram os tipos de punição corporal aos quais estavam submetidos estudantes do ensino fundamental, com idades entre sete e 15 anos, de escolas públicas municipais da cidade de São Paulo. Mais de 50% dos alunos revelou ter sido agredido em casa, sendo que uma grande parte desses, assim como no presente estudo, apanhava com objetos como: chinelo, cinto, mangueira, etc. Azevedo e Guerra dizem que a alta prevalência de violência física, especialmente das modalidades em que os pais usam objetos para agredir a criança, impressiona, visto que estas têm um grande potencial de ferir a criança.

Straus e Donnelly (2001) apresentaram dados de dois estudos realizados nos Estados Unidos (o primeiro em 1975 e o segundo em 1985) que investigaram, em uma amostra representativa da população nacional constituída por pais de crianças entre zero e 17 anos, a frequência de punição corporal utilizada por estes contra seus filhos. Em ambos os estudos, na faixa etária de 10 a 12 anos, 60% dos pais admitiu ter usado alguma forma de punição corporal e esse número caiu para 40% – o que os autores também consideraram alto – no caso de pais de adolescentes entre 12 e 14 anos.

Em geral, pode-se dizer que tanto meninas quanto meninos sofrem violência por parte dos pais, mas, para alguns comportamentos aqui investigados, observou-se que havia uma maior proporção de violência contra os meninos do que contra as meninas. Isso ocorreu especialmente quando foram verificadas as modalidades de violência física moderada e severa, sendo que o sexo feminino parecia ser mais “protegido” do que o masculino. Esse resultado que indica uma maior proporção de meninos sofrendo punição física, especialmente a do tipo mais severa, foi encontrado por outros autores,

como Assis (1995), Azevedo e Guerra (2001), Nobes, Smith, Upton e Heverin (1999), Straus e Donnelly (2001) e Santos (2001).

Foi possível verificar que, em quase todos os atos investigados na presente pesquisa, era especialmente a figura materna que aparecia como agressora, dado condizente com a literatura sobre violência doméstica contra a criança (Assis, 1995; Azevedo & Guerra, 2001; Deslandes, 1994; Mello, 1999; Santos, 2001; Silva, 2002; Straus & Donnelly, 2001). De acordo com alguns autores (Assis, 1995; Deslandes, 1994; Nobes et al., 1999), isso aconteceria porque, via de regra, é a mãe quem passa mais tempo com os filhos e assume maior responsabilidade pela educação destes. Sendo assim, poder-se-ia supor que pais que passassem tanto tempo com os filhos quanto as mães passavam seriam tão punitivos quanto estas. Para testar tal hipótese, Nobes et al. (1999) realizaram uma pesquisa com 366 famílias, cujo objetivo foi verificar com que frequência pais e mães relatavam usar punição corporal contra seus filhos. Além disso, os pesquisadores questionaram quem era o principal responsável pelo cuidado das crianças (pai ou mãe) e as atividades que os genitores realizavam com elas. Os resultados da pesquisa indicaram que, quando o tempo gasto com as crianças era equivalente, pais e mães puniam os filhos em igual proporção e que as figuras paternas tendiam a usar punição severa com mais frequência do que as maternas.

4. Relações entre Violência Doméstica e *Bullying*

No presente estudo, a associação entre violência doméstica e *bullying* foi testada em uma amostra de 239 alunos do ensino fundamental. Além disso, procurou-se verificar se a cronicidade de violência doméstica (VD) diferia nos três grupos de alunos envolvidos em *bullying*: grupo comparação (alunos sem envolvimento em intimidação), grupo de vítimas (estudantes que eram alvo de *bullying*) e grupo de vítimas-agressoras

(alunos que eram alvo/autores). De modo geral, os resultados confirmaram que os alunos expostos à violência doméstica, de forma direta e indireta, tinham mais chance de se envolverem em situações de intimidação na escola, especialmente como alvo/autor. Entretanto, os resultados não foram iguais para meninos e meninas, o que indica que o impacto da violência doméstica era diferente de acordo com o gênero dos participantes. As associações entre violência doméstica e autoria de *bullying* na escola não puderam ser testadas, dado o baixo número de participantes classificados apenas como autores de *bullying*.

4.1. Violência entre os pais e bullying:

Os alunos que presenciaram violência psicológica entre os pais, em comparação àqueles que não estavam expostos a esta, tinham maior chance de se envolverem em *bullying* como vítimas-agressoras, especialmente no caso das participantes do sexo feminino. Entre os garotos, somente um tipo de exposição à violência conjugal esteve associado ao envolvimento em *bullying* como alvo/autor: no grupo de vítimas-agressoras havia uma maior proporção de garotos que presenciaram a mãe ameaçar bater ou atirar alguma coisa no parceiro do que entre os meninos que não se envolverem em *bullying*. Não houve associação significativa entre estar exposto à violência psicológica entre os pais e ser vítima de *bullying* na escola.

Ao contrário do esperado, estar exposto à violência física interparental não aumentou a chance dos alunos participantes se envolverem em *bullying*, nem como alvo, nem como alvo/autor. Segundo Pepler, Catallo e Moore (2000), vários pesquisadores têm encontrado que crianças expostas à violência conjugal apresentam um risco maior do que as não expostas de manifestarem problemas de comportamento, tais como impulsividade, hiperatividade, agressão, conflitos com irmãos e com pares, entre outros. Com relação à agressividade infantil, a Teoria da Aprendizagem Social

(Bandura, 1973) tem sido invocada por muitos autores (Baldry, 2003; Graham-Bermann, 2001; Maldonado & Williams, 2005) para explicar como a violência pode ter origem na família. De acordo com essa teoria, as crianças aprendem a ser agressivas observando agressão, particularmente aquela perpetrada pelos pais (Bandura, 1973), e crianças de ambos os gêneros teriam maior possibilidade de serem agressivos ao serem expostos a modelos de pessoas violentas. Na presente pesquisa, entretanto, observou-se que somente a exposição à violência psicológica entre os pais teve associação significativa com envolvimento em *bullying* como alvo/autor, tendo isso ocorrido apenas para as meninas, o que confirma em parte o proposto pela Teoria da Aprendizagem Social. Esperava-se, contudo, que resultados semelhantes fossem obtidos para os meninos e que a violência física interparental também estivesse relacionada ao *bullying*.

No entanto, antes de chegar a quaisquer conclusões, é importante considerar as limitações impostas pelo tamanho da amostra na presente pesquisa. Apesar do número de participantes ter possibilitado o uso de testes estatísticos, ao separar os estudantes em subgrupos de acordo com o envolvimento destes em *bullying* e de acordo com o sexo, muitos testes acabaram sendo realizados com um número baixo de participantes, o que pode ter prejudicado a representatividade da amostra. Tal problema foi mais evidente nas análises realizadas com os participantes do sexo masculino, visto que estes, no total, eram apenas 83 e aqueles que relataram exposição à violência entre os pais, menos ainda, de modo que algumas associações nem puderam ser testadas por meio da estatística de *Odds Ratio* (ver Tabelas 9 a 16).

Além disso, poucos foram os estudos que verificaram as associações entre exposição à agressão entre os pais e violência entre pares na escola. Baldry (2003) encontrou que estar exposto à violência entre os pais aumentava a chance dos

participantes de ambos os gêneros relataram envolvimento em *bullying* como autores, o que, de acordo com a autora, confirma a teoria proposta por Bandura. Infelizmente, comparar os resultados do estudo de Baldry (2003) com os aqui constatados não é possível, visto que esta pesquisadora não considerou que o envolvimento dos participantes em *bullying* poderia se dar como alvo/autores e isso limita a possibilidade de generalização de seus resultados.

Os resultados relacionados à cronicidade da violência interparental indicam que esta violência era maior no grupo de alunos classificados como alvo/autores de *bullying* do que nos outros dois grupos (grupo comparação e grupo de vítimas). Contudo, somente uma diferença estatisticamente significativa foi encontrada e apenas para o sexo feminino: o escore total de violência entre os pais foi significativamente maior no grupo de vítimas-agressoras do que no grupo sem envolvimento em *bullying*.

Houve uma correlação positiva fraca, porém significativa, entre a violência psicológica interparental e o envolvimento dos participantes em situações de intimidação na escola, mas apenas para os alunos no geral e para as participantes do sexo feminino. A violência física entre os pais, todavia, só foi correlacionada ao *bullying* em uma ocasião: a violência física do pai contra a mãe correlacionou-se significativamente com o escore total de *bullying* entre as meninas (ver Tabela 22).

Tendo em vista as limitações expressas anteriormente, conclui-se que seria importante que outras pesquisas fossem realizadas, classificando os participantes como alvo, autores, alvo/autores e grupo comparação (sem envolvimento em *bullying*), de forma a verificar se a exposição à violência interparental aumenta a chance de envolvimento dos alunos em *bullying* na escola, além de possíveis diferenças entre os sexos. Tais pesquisas deveriam, também, ser realizadas com amostras representativas, obtidas por meio de técnicas estatísticas de amostragem, que aumentam a confiabilidade

dos dados (Barbetta, 2005). Quanto maior a amostra, maior é a possibilidade de constatar diferenças entre grupos (Barbetta, 2005), o que nos leva a crer que, muitas das diferenças aqui constatadas (como a maior cronicidade de violência interpaparental no grupo de vítimas-agressoras), mas que não foram significativas, pudessem ter outro resultado caso o número de participantes tivesse sido maior.

4.2. *Violência contra a criança e bullying*

A violência perpetrada pelos pais contra os participantes, no presente estudo, muitas vezes esteve associada com envolvimento em intimidação na escola, embora com diferenças de acordo com o gênero dos participantes. No geral, os participantes que declararam ter sido vítima de qualquer tipo de violência por parte da mãe tinham, aproximadamente, três vezes mais chance de se envolverem em *bullying* como alvo ou como alvo/autor. Por sua vez, a violência do pai aumentava em 3,1 vezes a chance de ser alvo de intimidação e em 4,3 vezes, de ser alvo/autor de *bullying*. Verificando por sexo, percebe-se que sofrer violência por parte dos pais aumentou a chance de os meninos serem alvo e alvo/autores de *bullying*. As meninas foram afetadas pela violência familiar mais no sentido de relatar que eram vítimas-agressoras, sendo várias as associações significativas entre essas duas violências.

Das quatro categorias de violência doméstica investigadas (exposição à violência do pai contra a mãe, exposição à violência da mãe contra o pai, ter sofrido violência por parte do pai, ter sofrido violência por parte da mãe), a violência do pai contra o filho foi o tipo que mais vezes esteve associado com envolvimento em situações de *bullying*. Os estudantes do sexo masculino que relataram ter sofrido qualquer violência por parte do pai ou figura paterna, em comparação aos que não relataram tal violência, tinham 15,9 vezes mais chance de se envolverem em *bullying* como vítima do e 5,3 vezes mais chance de serem alvo/autores. Por sua vez, as garotas que disseram ter sofrido violência

paterna também tiveram uma maior chance de envolvimento em *bullying* como vítimas-agressoras: considerando que eram 21 as formas de agressão do pai contra as participantes que poderiam estar associados a envolvimento em *bullying* como vítima-agressora, mais da metade destas associações mostrou-se estatisticamente significativa. Não foram encontradas associações significativas entre a violência por parte do pai e a vitimização por *bullying* entre as participantes do sexo feminino.

Os fatores familiares que predispõem uma criança a se tornar vítima de *bullying* ainda não foram bem explorados pela ciência (Bowers et al., 1992; Schwartz et al., 2005). De fato, há poucas pesquisas sobre o tema e muitas destas apresentam problemas como não distinguir as vítimas exclusivas de *bullying* daquelas que são, também, agressoras; apresentar os resultados sem realizar análises estatísticas específicas por sexo (como em Duncan, 1999), ou, ainda, realizar a pesquisa com apenas um dos gêneros (p.ex., em Schwartz et al., 2005).

Duncan (1999) realizou uma pesquisa com o intuito de verificar a relação entre violência contra a criança e a vitimização por *bullying* numa amostra de 210 universitários. Os resultados de seu estudo mostraram que todos os tipos de violência contra a criança – abuso físico, emocional e sexual – tinham associação com ter sido alvo de intimidação por pares na infância. As vítimas de *bullying*, em comparação aos estudantes sem esse histórico, tinham maiores escores de violência doméstica perpetrada pela mãe, mas não pelo pai. Infelizmente, o pesquisador não apresentou seus resultados por gênero e não verificou se os participantes foram vítimas-passivas ou vítimas-agressoras ao vivenciarem o *bullying*, mas essa indicação de que a violência do pai não está associada significativamente com a vitimização por *bullying* foi replicada, no presente estudo, para as meninas (como explicitado anteriormente), mas não para os garotos.

As pesquisas sobre vitimização por *bullying*, que distinguiram as vítimas passivas daquelas que são provocadoras (ou agressoras), mostraram que, os alunos que são exclusivamente alvos de *bullying*, tendem a ter mães super-protetoras (Bowers et al., 1992; Ladd & Ladd, 1998), que apresentam um monitoramento excessivo e intrusivo em relação às atividades dos filhos (Ladd & Ladd, 1998). Geralmente essas famílias não demonstram ser mais agressivas do que a das crianças não envolvidas em *bullying*, ao contrário do que acontece no grupo de alunos que são autores ou alvo/autores de intimidação (Schwartz et al., 2005). Nestes grupos, a violência familiar é um fator que sempre aparece associado à autoria de *bullying*, tal como demonstrado pela presente pesquisa.

Um resultado importante de ser destacado foi que, na presente pesquisa, quanto mais severa era a violência física cometida pelo pai contra os participantes, maior foi a chance dos alunos relatarem envolvimento em *bullying* como alvo ou como alvo/autores, e isso foi obtido em ambos os gêneros. Rican, Klicperova, Kozeny e Koucka (1993, citados por Flouri & Buchanan, 2003) mostraram que o comportamento das figuras paternas é mais fortemente relacionado à participação dos filhos em *bullying* do que o é o comportamento da mãe. De fato, a importância do pai tem sido destacada na literatura como um fator de proteção importante, especialmente quando a mãe é uma pessoa ausente ou pouco adequada (Flouri & Buchanan, 2003). Por outro lado, se o pai também falha, a criança apresenta um risco maior de envolver-se em *bullying* do que se pudesse contar com uma figura parental adequada. Esse resultado mostra a importância de incluir as figuras paternas e os relatos de crianças sobre suas relações com os pais em pesquisas sobre *bullying*, pois seu comportamento tem uma influência fundamental para o desenvolvimento dos filhos. Sem dúvida, essa é uma lacuna a ser preenchida em estudos futuros, uma vez que, via de regra, quando um dos responsáveis pela criança é

incluído em pesquisas (como fontes de informação sobre as relações familiares, por exemplo), a mãe é quem costuma participar, o que gera um viés no trabalho e impossibilita que outras relações importantes sejam estudadas (Schwartz et al., 2005; Watson et al., 2005).

A relação entre sofrer violência por parte dos pais e atuar como alvo/autor de *bullying* foi bastante evidenciada no presente estudo. Além de haver uma maior prevalência de violência dos pais contra os filhos entre as vítimas-agressoras, este foi o grupo que relatou os escores mais altos de vitimização direta. No geral, os alunos alvo/autores tiveram escores médios de violência doméstica duas vezes maiores do que os relatados pelos participantes sem envolvimento em *bullying*.

A violência dos pais contra os filhos esteve muitas vezes correlacionada significativamente com a vitimização e com a autoria de *bullying* na escola. Tais correlações foram positivas e, embora fracas, mostraram que quanto maior era a pontuação dos alunos nas escalas que mediam a violência contra a criança, maior o escore no questionário de *bullying*. Esses dados vão ao encontro dos resultados de Watson et al. (2005): estes autores constataram que as vítimas-agressoras relatavam práticas parentais mais severas e punitivas, tanto verbal quanto fisicamente, do que o grupo de adolescentes sem envolvimento em *bullying*.

Schwartz et al. (2005) acompanharam 198 meninos nos primeiros anos escolares (a pesquisa iniciou-se no jardim de infância e terminou na quarta série), com o intuito de investigar como se dava o desenvolvimento do comportamento agressivo e dificuldades de ajustamento social na amostra pesquisada. Logo no início da pesquisa, foi realizada uma entrevista estruturada com a mãe de cada criança participante, abordando tópicos como: disciplina, conflitos entre a mãe e seu parceiro, exposição da criança à violência em casa e na comunidade e sobre o uso de violência física contra a criança por parte de

um adulto da família. Quando as crianças estavam na terceira ou quarta série, os pesquisadores investigaram, entre outras coisas, quais eram as crianças envolvidas em *bullying*. Os resultados indicaram que os garotos que emergiram como vítimas-agressoras foram, com mais frequência, aqueles cujas mães haviam relatado conflitos familiares, punição física como forma de disciplina e hostilidade materna. Tais dados foram confirmados no presente estudo, pelo menos no que se refere à associação entre ser vítima direta de violência doméstica e atuar na escola como alvo/autor de *bullying*.

Rigby (1994) diz que estar envolvido em *bullying* na escola pode significar que a criança vem de uma família que está, em geral, funcionando menos efetivamente do que a de crianças não envolvidas em intimidação na escola. Embora o objetivo da presente pesquisa fosse verificar apenas uma faceta do relacionamento familiar – a presença ou não de violência doméstica –, pode-se dizer que as famílias de crianças envolvidas situações de intimidação na escola, assim como diz Rigby (1994), funcionavam menos efetivamente do que a dos estudantes que não relataram nenhuma atuação em *bullying*, sendo que havia mais violência doméstica no grupo de vítimas-agressoras.

É importante mencionar duas limitações do presente estudo que merecem uma atenção especial em futuras pesquisas. Primeiro, houve um baixo número de alunos classificados apenas como autores de *bullying*, o que impossibilitou a realização de testes estatísticos com esse grupo. Depois, a violência sexual não foi investigada na presente pesquisa, mas há evidências de que ela esteja correlacionada à vitimização por pares: Duncan (1999) constatou que, no grupo de vítimas de *bullying*, havia uma maior proporção de pessoas abusadas sexualmente na infância do que no grupo sem envolvimento em intimidação como vítima.

Como já dito anteriormente, seria importante, também, que estas pesquisas fossem realizadas com um maior número de participantes, visto que, amostras maiores,

tendem a evidenciar de forma mais consistente as diferenças entre os grupos e, além disso, permitem o uso de testes estatísticos mais sofisticados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alta prevalência de alunos classificados como alvo/autores de *bullying* e a constatação de que esses alunos sofrem múltiplas violências (por parte dos pares e, no lar, são vitimizados com frequência tanto pelas mães, como pelos pais) são dados preocupantes e que devem ser considerados na hora do planejamento de políticas anti-*bullying*. Muitos autores (Craig & Pepler, 2003; Haynie et al., 2001; Espelage & Swearer, 2003; Nansel et al., 2001; Schwartz et al., 2005) indicam que as crianças classificadas como alvo e autoras de *bullying* possuem mais chance de apresentar problemas emocionais e de comportamento do que os alunos classificados apenas como vítimas ou como agressores. Ou seja, as vítimas-agressoras, frequentemente, apresentam os problemas emocionais, típicos dos alvos de *bullying* – tais como ansiedade, depressão, isolamento social, ideação suicida, entre outros–, e os problemas comportamentais dos autores de intimidação – menor rendimento acadêmico, comportamentos de risco (fumar, tomar bebidas alcoólicas), rejeição por parte dos pares (Haynie et al., 2001; Nansel et al., 2001; Limber, 2002).

Além de todos os problemas acima evidenciados, uma das reações mais extremas de violência contra pares, utilizar armas de fogo contra colegas, tem sido atribuída a alunos com o perfil das vítimas-agressoras: crianças tímidas, ansiosas, deprimidas, porém, impulsivas e com traços agressivos (Watson et al., 2005). Incidentes como os de Columbine – no estado do Colorado, nos Estados Unidos, no qual dois estudantes abriram fogo contra colegas e professores, mataram 13 pessoas, e, depois, cometeram suicídio – e Taiúva – município do estado de São Paulo, Brasil, onde um jovem de 18 anos invadiu a escola em que havia estudado, disparou 15 tiros contra alunos e funcionários, feriu oito pessoas e, depois, se matou – são chocantes e,

felizmente, raros, mas alertam para as conseqüências devastadoras que o *bullying* pode causar na vida dos alunos envolvidos nessa violência (Williams, 2003). Embora esses episódios de assassinato maciço de colegas sejam os que recebem mais atenção da mídia e da população, o *bullying* que ocorre no dia-a-dia e que, geralmente, passa despercebido, traz sérias conseqüências para os envolvidos nessa situação.

Assim, defende-se que as crianças e adolescentes envolvidas em situações de *bullying* não podem ser ignorados no planejamento dos currículos e práticas docentes, considerando que:

- a) É no espaço da sala de aula, muitas vezes quando o professor está presente, que grande parte da violência entre alunos acontece (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Pereira et al., 2004). Assim, o professor pode atuar tanto de forma a impedir novas ocorrências (intervindo de forma adequada), como também de forma a “incentivar” a violência, o que pode acontecer pelo desconhecimento desta situação em sala de aula ou mesmo ao “reforçar” atitudes discriminatórias entre os alunos (como professores que reforçam estereótipos chamando alunos de “burros” e “não inteligentes”, por exemplo).
- b) O *bullying* não deve ser considerado como uma característica normal de desenvolvimento de crianças e adolescentes, mas sim um indicador de risco para o abandono escolar e para a adoção de comportamentos violentos mais graves, como porte de armas, brigas freqüentes e delinqüência (Lopes Neto & Saavedra, 2003).
- c) Sendo um grupo de risco⁵, é alta a probabilidade de desenvolverem dificuldades e atrasos na aprendizagem e no desenvolvimento, se não receberem

⁵ Gargiulo (2003) diz que indivíduos incluídos em grupos de risco são aqueles que ainda não foram identificados como tendo uma deficiência ou dificuldade, mas que tem uma alta probabilidade de manifestar uma deficiência por causa de desvantagens nas condições biológicas, ambientais ou genéticas.

uma intervenção adequada (Gargiulo, 2003). Pode-se considerar estes alunos como “deficientes circunstanciais”, como aponta Carvalho (1998), que define tais “deficientes” como “(...) aqueles que apresentam transtornos na aprendizagem, manifestações condutais atípicas, comprometimentos emocionais, decorrentes da interação entre suas características biopsicossociais e os obstáculos interpostos pelo meio físico e social” (pp. 120). Assim, além do *bullying* apresentar-se como uma questão que merece destaque para a educação, também é relevante para a Educação Especial.

A escola deve ser um lugar seguro, no qual os alunos aprendam a ser pessoas no sentido amplo do termo; um lugar em que as condutas de humilhação, sarcasmo, agressão e violência não devem ter espaço (Socias, 2003). Ignorar a prática de *bullying* e as conseqüências desta, além de ser contraproducente do ponto de vista humano e social, contribui para o fracasso escolar, pois, como bem descreve Carvalho (1998), o não reconhecimento das dificuldades das crianças com distúrbios de aprendizagem (e aí se incluem aquelas com problemas emocionais) é uma forma de rejeição,

além de ser um convite a deixá-la entregue à própria sorte, produzindo-se, dessa forma, a deficiência circunstancial. É o que, lamentavelmente, se constata no cotidiano de nossas escolas onde esses alunos acabam se tornando deficientes pela falta de respostas educativas adequadas (p. 122).

Para finalizar, destaca-se, mais uma vez, que a escola é um espaço de aprendizagem e de formação de pessoas. Para que isso seja garantido, é imprescindível a existência de um ambiente seguro, no qual os alunos possam aprender e conviver com outras pessoas, num clima saudável e tranquilo. Este ambiente seguro, além de ser importante do ponto de vista do desenvolvimento humano, é direito da criança e do adolescente, estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que

ratificou o direito desta população à liberdade, respeito e dignidade. O direito ao respeito, como diz o Artigo 17 do ECA, “consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

A existência de *bullying* nas escolas fere integralmente esse direito e deve ser combatido por todas as instâncias de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., & Rua, M. G. (2003). *Violência nas escolas: Versão resumida*. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.
- Alves, A. M., & Coura-Filho, P. (2001). Avaliação das ações de atenção às mulheres sob violência no espaço familiar, atendidas no Centro de Apoio à Mulher (Belo Horizonte), entre 1996 e 1998. *Ciência & Saúde Coletiva*, 6(1), 243-257.
- Ando, M., Asakura, T., & Simons-Morton, B. (2005). Psychosocial influences on physical, verbal, and indirect bullying among Japanese early adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 25(3), 268-297.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 126, 651-680.
- Assis, S. G. (1995). Violência doméstica: Estudo epidemiológico sobre a vitimização física dos adolescentes de Duque de Caxias/Rio de Janeiro. *Medicina, Ribeirão Preto*, 28(1), 51-60.
- Associação Nacional de Empresa de Pesquisa (2003). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Consultado em 05 de maio de 2004, em: <http://www.anep.org.br/codigosguias/CCEB.pdf>
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (2001). *Mania de bater: A punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Iglu.
- Baker, J. A. (1998). Are we missing the forest for the trees? Considering the social context of school violence. *Journal of School Psychology*, 36(1), 29-44.

- Baker, L., Cunningham, A., & Male, C. (2002). Peer-to-peer aggression in residential settings: Increasing understanding to enhance intervention. *Centre for Children and Families in the Justice System*. Consultado em 10 de maio de 2005, em: http://www.lfcc.on.ca/sigma_peerviolence.html
- Baldry, A. C. (2003). Bullying in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27, 713-732.
- Bandura, A. (1973). Theories of aggression. In: *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs; NJ: Prentice Hall.
- Barbetta, P. A. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora UFSC.
- Batsche, G. M., & Knoff, H. M. (1994). Bullies and their victims: Understanding a pervasive problem in the schools. *School Psychological Review*, 23(2), 165-174.
- Berdondini, L., & Smith, P. K. (1996). Cohesion and power in the families of children involved in bullyhictim problems at school: An Italian replication. *Journal of Family Therapy*, 18, 99-102.
- Berthold, K. A., & Hoover, J. H. (2000). Correlates of bullying and victimization among intermediate students in the midwestern USA. *School Psychology International*, 21(1), 65-78.
- Blankemeyer, M., Flannery, D. J., & Vazonyi, A. T. (2002). The role of aggression and social competence in children's perceptions of the child-teacher relationship. *Psychology in the Schools*, 39(3), 293-304.
- Bolger, K. E., Patterson, C. J., & Kupersmidt, J. B. (1998). Peer relationships and self-esteem among children who have been maltreated. *Child Development*, 69(4), 1171-1197.

- Bosworth, K., Espelage, D. L., & Simon, T. R. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *Journal of Early Adolescence, 19*(3), 341-362.
- Bowers, L., Smith, P. K., & Binney, V. (1992). Cohesion and power in the families of children involved in bully/victim problems at school. *Journal of Family Therapy, 14*, 371-387.
- Brancalhone, P. G., Fogo, J. C., & Williams, L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal: Avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 113-117.
- Brancalhone, P. G., & Williams, L. C. A. (2003). Crianças expostas à violência conjugal: Uma revisão de área. Em: M. C. Marquize, M. A. Almeida, S. Omote & E. D. O. Tanaka (Orgs.), *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais* (pp. 123-130). Coleção Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, (6), Londrina: Eduel.
- Brasil (1989). *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.
- Caetano, R., McGrath, C., Ramisetty-Mikler, S., Field, C.A. (2005). Drinking, alcohol problems and the five-year recurrence and incidence of male to female and female to male partner violence. *Alcoholism, clinical and experimental research, 29*(1), 98-106.
- Camacho, L. M. Y. (2001). As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa, 27*(1), 123-140.
- Carlson, B. E. (2000). Children exposed to intimate partner violence: Research, findings and implications for intervention. *Trauma, Violence, & Abuse, 1*(4), 321-342.

- Carney, A. G., & Merrel, K. W. (2001). Bullying in school: Perspectives on understanding and preventing an international problem. *School Psychology International*, 22(3), 364-362.
- Carney, J. V. (2000). Bullied to death: Perceptions of peer abuse and suicidal behaviour during adolescence. *School Psychology International*, 21(2), 213-223.
- Carvalho, R. E. (1998). *Temas em Educação Especial*. Rio de Janeiro: WVA Editora.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- Chan, J. H. F., Myron, R., & Crawshaw, M. (2005). The efficacy of non-anonymous measures of bullying. *School Psychology International*, 26(4), 443-458.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, 4(8), 432-443.
- Chauí, M. (1984). Participando do debate sobre mulher e violência. Em: R. Cardoso (Org.). *Perspectivas antropológicas da mulher*, 4 (pp. 23-52). Rio de Janeiro: Zahar.
- Côrrea, L. C., & Williams, L. C. A. (2000). O impacto da violência conjugal sobre saúde mental das crianças. *Resumos de Comunicações Científicas da XXX Reunião Anual de Psicologia* (p. 235). Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília, DF.
- Craig, W. M., & Pepler, D. J. (2003). Identifying and targeting risk for involvement in bullying and victimization. *Canadian Journal of Psychiatry*, 48(9), 577-582.
- Currie, C., Samdal, O., Boyce, W., & Smith, R. (2001). *Health behaviour in school-aged children: A WHO cross-national study (HBSC)*. University of Edinburgh: Child and Adolescent Health Research Unit (CAHRU).

- Deslandes, S. F. (1994). Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: Análise de um serviço. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1), 177-187.
- Duncan, R. D. (1999). Maltreatment by parents and peers: The relationship between child abuse, bully victimization, and psychological distress. *Child Maltreatment*, 4(1), 45-55.
- Egea, J. N. (2002). Perspectiva sistémica de la conducta problemática y agresiva. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 5(4). Consultado em 30 de Novembro de 2003, em <http://www.aufop.org/publica/reifp/02v5n4.asp>.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2003). Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here? *School Psychology Review*, 32(3), 365-383.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus Editora.
- Feldman, C. M., & Ridley, C. A. (2000). The role of conflict-based communication responses and outcomes in male domestic violence toward female partners. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17(4-5), 552-573.
- Ferreira, R. F. (2002). O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 69-86.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive, national survey. *Child Maltreatment*, 10(1), 5-25.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of mother involvement and father involvement in adolescent bullying behavior. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(6), 634-644.

- Gargiulo, R. M. (2003). *Special education in contemporary society: An introduction to exceptionality*. Wadsworth: Thomson Learning.
- Graham-Bermann, S. A. (2001). Designing intervention evaluations for children exposed to domestic violence: Applications of research and theory. In S. Graham-Bermann & J. Edleson (Eds.), *Domestic violence in the lives of children: The future of research, intervention, and social policy* (pp. 237-268). Washington, DC: American Psychological Association.
- Genevat, R., Del Rey, R., & Ortega, R. (2002). Etiquetas verbales en el vocabulario de docentes, padres y madres para nominar el fenómeno bullying. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 5(4). Consultado em 30 de Novembro de 2003, em: <http://www.aufop.org/publica/reifp/02v5n4.asp>.
- Gonçalves, H. S. (1999). Infância e violência doméstica: Um tema da modernidade. Em: L. M. T. Brito (Org.). *Temas de Psicologia Jurídica* (pp. 133-160). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- Griffin, R. S., & Gross, A. M. (2004). Childhood bullying: Current empirical findings and future directions for research. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 379-400.
- Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da *Conflict Tactics Scales Form R* (CTS-1), usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 1083-1093.
- Hayden, C., & Blaya, C. (2002). Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. Em: E. Debarbieux, & C. Blaya, (Orgs.) *Violências nas escolas: Dez abordagens européias* (pp. 63-102). Brasília: UNESCO.

- Haynie, D. L., Nansel, T., Eitel, P., Crump, A. D., Saylor, K., Yu, K., & Simons-Morton, B. (2001). Bullies, victims, and bully/victims: Distinct groups of at-risk youth. *Journal of Early Adolescence, 21*(1), 29-49.
- Henning, K., Leitenberg, H., Coffey, P., Bennett, T., & Jankowski, M.K. (1997). Long-term psychological adjustment to witnessing interparental physical conflict during childhood. *Child Abuse & Neglect, 21*(6), 501-515.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1999). *Resolução de conflitos domésticos e violência intrafamiliar nos bairros da Tijuca e do Maracanã* (Relatório de Pesquisas n.º 4). Rio de Janeiro: CDDI/IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2003). *Base de informações do censo demográfico 2000: Resultado do universo por município* [CD]. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jaffe, P., Wolfe, D., Wilson, S., & Zak, L. (1986). Similarities in behavioral and social maladjustment among child victims and witness to family violence. *American Journal of Orthopsychiatry, 56*(1), 142-146.
- Kristensen, S. M., & Smith, P. K. (2003). The use of coping strategies by Danish children classed as bullies, victims, bully/victims, and not involved, in response to different (hypothetical) types of bullying. *Scandinavian Journal of Psychology, 44*, 479-488.
- Kumpulainen, K., & Räsänen, E. (2000). Children involved in bullying at elementary school age: their psychiatric symptoms and deviance in adolescence. *Child Abuse and Neglect, 24*(12), 1567-1577.
- Ladd, G. W., & Ladd, B. K. (1998). Parenting behaviors and parent-child relations: Correlates of peer victimization in kindergarten? *Developmental Psychology, 34*(6), 1450-1458.

- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411.
- Limber, S. P. (2002). Addressing youth bullying behaviors. In: M. Fleming & K. Towey (Eds.), *Educational forum on adolescent health: Youth bullying* (pp. 4-16). Chicago: American Medical Association.
- Lisboa, C., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciuncula, L. L., & Marchi, R. B., (2002). Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 345-362.
- Lopes Neto, A. A., & Saavedra, L. H. (2003). *Diga não para o bullying: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Maldonado, D. P. A. (2003). O comportamento agressivo na escola de crianças do sexo masculino e sua relação com violência doméstica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.
- Maldonado, D. P. A., & Williams, L. C. A. (2005). Meninos agressivos na escola: Qual a relação com violência doméstica? *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362.
- Marturano, E. M. (1997). A criança, o insucesso escolar precoce e a família: Condições de resiliência e vulnerabilidade. Em: E. M. Marturano, S. R. Loureiro, & A. W. Zuardi (Orgs), *Estudos em saúde mental* (pp. 132-145). Ribeirão Preto: Comissão de Pós Graduação em Saúde Mental da FMRP/USP.
- Marturano, E. M. & Loureiro, S. R. (2003). O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. Em: A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 259 - 291). Campinas: Editora Alínea.

- Mello, A. C. M. P. C. (1999). Estatística comentada de casos de violência contra crianças e adolescentes atendidos por uma psicóloga na vara central da infância e da juventude de São Paulo. *Anais do III Congresso Ibero Americano de Psicologia Jurídica*. São Paulo, p. 42-46. Consultado em 02 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao/livro09.htm>
- Moura, A. T. M. S., & Reichenheim, M. E. (2005). Estamos realmente detectando violência familiar contra a criança em serviços de saúde? A experiência de um serviço público do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(4)*, 1124-1133.
- Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. *Journal of the American Medical Association, 285*, 2094-2100.
- Nazroo, J. (1995). Uncovering gender differences in the use of marital violence: The effect of methodology. *Sociology, 29(3)*, 475-94.
- Newman-Carlson, D., & Horne, A. M. (2004). Bully busters: A psychoeducational intervention for reducing bullying behavior in middle school students. *Journal of Counseling & Development, 82*, 259-267.
- Nobes, G., Smith, M., Upton, P., & Heverin, A. (1999). Physical punishment by mothers and fathers in British homes. *Journal of Interpersonal Violence, 14(8)*, 887-902.
- O'Brien, M., & Chin, C. (1998). The relationship between children's reported exposure to interparental conflict and memory biases in the recognition of aggressive and constructive conflict words. *Personality and Social Psychology Bulletin, 24*, 647-656.

- Olweus, D. (2003). A profile of bullying at school. *Educational Leadership*, 60(6), 12-17.
- Pearce, J. B., & Thompson, A. E. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79, 528-531.
- Pepler, D. J., Catallo, R., & Moore, T. E. (2000). Consider the children: Research informing interventions for children exposed to domestic violence. In: R. A. Geffner, P. G. Jaffe, & M. Sudermann (Ed.). *Children exposed to domestic violence: Current issues in research, intervention and policy development* (pp. 37-57). London: Haworth Maltreatment & Trauma Press.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. K. (2004). Bullying in portuguese schools. *School Psychology International*, 25(2), 241-254.
- Pierobom, C. P. N. & Colnago, N. A. S. (2005). Bullying: Comportamento de alerta a pais, professores e gestores escolares. Em: *Livro de Programa e Resumos do 2º Congresso Brasileiro de Educação Especial* (pp. 166-167). São Carlos: UFSCar/PPGEEs; ABPEE.
- Rae-Grant, N., Thomas, B. H., Offord, D. R., & Boyle, M. H. (1989). Risk protective factors, and the prevalence of behavioral and emotional disorders in children and adolescents. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28(2), 262-268.
- Ramírez, F. C. (2001). Variables de personalidad asociadas en la dinámica “bullying” (agresores ‘versus’ víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, 17(1), 37-43.
- Rigby, K. (1994). Psychosocial functioning in families of Australian adolescent schoolchildren involved in bully/victim problems. *Journal of Family Therapy*, 16, 173-187.

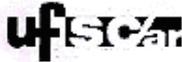
- Ronning, J. A., Handegaard, B. H., & Sourander, A. (2004). Self-perceived peer harassment in a community sample of Norwegian school children. *Child Abuse & Neglect*, 28, 1067-1079.
- Saffioti, H. I. B. (1997). Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. Em: M. Kuptas (Org.), *Violência em debate* (pp. 39-57). São Paulo: Editora Moderna.
- Santos, G. E. (2001). Intervenção com famílias portadoras de necessidades especiais: O caso de pais agressores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.
- Schwartz, D. (2000). Subtypes of Victims and Aggressors in Children's Peer Groups. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 28(2), 181-192.
- Schwartz, D., Toblin, R. L., Abou-ezzeddine, T., Tom, S. R., & Stevens, K. I. (2005). Difficult home environments and the development of aggressive victims of bullying. In: K. A. Kendall-Tackett & S. M. Giacomini (Eds.), *Child victimization* (chapter 11, pp. 1-19). Kingston, New Jersey: Civic Research Institute.
- Silva, M. A. S. (2002). Violência contra crianças: Quebrando o pacto do silêncio. Em: D. C. A. Ferrari & T. C. C. Vecina (Orgs.). *O fim do silêncio na violência familiar* (pp. 73-80). São Paulo: Editora Ágora.
- Simmons, R. (2004). *Garota fora do jogo: A cultura oculta da agressão entre meninas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Sinclair, D. (1985). *Understanding wife assault: A training manual for counselors and advocates*. Toronto: Publications Ontario.
- Soares, B. M. (1999). *Mulheres invisíveis: Violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Socias, C. O. (2003). Los problemas de convivencia en las aulas: Análisis del bullying. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 6(2). Consultado em 30 de Novembro de 2003, em: <http://www.aufop.org/publica/reifp/03v6n2.asp>.
- Sposito, M. P. (2001) Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 27(1), 87-103.
- Straus, M. A. (2001). *Scoring the CTS2 and CTSPC*. Consultado em 05 de Maio de 2004, em <http://pubpages.unh.edu/~mas2/CTS28S.pdf>.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811.
- Straus, M. A., & Donnelly, D. A. (2001). *Beating the devil out of them: Corporal punishment in american families and its effects on children*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scale (CTS2). *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Finkelhor, D., Moore, D. W., & Runyan, D. (1998). Identification of child maltreatment with the parent-child conflict tactics scales: Development and psychometric data for a national sample of American parents. *Child Abuse & Neglect*, 22(4), 249-270.
- Sudermann, M., Jaffe, P. G., & Schieck, E. (1996). Bullying: Information for parents and teachers. Consultado em 28 de Outubro de 2003, em: <http://www.lfcc.on.ca/bully.htm>.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the national violence against women survey. *Violence Against Women*, 6(2), 142-161.

- Watson, M. W., Andreas, J. B., Fischer, K. W., & Smith, K. (2005). Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents. In: K. A. Kendall-Tackett & S. M. Giacomini (Eds.), *Child victimization* (chapter 12, pp. 1-23). Kingston, New Jersey: Civic Research Institute.
- Werner, E. (1990). Protective factors and individual resilience. Em: S. J. Meisels, & J. P. Schonkoff (Orgs.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 97-116). Cambridge: Cambridge University Press.
- Weston, R., Temple, J., & Marshall, L. (2005). Gender symmetry and asymmetry in violent relationships: Patterns of mutuality among racially diverse women. *Sex Roles*, 53(7-8), 553-571.
- Westra, B., & Martin, H. P. (1981). Children of battered women. *Maternal: Child Nursing Journal*, 10(1), 41-54.
- Williams, L.C.A. (2001). Violência doméstica: Há o que fazer? Em: H. J. Guilhardi, M. B. B. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz. (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 7 (pp. 01-12). Santo André: ESETec.
- Williams, L. C. A. (2003). Sobre deficiência e violência: Reflexões para uma análise de revisão de área. *Revista brasileira de educação especial*, 9(2), 141-154.
- Williams, L. C. A. (2004). Violência e suas representações. Em: G.C. Solfa (Org.), *Gerando cidadania: Reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente* (pp. 133-145). São Carlos, SP: Rima Editora.
- World Health Organization (2004). The WHO cross-national study of health behavior in school-aged children from 35 countries: Findings from 2001-2002. *Journal of School Health*, 74(6), 204-206.

Zeanah, C. H., & Scheeringa, M. S. (1997). The experience and effects of violence in infancy. In: J. D. Osofsky (Ed.). *Children in a violent society*. New York: The Guilford Press.

Anexo 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351-8109 / 3351-8110
Fax: (016) 3361-3176 - Telex 162369 - SCUF - BR
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil
End. Eletrônico: propp@power.ufscar.br

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, Referente ao Protocolo N.º
077/04.

Deliberação

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP/UFSCar), registrado do CENEP/Conselho Nacional de Saúde, pelo ato de 18 de março de 1997, acolhendo o parecer do relator e do revisor, deliberou pela aprovação do projeto "Relação entre Exposição à Violência Doméstica Física e Psicológica e envolvimento em Bullying Entre Adolescentes do Ensino Fundamental", com protocolo nº 077/04, a ser desenvolvido por Fernanda Martins França sob a orientação do (a) Profa. Dra. Lúcia Cavalcante de Albuquerque Williams.

São Carlos, 4 de outubro de 2004.

Profa. Dra. Márcia Nittuma Ogata
Coordenadora do CEP/UFSCar

Anexo 2

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PAIS

Eu, Fernanda Martins França, psicóloga, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Profª Drª Lúcia C. A. Williams, peço a gentileza de sua colaboração para a realização da minha pesquisa de Mestrado, autorizando a participação de seu(ua) filho(a) _____ em minha pesquisa.

Esse trabalho tem como objetivo investigar, entre adolescentes do ensino fundamental, a relação entre a exposição à violência doméstica e o envolvimento em situações de violência na escola (*bullying*).

A participação do seu(ua) filho(a) consistirá em responder a questões sobre conflitos no relacionamento familiar e no relacionamento do adolescente com os colegas na escola. Os adolescentes responderão a estas questões em apenas um dia (que será combinado com a direção da escola), e não precisarão se identificar, nem identificar qualquer pessoa da família (ou seja, o questionário será respondido de forma anônima). A participação não é obrigatória, sendo que o seu(ua) filho(a) terá total liberdade para responder ou não às perguntas, tendo o direito de desistir em qualquer momento.

Toda informação obtida será mantida em sigilo. Em caso de publicação dos resultados em Congressos ou Revista Científica será assegurada a **não identificação** do seu(ua) filho(a), bem como da escola onde ele(a) estuda.

Garanto que serão feitos esforços para não haver desconforto ou constrangimento que possam causar qualquer efeito nocivo ao(à) seu(ua) filho(a). Firmo o compromisso de zelar pelo respeito e dignidade de todos os participantes. Caso seu(ua) filho(a) demonstre alguma reação emocional devido à temática abordada durante a aplicação do questionário, ele(a) poderá ser encaminhado pela pesquisadora para algum serviço, na comunidade, que forneça assistência psicológica.

Consideramos que este projeto tem importância para o melhor entendimento sobre o fenômeno da violência, que tanto preocupa a pais e educadores, servindo como um estudo descritivo dos fatores de risco aos quais nossas crianças e adolescentes estão expostos. Além disso, a compreensão de como a dinâmica familiar interfere na incidência de comportamentos agressivos na escola pode contribuir para o desenvolvimento de futuras estratégias de prevenção que envolvam a família e a escola.

Como uma forma de retribuição pela participação de seu(ua) filho(a) na pesquisa, serão distribuídas canetas para os alunos participantes e eles participarão de uma palestra, ministrada por mim, sobre os direitos da criança e do adolescente.

Sem mais, peço a gentileza de poder contar com a sua colaboração. Qualquer outro esclarecimento ou informação sobre a pesquisa poderá ser obtido com Fernanda, pelos telefones: 3351-8745 (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, UFSCar) ou 3361-7427 (residência).

Atenciosamente,

 Fernanda Martins França
 Pesquisadora responsável

 Profª Drª Lúcia C. A. Williams

Nome do pai ou responsável: _____

Estou ciente e concordo com a participação de meu filho(a).

Data: ___/___/___ Assinatura do pai ou responsável: _____

Anexo 3



LAPREV
 Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
 Universidade Federal de São Carlos
 Departamento de Psicologia
 Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos/SP
 Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
 Home-page: www.cech.ufscar.br/laprev.htm

FORMULÁRIO DE PESQUISA: CONFLITOS NA ESCOLA E NA FAMÍLIA

PARTE I - Identificação

1 - Sexo: () masculino () feminino

2 - Quantos anos você tem? _____

3 - Qual é a sua raça/cor?

() branca () negra () parda

() amarela () indígena

4 - Quantas pessoas moram em sua casa? _____

5 - Quem são as pessoas que moram com você? (Não escrever nomes, indicar apenas se é sua mãe, seus irmãos, tios e outras pessoas. Por exemplo: *Eu moro com minha mãe, meu pai e dois irmãos*)

6 - Quantas pessoas que moram com você trabalham fora? _____

7 - Onde as pessoas de sua casa trabalham e o que fazem?

Quem?	Profissão (o que faz):	Onde trabalha?
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

8 - Você frequenta alguma igreja?

() sim () não

Se sim, qual?: _____

9 - Escolaridade do pai (até que série o pai estudou?): _____

() não sei

10 - Escolaridade da mãe (até que série a mãe estudou?): _____

() não sei

11 - Quantos, dos cômodos abaixo, há em sua casa?

Cômodo	Não Tem	TEM			
	0	1	2	3	4 ou +
Sala					
Cozinha					
Quarto					
Banheiro					
Copa					
Área de serviço					

12 - Por favor, indique quantos, de cada um dos itens na tabela abaixo, existem em sua casa:

Item	Não tem	Tem			
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer					

PARTE II - Conflitos na escola

Abaixo estão algumas questões sobre conflitos que podem ocorrer na escola com os colegas. O foco destas questões é no conflito que envolve a **intimidação do mais forte para o mais fraco**, de forma freqüente e **com o propósito de machucar ou magoar a vítima**. Nós entendemos que um(a) estudante está sendo **intimidado** quando outro(a) estudante, ou grupo de

estudantes, diz ou faz coisas desagradáveis a ele (ou ela). Também é **intimidar** quando um(a) estudante é importunado(a) repetidamente de um jeito que ele (ou ela) não gosta, ou quando a pessoa é deixada, de propósito, fora de coisas. Entretanto, não se trata de intimidação quando 2 alunos discutem ou brigam, tendo a mesma força física. Também não é **intimidação** quando a importunação é feita de um modo amigável ou como brincadeira.

13 – Quantas vezes você foi intimidado na escola, nos últimos 3 meses, das seguintes formas (circule a opção):

- a) Algum colega me chamou de nomes feios, fez brincadeiras de mau gosto a meu respeito, ou me provocou de um jeito ofensivo.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

- b) Outros estudantes me deixaram de fora de propósito, me excluíram de seu grupo de amigos ou me ignoraram por completo.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

- c) Alguém me bateu, chutou, empurrou, sacudiu, ou me trancou dentro de algum lugar.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

- d) Outros estudantes disseram mentiras ou espalharam rumores falsos a meu respeito e tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

- e) Eu fui ridicularizado por causa de minha raça ou cor.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

- f) Eu fui ridicularizado por causa de minha religião.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

g) Outros estudantes fizeram piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual a meu respeito.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

h) Alguém tirou ou sumiu com algum dos meus pertences.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

i) Recebi bilhetes ou mensagens por telefone/internet com ameaças ou dizendo coisas desagradáveis a meu respeito.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

j) Me chamaram por apelidos ou nomes com o propósito de ofender.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

k) Outro estudante fez piadinhas a respeito de alguma característica física minha (por exemplo, peso, altura, cabelo, ou pelo fato de eu usar óculos/aparelho)?

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

l) Outro estudante fez piadinhas sobre minha roupa ou sapato (por exemplo, disse que meu tênis era velho e rasgado, ou que minha roupa estava suja).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

m) Algum colega ameaçou me bater ou fazer coisas que me prejudicassem.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

14 - Quantas vezes você intimidou outro estudante na escola, nos últimos 3 meses, das seguintes formas:

a) Eu chamei outro estudante de nomes feios, fiz brincadeiras de mau gosto a respeito dele, ou provoquei meu colega de um jeito ofensivo.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

b) Eu deixei ele ou ela fora de propósito, excluí ele ou ela do meu grupo de amigos, ou ignorei a pessoa por completo.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

c) Eu bati, chutei, empurrei, sacudi, ou tranquei a pessoa dentro de algum lugar.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

d) Eu espalhei rumores falsos sobre ele ou ela e tentei fazer com que os outros não gostassem da pessoa.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

e) Eu ridicularizei outro estudante por causa de sua raça ou cor.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

f) Eu ridicularizei outro estudante por causa de sua religião.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

g) Fiz piadinhas, gestos ou comentários de natureza sexual a respeito de outros estudantes.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

h) Eu tirei ou sumi com os pertences dele ou dela.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

i) Enviei bilhetes ou mensagens por telefone/internet com ameaças ou dizendo coisas desagradáveis para outro estudante.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

j) Chamei outro estudante por apelidos ou nomes com o propósito de ofender.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

k) Fiz piadinhas a respeito de alguma característica física de outro estudante (por exemplo, peso, altura, cabelo, ou pelo fato de ele usar óculos/aparelho)?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

l) Fiz piadinhas sobre a roupa ou sapato de um colega (por exemplo, disse que o tênis dele era velho e rasgado, ou que sua roupa estava suja).

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

m) Ameacei bater ou fazer coisas que prejudicassem outro colega.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhuma vez	1 ou 2 vezes nos últimos 3 meses	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana	Várias vezes por semana

PARTE III - Conflitos entre os pais

Mesmo que um casal se relacione bem, tem vezes em que um discorda do outro, se chateia com o outro, quer coisas diferentes, ou discutem e se agriem apenas porque estão de mau humor, cansados ou por outra razão qualquer. Os casais também têm maneiras diferentes de tentar resolver seus problemas, sendo que algumas vezes fazem coisas que podem machucar fisicamente ou magoar o outro.

Abaixo há uma lista de coisas que seus pais (ou os responsáveis por você) podem ter feito um ao outro durante um momento de conflito. Leia atentamente cada alternativa e assinale (circule) quantas vezes em sua vida aconteceu de você presenciar cada situação descrita.

15 – Seu PAI (ou o companheiro de sua mãe) já:

a) Insultou ou xingou a sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

b) Gritou com a sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

c) Ameaçou bater ou atirar alguma coisa em sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

d) Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga com sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

e) Atirou alguma coisa em sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

f) Empurrou, bateu, chutou ou feriu a sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

g) Espancou ou tentou estrangular sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

h) Ameaçou com faca/arma de fogo ou usou faca/arma de fogo contra sua mãe (ou madrasta).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

15.1 - Se você respondeu SIM a algum dos itens acima, identifique o(s) autor(es) do(s) ato(s):

- () seu pai biológico
 () companheiro de sua mãe ou madrasta
 () ex-companheiro de sua mãe ou madrasta
 () namorado de sua mãe ou madrasta
 () ex-namorado de sua mãe ou madrasta

16 - Quantas vezes sua MÃE (ou a companheira de seu pai):

a) Insultou ou xingou o seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

b) Gritou com o seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

c) Ameaçou bater ou atirar alguma coisa em seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

d) Jogou, amassou, bateu ou chutou algo durante uma briga com seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

e) Atirou alguma coisa em seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

f) Empurrou, bateu, chutou ou feriu o seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

g) Espancou ou tentou estrangular seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

h) Ameaçou com faca/arma de fogo ou usou faca/arma de fogo contra seu pai (ou padrasto).

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

16.1 - Se você respondeu SIM a algum dos itens acima, identifique a(s) autor(as) do(s) ato(s):

- | | |
|---|--|
| () sua mãe biológica | () namorada de seu pai ou padrasto |
| () companheira de seu pai ou padrasto | () ex-namorada de seu pai ou padrasto |
| () ex-companheira de seu pai ou padrasto | |

PARTE IV - Conflitos entre Pais e Criança

Os filhos muitas vezes fazem coisas erradas, desobedecem ou fazem seus pais ficarem com raiva. Nós gostaríamos de saber como seus pais reagem quando você faz alguma coisa de que eles não gostam.

Abaixo há uma lista de coisas que seus pais podem ter feito a você. Leia atentamente cada alternativa e assinale (circule) a resposta que mais tenha a ver com você, de acordo com a legenda.

17 - Sua MÃE (ou madrasta) já:

a) Espancou você com tapas no bumbum, braço ou perna.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

b) Bateu em você com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

c) Beliscou você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

d) Sacudiu você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

e) Ameaçou espancar ou bater em você, mas não bateu.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

f) Deu um tapa em seu rosto, cabeça ou orelha.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

g) Agarrou você pelo pescoço tentando te esganar.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

h) Falou alto, berrou ou gritou com você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

i) Xingou ou amaldiçoou você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

j) Chamou você de retardado, vadio ou outros nomes similares.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

k) Deu um soco ou chutou você fortemente.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

l) Atirou você no chão.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

m) Queimou ou jogou líquido quente em você de propósito.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

n) Disse que iria mandar você embora ou expulsá-lo de casa.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

o) Ameaçou você com uma faca ou arma.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

p) Deu uma surra em você, batendo em você muitas vezes, com força.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

17.1 - Se você respondeu SIM a algum dos itens acima, identifique a(s) autor(as) do(s) ato(s):

- | | |
|---|--|
| () sua mãe biológica | () namorada de seu pai ou padrasto |
| () companheira de seu pai ou padrasto | () ex-namorada de seu pai ou padrasto |
| () ex-companheira de seu pai ou padrasto | |

18 - Seu PAI (ou padrasto) já:

a) Espancou você com tapas no bumbum, braço ou perna.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

b) Bateu em você com cinto, escova de cabelo, vara ou algum outro objeto.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

c) Beliscou você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

d) Sacudiu você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

e) Ameaçou espancar ou bater em você, mas não bateu.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

f) Deu um tapa em seu rosto, cabeça ou orelha.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

g) Agarrou você pelo pescoço tentando te esganar.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

h) Falou alto, berrou ou gritou com você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

i) Xingou ou amaldiçoou você.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

j) Chamou você de retardado, vadio ou outros nomes similares.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

k) Deu um soco ou chutou você fortemente.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

l) Atirou você no chão.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

m) Queimou ou jogou líquido quente em você de propósito.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

n) Disse que iria mandar você embora ou expulsá-lo de casa.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

o) Ameaçou você com uma faca ou arma.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

p) Deu uma surra em você, batendo muitas vezes, com força.

<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Nunca	Sim, aconteceu 1 vez	Sim, aconteceu algumas vezes	Sim, aconteceu muitas vezes	Sim, sempre acontece

18.1 - Se você respondeu SIM a algum dos itens acima, identifique o(s) autor(es) do(s) ato(s):

- () seu pai biológico
- () companheiro de sua mãe ou madrasta
- () ex-companheiro de sua mãe ou madrasta
- () namorado de sua mãe ou madrasta
- () ex-namorado de sua mãe ou madrasta

Anexo 4

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Fernanda Martins França, psicóloga, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Profª Drª Lúcia C. A. Williams, peço a gentileza de sua colaboração para a realização da minha pesquisa de Mestrado.

Esse trabalho tem como objetivo investigar, entre adolescentes do ensino fundamental, a relação entre a exposição à violência doméstica e o envolvimento em situações de violência na escola (*bullying*).

A sua participação consistirá em responder a questões sobre o relacionamento familiar e o sobre o seu relacionamento com os colegas na escola. O questionário será aplicado em apenas um dia (que será combinado com a direção da escola), e você não precisará se identificar, nem identificar qualquer pessoa de sua família (ou seja, o questionário será respondido de forma anônima). A sua participação não é obrigatória, sendo que você o direito de desistir mesmo no dia da aplicação do questionário.

Toda informação obtida será mantida em sigilo. Em caso de publicação dos resultados em Congressos ou Revista Científica será assegurada a sua **não identificação**, bem como da escola onde você estuda.

Garanto que serão feitos esforços para não haver desconforto ou constrangimento que possam causar qualquer efeito nocivo a você. Firmo o compromisso de zelar pelo respeito e dignidade de todos os participantes. Caso algum participante se sinta mal ou demonstre alguma reação emocional devido à temática abordada durante a aplicação do questionário, ele poderá ser encaminhado pela pesquisadora para algum serviço, na comunidade, que forneça assistência psicológica.

Consideramos que este projeto tem importância para o melhor entendimento sobre o fenômeno da violência, servindo como um estudo descritivo dos fatores de risco aos quais crianças e adolescentes estão expostos. Além disso, a compreensão de como a dinâmica familiar interfere na incidência de comportamentos agressivos na escola pode contribuir para o desenvolvimento de futuras estratégias de prevenção que envolvam a família e a escola.

Como uma forma de retribuição pela participação sua participação na pesquisa, serão distribuídas canetas para todos os alunos participantes e estes participarão de uma palestra, ministrada por mim, sobre como reduzir a violência na escola.

Sem mais, peço a gentileza de poder contar com a sua colaboração. Qualquer outro esclarecimento ou informação sobre a pesquisa poderá ser obtido com Fernanda, através dos telefones: 3351-8745 (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, UFSCar) ou 3361-7427 (residência).

Atenciosamente,

Fernanda Martins França
Pesquisadora responsável

Nome do aluno participante: _____

Estou ciente e concordo em participar: _____

Data: ___/___/___ Assinatura do participante: _____
